

Mara Lúcia Pinsegher

**A NARRATIVA COMO ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO DE
IDENTIDADES RACIAIS E TRADUTÓRIAS:
O caso de *O tradutor: memórias de um homem que desafiou a guerra,*
de Daoud Hari**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Estudos da Tradução: Teoria, Crítica e História da Tradução.

Orientador: Prof. Dr. Werner Ludger Heidermann

FLORIANÓPOLIS
2011

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da
Universidade Federal de Santa Catarina

P658n Pinsegher, Mara Lúcia

A narrativa como espaço de construção de identidades raciais e tradutórias [dissertação] : o caso de o tradutor : memórias de um homem que desafiou a guerra de Daoud Hari / Mara Lúcia Pinsegher ; orientador, Werner Ludger Heidermann. - Florianópolis, SC, 2011.

126 p.: tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

Inclui referências

1. Tradução e interpretação. 2. Narrativa - (Retórica). 3. Identidade. 4. Evolução social. 5. Pós-colonialismo. I. Heidermann, Werner Ludger. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. III. Título.

CDU 801=03

Mara Lúcia Pinsegher

**A NARRATIVA COMO ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO DE
IDENTIDADES RACIAIS E TRADUTÓRIAS:
o caso de *O tradutor: memórias de um homem que desafiou a guerra,*
de Daoud Hari**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 6 junho de 2011.

Profa. Dra. Andréia Guerini
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Werner Ludger Heidermann
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Mona Baker
University of Manchester, England

Profa. Dra. Tinka Reichmann
Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Lincoln Paulo Fernandes
Universidade Federal de Santa Catarina

Dedico ao meu pai, Vitor Pinsegher,
(in memoriam) e a minha mãe, Anita
Pinsegher, que me ensinaram que a vida é
mais interessante quando conseguimos
alcançar nossos sonhos.
Ao meu marido, José Endoença Martins, pelo
constante incentivo em me ajudar a superar
os obstáculos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Werner Ludger Heidermann, que me acolheu e tornou a minha caminhada mais intelectual;

aos professores Rosvitha Friesen Blume, Markus J. Weininger e Maria Lúcia Vasconcelos, que muito contribuíram para a evolução do meu conhecimento;

aos professores Meta Elisabeth Zipser e Lincoln Paulo Fernandes, pela presença e sugestões para aprimorar minha dissertação no processo da qualificação;

aos meus amigos de classe, pelas discussões produtivas dentro e fora da sala de aula;

aos meus familiares, que compreenderam a minha ausência nos encontros de família;

aos secretários da PGET, Fernando e Guilherme, que me esclareceram, com paciência e bom humor, a respeito de minhas dúvidas administrativas;

a Reginaldo Francisco pela formatação e a Elisabete Terezinha Compiani pela revisão gramatical desta dissertação;

aos meus três gatos que são seres sencientes Tea Cake, Aimé e Malcolm X, que me ajudaram a relaxar durante o processo da escrita da dissertação;

a Deus, pois sem a fé que dedico a Ele, não teria conseguido o equilíbrio para terminá-la.

“Conversamos com o garoto que tinha sido capturado. Eu traduzi.”

(HARI, Daoud. O Tradutor: memórias de um homem que desafiou a Guerra. Tradução de Antônio E. de Moura Filho. Rio de Janeiro: Rocco, 2008, p. 96)

RESUMO

Esta dissertação analisou a relação entre narrativa, identidades e tradução na obra *O Tradutor: memórias de um homem que desafiou a guerra* de Daoud Hari. A hipótese que norteou o estudo sugere que os fenômenos da narrativa pós-colonial, juntamente com valores culturais africanos e ocidentais, estão na origem geradora das identidades do narrador e providenciam o conteúdo linguístico/cultural para o estudo da tradução. Os objetivos estabeleceram quatro tipos específicos de análise: (1) as semelhanças e diferenças culturais que relacionam os mundos Africano e Ocidental; (2) as identidades nacionalista, assimilacionista e catalista do narrador; (3) as associações entre essas modalidades de identidades e as categorias de narrativas ontológicas e públicas presentes no *O Tradutor*; e (4) os fenômenos culturais que distinguem texto-fonte e texto-alvo. A metodologia estipulou quatro capítulos: o primeiro discutiu as modalidades narrativas ontológica e pública, com base nos escritos de Baker (2006) sobre o assunto; o segundo relacionou o pós-colonialismo à caracterização das identidades, buscando em Hall (2006) o suporte teórico; o terceiro se valeu de Chesterman (1997), para construir uma visão de tradução como *meme*; o quarto e último capítulo, tomou excertos de *O tradutor* para construir relações entre narratividade, identidade e tradução. Para a análise comparativa do texto de origem e destino, 30 excertos da obra *O Tradutor* foram selecionados – quinze ontológicos e quinze públicos. Os resultados mostraram diferenças entre as narrativas ontológicas e públicas: a primeira se concentrou na vida pessoal do narrador/tradutor Hari; a segunda, nas experiências coletivas do povo sudanês. Os resultados também revelaram distinções identitárias: através da assimilação, Hari se aproximou dos valores culturais do Ocidente: a língua Inglês/Europeu, literatura e tecnologia; por meio do nacionalismo Hari enfatizou o seu apego aos valores culturais africanos como, por exemplo, a família, o idioma nativo zaghawa, e o povo sudanês que enfrentava o genocídio; com o catalismo, soube fundir os valores ocidentais e africanos, simbolizados pela tradução interlingual entre o idioma zaghawa e o inglês. O uso de estratégias de tradução pelo tradutor brasileiro Moura Filho demonstrou que as diferenças entre os idiomas de origem e de destino derivaram da aplicação das estratégias sintáticas, semânticas e pragmáticas. As conclusões realçaram a validade da aproximação da tradução à narratividade e à construção de identidade, em um ambiente marcado pelo tipo de perspectiva pós-colonial que examina a

coexistência de elementos ou fenômenos culturais de africanos e ocidentais em narrativas de autores africanos.

Palavras-chave: Narrativa. Pós-colonialismo. Identidade. *Meme*. Estratégias de tradução.

ABSTRACT

This dissertation has examined the relationship among narrative, identity and translation, in Hari's book *The Translator: a tribesman's memoir of Darfur*. The hypothesis that has guided the study has suggested that postcolonial narrative phenomena, together with African and Western cultural values, have been the aspects generating the narrator's identities, and have provided the contents with linguistic/cultural significance for the study of translation. The objectives have established four types of analysis, specifically, (1) the cultural similarities and differences that go between the African and Western worlds; (2) the narrator's assimilationist, nationalist and catalyst identities; (3) the connections between these modalities of identities and the categories of ontological and public narratives present in *The Translator*; and (4) the cultural phenomena distinguishing source from target text. The methodology has stipulated four chapters: the first has discussed ontological and public narrative modalities, based on the writings of Baker (2006) on the subject; the second has taken from Hall (2006) the guidelines that link identity definition with postcolonial theory and criticism; the third has drawn upon Chesterman's (1997) studies, in order to cope with translation as *meme*; the fourth and final chapter, based on a number of excerpts extracted from *The translator*, has built productive relationships involving narrativity, identity and translation. For the comparative analysis of source and target text, 30 excerpts from *The Translator* have been selected – fifteen ontological; fifteen public. The results have shown differences between ontological and public narratives: the first focusing on the personal life of the narrator/translator Hari; the second portraying the collective experiences of the Sudanese people. The results have also depicted identity differentiation: through assimilation, Hari has shown identification with some Western cultural values: English/European language, literature and technology; Hari's nationalism has emphasized his attachment to African cultural values as, for example, native language Zaghawa, family, and to the Sudanese people who have been going through genocidal experiences; as catalyst African Hari has been able to merge Western into African values, symbolized by the interlingual translation between the languages Zaghawa and English. The use of translation strategies by Brazilian translator Moura Filho has demonstrated that difference between source and target languages has derived from the application of syntactic, semantic and pragmatic strategies. The findings

have confirmed the validity of relating translation, narrative and identity building in an environment marked by the kind of postcolonial perspective that examines the coexistence of African and Western cultural phenomena in African authors' narratives.

Keywords: Narrative. Postcolonial. Identity. *Meme*. Translation Strategies.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
O AUTOR E A OBRA	20
JUSTIFICATIVA E MOTIVAÇÃO	22
HIPÓTESES E OBJETIVOS	23
MÉTODO DE ANÁLISE.....	24
CAPÍTULO 1 - AS CARACTERÍSTICAS DA NARRATIVA.....	29
1.1 NARRATIVA NAS VISÕES DE LEITE (1997) E BENJAMIN (1994).....	29
1.2 BAKER (2006): AMPLIANDO A ABRANGÊNCIA DA NARRATIVA.....	33
1.3 AS TIPOLOGIAS NARRATIVAS DE BAKER (2006).....	35
1.3.1 Narrativa ontológica: os narradores do <i>Self</i>, do Eu, do sujeito	35
1.3.2 Narrativa pública: narradores da denúncia	41
1.4 NARRATIVA E TRADUÇÃO	43
CAPÍTULO 2 - PÓS-COLONIALISMO, REPRESENTAÇÕES E IDENTIDADES EM TEXTOS NARRATIVOS.....	49
2.1 PÓS-COLONIALISMO	49
2.2 REPRESENTAÇÃO E MOBILIDADE IDENTITÁRIA DE HARI	53
2.2.1 A representação da identidade móvel de Hari.....	56
2.2.1.1 Demarcar a identidade nacionalista de Hari, uma narrativa do <i>Self</i>	59
2.2.1.2 Demarcar a identidade assimilacionista de Hari, uma narrativa da denúncia.....	62
2.2.1.3 Demarcar a identidade catalista de Hari, uma narrativa do <i>Self</i> e da denúncia	65
CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DE CATEGORIAS E ESTRATÉGIAS TRANSLATÓRIAS DE CHESTERMAN: EM BUSCA DA DIFERENÇA NA TRADUÇÃO	73
3.1 DISCUSSÃO TEÓRICA.....	74
3.2 TEORIA DA TRADUÇÃO: ESTRATÉGIAS.....	76
3.2.1 Estratégias gramático-sintáticas	77
3.2.2 Estratégias semânticas	79
3.2.3 Estratégias pragmáticas.....	80
3.3 PRÁTICA DA TRADUÇÃO: COMPETÊNCIA E ÉTICA.....	81
3.4 QUESTÕES ÉTICAS	82
CAPÍTULO 4 - NARRATIVAS, IDENTIDADES E ESTRATÉGIAS TRADUTÓRIAS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA	85

4.1 NARRATIVAS ONTOLÓGICAS.....	88
4.1.1 Hari: estratégias tradutórias e identidades assimilacionistas na narrativa ontológica	89
4.1.2 Hari: estratégias tradutórias e identidades nacionalistas na narrativa ontológica.....	92
4.1.3 Hari: estratégias tradutórias e identidades catalistas na narrativa ontológica.....	97
4.2 NARRATIVAS PÚBLICAS.....	101
4.2.1 Hari: estratégias tradutórias e identidades assimilacionistas na narrativa pública	102
4.2.2 Hari: estratégias tradutórias e identidades nacionalistas na narrativa pública	105
4.2.3 Hari: estratégias tradutórias e identidades catalistas na narrativa pública.....	109
4.3 MOBILIDADES E DIFERENÇAS NA TRADUÇÃO.....	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS.....	121

INTRODUÇÃO

Desejamos entender culturas que são diferentes das nossas. Pesquisamos seus valores e suas crenças. Aprendemos e ensinamos línguas estrangeiras. Lemos obras literárias que são originárias de outras línguas e culturas – e quando necessário recorremos à ajuda de intérpretes e tradutores para facilitar nosso ideal de comunicação intercultural.¹

Um aspecto relevante da tradução/interpretação é que elas acontecem em todos os setores da experiência humana nos momentos em que alguém deseja manter contato com outra pessoa cuja língua desconhece. Nestes momentos, o trabalho do tradutor/intérprete é requisitado. As marcas distintivas entre tradução e interpretação e entre seus profissionais se encontram em Schleiermacher (2001[1813]) que, em linhas gerais, mas não conclusivas, avalia intérprete e interpretação, associando os termos ao negócio e à oralidade, aproximando tradutor e tradução da ciência, arte e escrita. A separação entre tradutor e intérprete e entre tradução e interpretação não parece incomodar Hari (2008) na narrativa *O tradutor: memórias de um homem que desafiou a guerra* (doravante, *O Tradutor*), já que navega facilmente entre as duas, em diferentes momentos de suas experiências. A junção dos dois profissionais e das duas atividades no mesmo narrador parece imprescindível, não apenas para a comunicação, mas, em especial, para o desvelamento da trama narrativa. Aí, o tradutor/intérprete Hari percorre deserto e campos de batalha, entre Darfur² e o Chade³, para

¹ STRÜMPER, 2003: 115; “*The Translator in Fiction*” [We want to understand cultures which are different from ours. We research their values and beliefs, we learn and teach foreign languages, we read literary works which originate in other languages and cultures – and, when necessary, we enlist the help of interpreters and translators to facilitate our ideal of intercultural communication].

[Doravante, os originais ingleses e franceses, de citações em português feitas por esta pesquisadora, aparecerão em notas de rodapé]

² Darfur é uma região no extremo oeste do Sudão. Faz fronteira com a Líbia, o Chade e República Centro-Africana. Darfur tem cerca de 6 milhões de habitantes. Divide-se em três estados federais sudaneses: Garb Darfur (Darfur Ocidental); Djanub Darfur (Darfur do Sul) e Chamal Darfur (Darfur do Norte). Disponível em: [http://www.pordarfur.org]; acesso: 22/02/2011.

³ O Chade é um país sem acesso ao mar, localizado no centro-oeste da África. Faz fronteira com a Líbia a norte, com o Sudão a leste, com a República Centro-Africana a sul, com Camarões e Nigéria a sudoeste e com o Níger a oeste. Disponível em: [http://www.portalbrasil.net/africa_chade.htm]; acesso: 22/02/2011.

auxiliar os sobreviventes e refugiados do genocídio⁴ de Darfur, na busca por comida, água e segurança. Ao mesmo tempo em que auxilia os refugiados, Hari sente que precisa fazer mais pela população de Darfur. Com a chegada de repórteres e correspondentes estrangeiros ao Chade, visualiza a chance de ajudar seu povo e passa a trabalhar como intérprete, tradutor, e guia dos profissionais que cobrem o evento. Os problemas de comunicação que este tradutor/intérprete é capaz de solucionar são certamente responsáveis pela construção de pontes de contatos entre o seu país e o mundo, pois com o conhecimento dos idiomas que possui se torna o instrumento de denúncia do que está acontecendo em Darfur.

A narrativa de Hari é tomada, nesta dissertação, como literatura que, para Baker, “constitui uma instituição poderosa para disseminar a narrativa pública em qualquer sociedade.”⁵ Neste sentido, este estudo envolvendo a narrativa *O Tradutor* traz à tona questões de identidades raciais e tradutórias como espaço de construção a partir da narratividade do *Self* (ontológica) e do mundo (pública). Strümper argumenta que “ter um sentido claro do eu significa ter um sentido de identidade, uma noção de pertencer a um grupo social particular, a uma nação, a um espaço geográfico, a uma língua ou a uma comunidade cultural.”⁶ No âmbito da narrativa que produz, Hari se insere neste pertencer, e sua identidade é exposta o tempo todo. Dá voz e rosto ao seu povo quando explicita, no discurso *Testimony of Daoud Ibrahim Hari*⁷, proferido em 24 de junho de 2008, que “Estou aqui como o rosto deles. Estou aqui como a voz deles.”⁸ Maier diz que “a função da tradutora não é a de silenciar, mas a de dar voz, prover textos que levantem questões

⁴ Genocídio tem sido definido como o assassinato deliberado de pessoas, motivado por diferenças étnicas, nacionais, raciais, religiosas e (por vezes) políticas. O genocídio é um tipo de limpeza étnica. O termo genocídio foi criado por Raphael Lemkin, um advogado judeu polonês, em 1944, juntando a raiz grega *geno* (família, tribo ou raça) e *cídio* que quer dizer matar. Disponível em: [<http://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10007043>]; acesso: 23/02/2011. (Doravante a utilização do termo segue o exemplo de Hari em *O Tradutor*).

⁵ BAKER, 2006: 33; “*Translation and Conflict: a narrative account*” [constitutes one of the most powerful institutions for disseminating public narratives in any society].

⁶ STRÜMPER, 2003: 115 [To have a clear sense of self means to have a sense of identity, a notion of belonging to a particular social group, nation, geographical, linguistic or cultural community].

⁷ Testimony of Daoud Ibrahim Hari. Hearing on From Nuremburg to Darfur: Accountability for Genocide Before the Senate Judiciary Subcommittee on Human Rights and the Law, 24 de junho de 2008. Disponível em: [<http://judiciary.senate.gov/hearings/testimony.cfm?id>]; acesso: 13/9/2010.

⁸ Testimony of Daoud Ibrahim Hari. [*I am here as their face. I am here as their voice*].

polêmicas e abram perspectivas.”⁹ A voz silenciada do povo de Darfur e estas questões polêmicas envolvendo a guerra aparecem na narrativa de Hari. Ao mesmo tempo, autor/personagem/narrador Hari é o tradutor/intérprete que usa a tradução para mostrar ao mundo os conflitos de perseguição do governo do Sudão¹⁰ contra o seu povo. Hari cria perspectivas para que a ajuda chegue ao povo de Darfur, em seu testemunho, quando diz: “Ninguém tem o poder de parar a guerra; mas não fazer nada é a certeza de que ela vai continuar.”¹¹

Para entender melhor essa preocupação de Hari com o seu povo, passo a relatar o que está acontecendo em Darfur, baseada nas informações retiradas do acesso a *pordarfur.org*. Segundo o sítio, o genocídio de Darfur apresenta as características de conflito armado em andamento na região de Darfur, que opõe principalmente os *janjaweed*¹² (grupos árabes negros), apoiados pelo governo sudanês (eminentemente árabe), representado por seu Presidente Omar Hassan Ahmad al-Bashir, que lhes têm fornecido armas e assistência e que tem participado de ataques em conjunto com o grupo miliciano, e os povos não árabes da área (grupos africanos). A população de Darfur é negra e de religião muçulmana, enquanto que a milícia *janjaweed* é árabe negra. O conflito iniciou em fevereiro de 2003, com o ataque de grupos rebeldes do Darfur a postos do governo sudanês na região, e em 9 de setembro de 2004 o então secretário de Estado norte-americano Colin Powell denominou o conflito em Darfur de genocídio, declarando-o como a pior crise humanitária do século XX; embora as Nações Unidas ainda não o tenham feito, pois a China, grande parceira comercial do governo sudanês, defende o Sudão em todos os fóruns internacionais que

⁹ MAIER, in CHAMBERLAIN, 1998: 52; “*Gênero e a Metafórica da Tradução*”

¹⁰ Sudão é um país africano, limitado a norte pelo Egito, a leste pelo Mar Vermelho, por onde faz fronteira com a Arábia Saudita, pela Eritreia, e pela Etiópia, a sul pelo Quênia, Uganda, e República Democrática do Congo e a oeste pela República Centro-Africana, Chade e Líbia. A capital é Cartum. Hoje é o maior país da África e está em guerra civil há 46 anos. O Sudão é uma república autoritária onde todo o governo está nas mãos do presidente Omar Hasan Ahmed al-Bashir. Dia 7 de fevereiro de 2011 saiu o resultado do referendo sobre a separação entre norte e sul do Sudão, 98,83% dos eleitores votaram pela criação de um novo país no sul. A votação estava prevista no acordo de paz entre as duas regiões, firmado em 2005. A data predeterminada para a criação de um estado independente é 9 de junho de 2011. Disponível em: [http://www2.mre.gov.br/deaf/daf_3/sudao1.htm]; acesso: 22/02/2011.

¹¹ Testimony of Daoud Ibrahim Hari. [*No one person has the power to stop it; but doing nothing guarantees it will continue*].

¹² Hari, na sua narrativa na página 21, explica que a palavra *janjaweed* “parece ter origem numa palavra antiga que significa “guerreiros da fé” ou talvez seja a combinação de palavras que signifique “espíritos malignos a cavalo”; alguns acreditam que signifique apenas “pistoleiros a cavalo””.

abordam o tema. Algumas propostas de intervenção militar internacional realizadas na ONU não foram aprovadas por veto da China. Em 14 de julho de 2008 o promotor da Corte Criminal Internacional, Luis Moreno-Ocampo, lançou 10 acusações criminais contra o presidente al-Bashir, como as de patrocinar crimes de guerra e crimes contra a humanidade, que foi acusado de ter planejado e implementado o extermínio de três grupos tribais de Darfur por motivos étnicos.

Hari (2008) diz, no já mencionado testemunho, que devemos saber três coisas sobre o genocídio contra a humanidade em Darfur: primeiro, o genocídio deriva da exploração dos recursos naturais, não da religião; segundo, o foco dos Estados Unidos sobre o Oriente Médio tem facilitado as coisas para o Sudão e os seus patrocinadores; terceiro, mais de 2,6 milhões de homens, mulheres e crianças enfrentam uma crise humanitária, e é necessário agir, agora, para ajudá-los. Hari apresenta três possíveis atitudes diante do problema; 1) apoiar amplamente a força de paz das Nações Unidas e financiar os programas mundiais de alimentação em e, ao redor, do Chade Oriental; 2) continuar pressionando o presidente do Sudão e as potências estrangeiras para uma solução política; e 3) ao mesmo tempo, pressionar o Departamento de Estado e, principalmente, o Escritório de População, Refugiados e Migração para criar um programa de reinstalação de refugiados de Darfur, começando com as populações mais vulneráveis.

O AUTOR E A OBRA

O autor da obra *O Tradutor*, Daoud Hari, nasceu e cresceu em Darfur, no Sudão. Hari tem quatro irmãos e três irmãs. O pai era pastor de camelos e a mãe era responsável pelos afazeres da casa. Quando criança, Hari cuidava de cabras e ovelhas e costumava brincar ao anoitecer com os amigos sob o brilho da lua. Desde o genocídio, em 2003, muitos membros de sua família foram mortos, inclusive seu irmão mais velho, Ahmed, que ele mesmo enterrou. Membro da tribo Zaghawa, originária de Darfur do Norte, Hari é vítima da invasão sofrida por seu vilarejo e testemunha viva dos ataques dos grupos rebeldes. Hari ajuda a sua tribo na busca de refúgio e proteção. Aos poucos, percebe que precisa fazer mais por seu povo. Com conhecimentos dos idiomas inglês, árabe e zaghawa, torna-se tradutor/intérprete e guia dos repórteres do *The New York Times*, da *BBC*, e ONGs (organizações não-governamentais). De acordo com seu depoimento em 2008, ele é o terceiro de cinco refugiados de Darfur nos Estados Unidos. Em 15 de março de 2007, Hari chega ao aeroporto internacional JFK, nos Estados

Unidos, como exilado. Com 38 anos, vive em Baltimore. Ainda hoje, segue denunciando os horrores do massacre em Darfur.

Em 2008, Hari escreve *O Tradutor* para mostrar ao mundo o que está acontecendo no Sudão, especificamente em Darfur, sua cidade natal. Na obra, Hari apresenta o significado do nome Darfur: “*Dar* significa terra; *Fur* significa nome de uma tribo do Sul”¹³, ou seja, a “Terra dos Fur”. O seu nome também tem significado: Hari é chamado por muitos amigos de Davi, pois “Daoud é o mesmo que Davi, da Bíblia”¹⁴ e “Hari significa águia.”¹⁵

A obra *O Tradutor* é uma narrativa de denúncia da violência contra o povo de Darfur. Darfur representa a fome, o estupro e o medo para o povo que vive lá. Por outro lado, representa também a riqueza e a ganância de um governo, cujo presidente al-Bashir dirige o país contra o povo e a favor do controle da China sobre os valiosos recursos naturais de Darfur. O narrador de primeira pessoa relata os ataques sofridos contra um povo pobre para o enriquecimento de alguns poucos. Hari viaja para apresentar a sua narrativa ao mundo. Em entrevista à Revista Época, no dia 30 de julho de 2009, a jornalista Brum relata que “o refugiado sudanês Daoud Hari precisa lembrar de seus pesadelos para que o mundo desperte e faça algo para estancar a carnificina em Darfur.”¹⁶ Segundo Brum, Hari veio ao Brasil, pela primeira vez, para contar sua história no *Seminário Internacional de Ações Culturais em Zonas de Conflito*, promovido pelo Itaú Cultural, no final de junho de 2009. Vários livros têm sido lançados sobre Darfur, dentre os quais destaque: *Darfur* por Paolo Pellegrin (2005); *Darfur Diaries: stories of survival* por Jen Marlowe e Aisha Bain e Adam Shapiro (2006); *Heart of Darfur* por Lisa Blaker (2007); *Darfur Darfur* por Leslie Thomas (2008); *Tears of the Desert: a memoir of survival* por Halima Bashir (2009). Alguns DVDs também fazem parte das denúncias do que está acontecendo em Darfur como, por exemplo: *Darfur Diaries: message from home* (2006); *A Journey to Darfur* (2007); *Sand and Sorrow* (2008); *Darfur Now* (2008) e *All about Darfur* (2009). Na entrevista com Hari, Brum também relata que o livro de Hari transforma-se em roteiro pelas mãos do roteirista norte-americano Jeffrey Caine e vai virar filme em Hollywood.

¹³ HARI, 2008: 10

¹⁴ Ibid., p. 79

¹⁵ Ibid., p. 45

¹⁶ BRUM, 2009. Disponível em: [<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI85352-15228,00-DAOUD+HARI+UM+HOMEM+HABITADO+POR+MORTOS.html>]; acesso: 15/08/2010.

A inserção da obra de Hari no mundo, através de várias fontes – imprensa, literatura e filmes – introduz *O Tradutor* no âmbito do pós-colonialismo. A exposição da África dilacerada ao Ocidente e a apresentação de um Ocidente humano aos africanos atingidos pela carnificina de Darfur são as duas estratégias de Hari. A busca recíproca dos dois mundos – positiva ou negativa – segundo o filósofo africano Appiah (1997), descreve a produção literária pós-colonial. Para ele, “no Ocidente”, os escritores africanos

são conhecidos pela África que oferecem; seus compatriotas os conhecem pelo Ocidente que eles apresentam à África e por uma África que eles inventaram para o mundo, uns para os outros e para a África (...) Os intelectuais pós-coloniais da África são quase totalmente dependentes de duas instituições para obter apoio: a universidade africana – uma instituição cuja vida intelectual é maciçamente constituída como ocidental – e os editores e leitores euro-americanos.¹⁷

JUSTIFICATIVA E MOTIVAÇÃO

O presente trabalho justifica-se por alguns fatores. Primeiramente, porque insere a narrativa de Hari num contexto pós-colonial de construção da representação e da identidade. Neste contexto, a construção das identidades de Hari o torna um mediador entre culturas. Strümper (2003) sugere que a “literatura contemporânea está interessada nas questões de identidade, em personagens cujas identidades fragmentadas são reflexos de um mundo moderno fragmentado, em que o deslocamento é um fenômeno generalizado.”¹⁸ Strümper acredita, também, que os “tradutores são figuras ideais para representar o deslocamento e o instrumento através do qual o próprio texto literário pode traduzir a problemática do processo complexo cultural da tradução.”¹⁹ Em seguida, o estudo alcança maior relevância pela contribuição acadêmica que traz para o conjunto das questões teóricas,

¹⁷ APPIAH, 1997: 208-209; “*Na casa de Meu Pai: a África na filosofia da cultura*”

¹⁸ STRÜMPER, 2003: 117 [*Contemporary literature is interested in questions of identity, in characters whose fragmented identities are a reflection of a fragmented modern world, in which displacement is a widespread phenomenon*]

¹⁹ *Ibid.*, p. 117 [*translator is the ideal figure to represent this displacement, and the ideal instrument through which the literary text itself can translate the problematics of the complex cultural process of translation*]

práticas e pedagógicas, que preocupam os pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – PGET, ampliando espaço para a pesquisa sobre as relações entre Estudos da Tradução e Estudos Pós-coloniais. Por fim, uma outra justificativa sugere que a escolha da narrativa *O Tradutor* decorre da percepção pessoal, no texto, de espaço de construção de identidades raciais e tradutórias, marcadas pela mobilidade e a diferença. É nesta mobilidade e diferença que o tradutor-personagem luta através da tradução/interpretação por seu povo. A tradução, nesta narrativa, é uma “arma” que atravessa fronteiras e nos conecta a um país distante.

O que me motivou a analisar esta narrativa foi a constatação de que estamos vivendo, cada vez mais, em um mundo globalizado, onde a tradução tem o importante papel de diminuir as fronteiras e as distâncias existentes entre países e povos. Sem a participação do tradutor não teríamos a oportunidade de conhecer outras culturas. Então, ao me deparar com *O Tradutor*, de Hari, um homem que enfrentou a guerra como tradutor e intérprete de jornalistas estrangeiros e, assim, diminuiu as distâncias entre ele e o mundo, vi uma oportunidade de continuar a minha monografia de 2006, na qual comparei as identidades de Catherine Gagneur de Maryse Condé às identidades de Catherine Earnshaw de Emily Brontë. As diferentes identidades de Hari se aproximam das estratégias da tradução, também marcadas pelas diferenças, na perspectiva de Chesterman (1997).

Em fevereiro de 2010, em viagem a Nova York, encontrei em uma livraria minha maneira de me solidarizar com Hari, comprando um livro dedicado ao povo de Darfur, que diz na capa: “*Toda renda resultante da venda deste livro será doada à ONG Salvem Darfur.*”²⁰ Ao privilegiar o projeto político e humanitário do tradutor Hari como tema central do meu estudo, esta dissertação, também, pode ser vista como um ato de solidariedade àquele povo africano que, ao mesmo tempo em que coloca à disposição do mundo acadêmico produção de conhecimento, também relata à academia brasileira o sofrimento que o povo de Darfur se vê forçado a suportar.

HIPÓTESES E OBJETIVOS

A hipótese sobre a qual este estudo se estabelece sugere: *em “O Tradutor”, os investimentos narrativos pós-coloniais de Hari em valores culturais africanos e ocidentais estão na origem geradora das*

²⁰ [All royalties from the sale of this book will be donated to The Save Darfur Coalition]

suas identidades múltiplas, e são percebidos na comparação entre texto alvo e texto fonte por meio de estratégias de tradução. Definida como o relato de experiências pessoais e institucionais, a narrativa do sujeito pós-colonial Hari forma identidades que fazem o mundo africano e ocidental convergir ou colidir.

Da hipótese decorrem um objetivo geral e quatro específicos. O geral procura analisar as convergências entre os mundos africano e ocidental a partir das explicitações das identidades de Hari – assimilacionista, nacionalista, catalista – em duas modalidades de narrativas – ontológica e pública – através de três estratégias tradutórias – gramático-sintáticas, semânticas e pragmáticas, presentes no conjunto das narratividades de *O Tradutor*.

O primeiro objetivo específico visa detalhar as características das categorias ontológica e pública da narratividade, a partir das perspectivas de vários autores, com ênfase na abordagem de Baker (2006), explicitada na obra *Translation and Conflict: a narrative account*.

O segundo objetivo específico pretende discutir as relações entre pós-colonialismo e formação de identidades africanas. Usam-se vários textos, mas a ênfase recai nas acepções de Appiah sobre pós-colonialismo como um encontro entre a África e o Ocidente, e nas ideias de Hall (2006) sobre identidades em movimento, relacionadas às modalidades ontológica e pública da narrativa.

O terceiro objetivo específico deseja caracterizar uma concepção de tradução como diferença, a partir da noção de *meme* que Chesterman (1997) traz para os estudos da tradução.

Com base nas estratégias estipuladas por Chesterman (1997), o quarto objetivo deseja analisar a tradução textual, cotejando o texto fonte e a língua alvo, a partir das narratividades ontológica e pública, com vista a representar Hari identitária e racialmente como assimilacionista, nacionalista e catalista.

MÉTODO DE ANÁLISE

Tomando em consideração a justificativa, a hipótese e os objetivos, a organização do trabalho que se esboça nesta dissertação comporta quatro capítulos. O primeiro capítulo analisa as características gerais e específicas da narrativa a partir das contribuições teóricas dos pensadores Leite (1997), Benjamin (1994) e Baker (2006). As ideias e conceitos que os três estudiosos estipulam para a narrativa permitem a construção de uma visão conceitual a respeito do fenômeno da

narratividade que vai ancorar a análise do texto de Hari, tema central desta dissertação. Pode-se afirmar que Leite, por exemplo, sugere que narrativas são histórias narradas, mas com o decorrer dos tempos o narrador começa a desaparecer. Benjamin, por seu lado, argumenta que a arte de narrar está em extinção porque as pessoas não estão mais repassando seus conhecimentos, suas experiências. Por fim, Baker discute o conceito de narrativa a partir das contribuições de estudiosos oriundos dos estudos literários e linguísticos. Estes estudiosos, segundo Baker, consideram a narrativa uma modalidade de comunicação. Baker se vale das descrições tipológicas desenvolvidas pelos autores Somers (1997) e Somers & Gibson (1994) para dar conta da caracterização de dois tipos específicos de narrativas: a ontológica e a pública. A autora avalia, primeiramente, a narrativa ontológica como a narratividade do *Self*, aquela voltada à raiz, ao EU, ao sujeito. Diz que a narrativa ontológica é aquela que conta estórias de nós mesmos, nossos lugares no mundo e a nossa própria estória. Para Baker, estas estórias constituem e fazem sentido nas nossas vidas. Em seguida, a autora explicita que a modalidade pública de narrativa se caracteriza pela denúncia que, muitas vezes, se desenvolve nos contextos internos da família, da cidade ou país. O narrador Hari desenvolve uma narrativa pública quando deseja mostrar ao mundo o genocídio que está acontecendo em seu país. Assim, ao mesmo tempo em que Hari escreve sua história pessoal – a participação nos eventos de Darfur – ele a torna pública para tentar ajudar o seu povo a enfrentar as atrocidades e o genocídio, perpetrados contra Darfur e contra ele.

No segundo capítulo, retomam-se as modalidades ontológica e pública da narrativa para proceder à análise da representação da multiplicidade identitária do narrador Hari no texto *O Tradutor*, a partir de uma perspectiva pós-colonialista. Por estes motivos, tendo em vista esta dupla articulação entre a experiência pós-colonial e o desenvolvimento de representações/identidades, o capítulo apresenta duas partes. A primeira atende à necessidade de uma caracterização do que se entende por pós-colonialismo. Usam-se como base teórica as contribuições de vários pensadores, entre os quais, destacam-se os pensadores africanos Appiah (1997) e Bandia (2008). O primeiro vê o escritor pós-colonial como promotor de encontros entre a África e o Ocidente; o segundo examina as muitas contribuições entre os idiomas ocidentais e a oralidade artística das línguas africanas. A segunda parte procura considerar questões relacionadas à representação em sua mobilidade identitária. Em *O Tradutor*, Hari pode ser apreciado conceitualmente como escritor, narrador, personagem e tradutor. Esta

subjetividade multifacetada permite uma ampla discussão da representação e da identidade. Por isso, a análise dos conceitos de representação e mobilidade identitária se alicerça na intenção de se averiguar a abrangência e o alcance das identidades que se acumulam em Hari, a partir de duas modalidades de narrativa – ontológica e pública – combinadas com duas modalidades identitárias presentes em Hari – de narrador e tradutor. Tanto como narrador quanto como tradutor, Hari se move entre a narrativa do eu que se deixa envolver pessoalmente pelos trágicos acontecimentos do Sudão e aquela da denúncia através da qual ele recorre a instituições internacionais para que o mundo tome conhecimento do sofrimento da população de Darfur atingida pelo genocídio. Com base na narrativa do *Self*, ou seja, ontológica, mais do que a representação, vamos nos deparar com a autorrepresentação de Hari neste duplo papel. A análise da construção identitária do personagem/narrador se vale dos escritos de Hall (1997) sobre a representação e sobre identidades que se movimentam (HALL, 2006). Hall (2006) sugere que o sujeito pós-moderno “assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente.”²¹ Hall, ainda, argumenta que “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.”²²

O terceiro capítulo versa sobre a caracterização da tradução e envolve os processos da experiência tradutória. No prefácio de *Memes da Tradução: a disseminação de ideias na teoria da tradução*²³, Chesterman (1997) esclarece que seu estudo sobre a teoria da tradução gira em torno de três aspectos relevantes: (1) uma teoria geral da tradução, acompanhada de um quadro conceitual; (2) uma teoria específica da tradução, com normas, estratégias e valores; (3) uma prática da tradução. Além disso, o autor sugere que normas, efeitos e valores éticos são aspectos relevantes para a compreensão da tradução, prática ou teórica. A discussão relativa às estratégias de tradução, desenvolvida no quarto capítulo de Chesterman, é de suma importância para esta dissertação, em especial as três categorias de estratégias: gramático-sintáticas, semânticas e pragmáticas. Utilizo-as porque descrevem diferenças entre texto fonte e texto alvo, com base nas

²¹ HALL, 2006: 13; “A Identidade Cultural na Pós-Modernidade”

²² *Ibid.*, p. 13

²³ CHESTERMAN, 2007; [*Memes of Translation: the spread of ideas in translation theory*]

estruturas das orações, no sentido e na mensagem, respectivamente, associando assim estratégias às narrativas e identidades.

O último capítulo compara texto fonte e texto alvo da narrativa *O Tradutor*. A comparação se desenvolve com base nas modalidades ontológica e pública da narrativa, nas categorias identitárias de assimilação, nacionalismo e catalismo e nas estratégias tradutórias gramático-sintáticas, semânticas e pragmáticas. Em relação à dupla tipologia narrativa, recorre-se à distinção que Baker (2006) estabelece entre a narrativa ontológica e a pública. A primeira lida com as nossas histórias pessoais, a segunda inclui as histórias do mundo não pessoal. No quesito das identidades negras, busca-se em Ferreira (2004) as noções do assimilacionismo como aceitação positiva dos valores culturais ocidentais; do nacionalismo como adesão consciente aos bens e experiências culturais de matriz africana; e do catalismo como uma apreciação positiva e simultânea dos dois mundos culturais, ocidental e africano. O capítulo se apoia nas três categorias de estratégias de tradução – na estrutura das orações, nos significados das palavras e no conteúdo das mensagens – para estabelecer as diferenças entre o texto de partida e texto de chegada.

CAPÍTULO 1 - AS CARACTERÍSTICAS DA NARRATIVA

O capítulo discute a compreensão do que seja narrativa, nos elementos gerais e modalidades específicas como ontológica e pública, a partir dos posicionamentos teóricos de Leite (1997), Benjamin (1994) e Baker (2006). A discussão se faz necessária em função de o livro *O Tradutor* ser uma narrativa e o foco central desta dissertação. Em *O Tradutor*, o narrador Hari atua como tradutor e desenvolve para si um projeto político marcado pela denúncia do genocídio existente em Darfur. Como consequência, as identidades de Hari decorrem do projeto político de tradutor. Diante destes aspectos, constata-se na narrativa de Hari uma estreita relação entre narração, tradução, identidade e ação política; uma vez que as identidades que o personagem assume derivam da sua decisão de ajudar o seu povo como o tradutor que, ao narrar suas atividades profissionais associadas à atividade de tradução, procura chamar a atenção do mundo, em especial o ocidental, para o que ocorre em Darfur: a expulsão do povo de suas casas e as condições de vida desfavoráveis que são obrigados a suportar em campos de refugiados, ou na mata. É neste quadro dramático, marcado pela guerra e a destruição, que as identidades de Hari se apresentam ao leitor, aliadas às narrativas ontológicas e públicas, e dão sustentação ao desejo de minorar o sofrimento dos irmãos africanos, através da atividade tradutória, denunciando as atrocidades perpetradas em Darfur. O procedimento de abordagem adotado será o de apresentar e discorrer sobre as ideias dos teóricos e, sempre que possível, exemplificá-las com fatos retirados da narrativa *O Tradutor*.

1.1 NARRATIVA NAS VISÕES DE LEITE (1997) E BENJAMIN (1994)

No livro *O Foco Narrativo*, Leite (1997) enfatiza que a arte de narrar é muito antiga, lembrando que o narrador é aquele que se comunica com fluência, pois está sempre em contato com o mundo. O narrador é um viajante que vem de outro lugar, outro país. Para a autora, o narrador é a pessoa com o dom de se comunicar, ele também aconselha as pessoas que o ouvem. Leite sugere que o narrador é a pessoa que passa por experiências cotidianas, sendo capaz de narrar os eventos vividos de forma realista ou ficcional. A autora acrescenta que, com o tempo, o narrador foi sumindo porque, muitas vezes, o narrador pode estar por trás de outro narrador. Sugere, ainda, que o desaparecimento do narrador pode estar relacionado ao nascimento do

romance. Leite esclarece que “atrás de uma voz que nos fala, velando e desvelando, ao mesmo tempo, narrador e personagem, numa fusão que, se os apresenta diretamente ao leitor, também os distancia, enquanto os dilui.”²⁴

Benjamin (1940;1994) também se debruça sobre a narrativa. O autor alemão ressalta que a experiência de narrar está em extinção, uma vez que são raras as pessoas que têm o dom de narrar uma história, um fato. Benjamin argumenta que a extinção do ato de narrar acontece porque “as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo.”²⁵ Para Benjamin, as melhores narrativas escritas são aquelas que mais se aproximam das narrativas orais. Ele classifica dois grupos de narradores: os que viajam e os que conhecem suas histórias e tradições. Para melhor exemplificar esses dois grupos, ele os associa ao “marinheiro viajante” e ao “camponês sedentário”. As pessoas que têm experiências exteriores, ou seja, vivências fora da sua região, da sua raiz, assemelham-se ao marinheiro viajante. Estes têm muito do que falar, o que contar. Já as pessoas que se mantêm em sua vida quotidiana se equivalem ao camponês sedentário. Estas são respeitadas por conhecerem as próprias tradições e sua cultura.

A compreensão das qualidades narrativas dos dois grupos de narradores – o marinheiro viajante e o camponês sedentário – me permite pensar que Hari personifica, de forma exemplar, as duas modalidades de narrar estipuladas por Benjamin. É possível dizer que, em *O Tradutor*, Hari pode ser associado tanto ao narrador que viaja para longe quanto ao narrador que permanece em sua terra. Ao combinar as duas identidades narradoras ou possibilidades narrativas, Hari assume a distância espacial do marinheiro ao mesmo tempo em que assimila a distância temporal do camponês. Um olhar sobre algumas das atividades que Hari desempenha na obra permite a comprovação da sua dualidade narrativa, como marinheiro e camponês. Por exemplo, o emprego que consegue como tradutor no Chade pressupõe uma viagem para fora do seu país, o Sudão. Há, ainda, as viagens internas, dentro do Sudão. Estas são marcadas pelas fugas das regiões de conflito, as viagens em busca de trabalho, as prisões, a busca do conhecimento de línguas, e o desejo de saber mais a respeito da situação difícil que enfrenta o país e a região. Toda essa experiência de mundo não o torna apenas o marinheiro

²⁴ LEITE, 1997: 6; “*O Foco Narrativo*”

²⁵ BENJAMIN, 1994: 198; “*Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre a história da cultura*”

viajante de que fala Benjamin, mas também lhe confere o status de camponês sedentário, uma vez que também ensaja a que Hari possa conhecer as tradições, a cultura, os costumes e a história do país natal. Desta maneira, Hari é levado a conhecer o mundo, sem deixar de reconhecer e se reconhecer como pertencente ao seu povo, a sua raiz étnica.

Benjamin (1940;1994) ainda esclarece que a narrativa tem uma dimensão utilitária. Este utilitarismo narrativo “pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos.”²⁶ Desta maneira, ao atribuir à narrativa esta dimensão utilitária, Benjamin confere ao fenômeno da narratividade uma função pedagógica – educativa – que aproxima o narrador do leitor. Como narrador/tradutor que é, Hari se associa a esta dimensão educadora atribuída à narrativa, procurando despertar no leitor do seu texto a solidariedade necessária para com o povo sofrido de Darfur e do Sudão. Ele mesmo explicita o empenho solidário e pedagógico que o anima, conclamando o leitor: “conto a você essas histórias porque sei que a maioria das pessoas só deseja o bem ao seu semelhante e, quando entenderem melhor o que se passa, farão o possível para dar um pouco de conforto e carinho àqueles que sofrem. Eis a característica mais admirável no ser humano.”²⁷

Porém, o próprio Benjamin problematiza a dimensão pedagógica da narrativa, ao esclarecer que conselhos são antiquados. Ele explica que a antiguidade de aconselhar se deve ao fato de que as pessoas que têm experiências de mundo e da tradição estão deixando de contar e de repassar os conhecimentos adquiridos. Porém, em *O Tradutor*, Hari parece discordar de Benjamin. Apostando na comunicação humana, isto é, na narrativa como veículo de transmissão de conhecimento adquirido – ou seja, de aconselhar – Hari adapta a narrativa que desenvolve ao mundo através da experiência diária na região de Darfur e no Chade. Deseja torná-la comunicável e almeja alcançar, com ela, ajuda internacional para socorrer a população de Darfur. No seu esforço narrativo e comunicativo, Hari indica, no texto de partida, *websites*, como, por exemplo, *Human Rights Watch*²⁸, às pessoas interessadas em ajudar na reconstrução da paz em Darfur.

²⁶ BENJAMIN, 1994: 200

²⁷ HARI, 2008: 9

²⁸ HARI, 2008: 210; “*The Translator: a tribesman’s memoir of Darfur*”; www.hrw.org

Como faz Leite (1997), Benjamin (1994) também prevê que a narrativa tem seus dias contados. E esclarece que a decadência da narrativa ocorre, muitas vezes, por razões do desaparecimento da sabedoria, pois dar conselhos pressupõe o saber, a experiência de ter vivido um acontecimento, de ter conhecido uma cultura. Benjamin, assim como Leite (1997), reforça a ideia de que o primeiro indício da extinção da narrativa ocorre com o aparecimento do romance. Ele assinala o elemento que separa a narrativa do romance: o romance está atrelado ao livro e este, por sua vez, só será possível através da imprensa, enquanto o “narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros, e incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. O romancista segrega-se.”²⁹ Em seu desejo de distinguir o romancista do narrador – o romance da narrativa, também – Benjamin esclarece que o romance é produção do indivíduo solitário (o romancista), daquele que não consegue mais falar sobre seus problemas, suas preocupações. O romancista, então, seria aquele sujeito incapaz de receber e dar conselhos. Por outro lado, Benjamin ressalta a qualidade do narrador: quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha desta companhia. Benjamin considera o leitor do romance um solitário, como o autor que escreve. Ao contrário, o ouvinte de uma narrativa se torna gregário, tem companhia. Benjamin informa que a narrativa torna-se antiquada, desvalorizada, quando consegue atingir a burguesia que está em progressão.

Benjamin enfatiza que o grande narrador tem sempre suas raízes no povo. Atributo que o próprio Hari se atribui. Em *O Tradutor*, ele se autoproclama narrador: “É por esse povo que escrevo este relato.”³⁰ Outro exemplo da qualidade de narrador assumida por Hari, em consonância com o pensamento de Benjamin, acontece quando ele, Hari, retorna a sua casa depois de sair da prisão no Egito. Ele se dirige ao leitor, e pede: “ponha-se no meu lugar, amigo, sobrevoando a sua terra natal e vendo que ela foi reduzida a focos de incêndio. Qualquer que fosse o sangue guerreiro que você tivesse herdado de seus ancestrais, ele certamente estaria fervendo nas suas veias.”³¹

²⁹ BENJAMIN, 1994: 201

³⁰ HARI, 2008: 10

³¹ *Ibid.*, p. 37

1.2 BAKER (2006): AMPLIANDO A ABRANGÊNCIA DA NARRATIVA

Baker (2006) discute o conceito de narrativa a partir das contribuições de estudiosos oriundos dos estudos literários e linguísticos. A pensadora informa que os teóricos da literatura e da linguística tendem a considerar a narrativa como “uma modalidade opcional de comunicação, muitas vezes, contrastando com a argumentação ou a exposição.”³² Inicialmente, Baker referencia as ideias do linguista Labov (1972), argumentando que ele define narrativa como um

método de recapitular experiências passadas, comparando-as com uma sequência verbal de orações para a sequência de eventos que (inference) realmente ocorreram e que ele chama de uma narrativa mínima como uma sequência de duas orações, que são temporariamente ordenadas.³³

Fisher (1987) é outro pensador a quem Baker recorre. Ela aprecia em Fisher o argumento de que “a narrativa é o contexto para a interpretação e avaliação de toda a comunicação e não um modo de discurso previsto pela escolha deliberada de um criador, mas a forma de conhecimento como primeiro apreendê-lo.”³⁴

Além de Labov e Fisher, provenientes dos campos da linguística e literatura, Baker se vale das teorias sociais e da comunicação, bem como dos trabalhos de historiadores como Hayden White. Deste trio de campos do saber, Baker extrai a noção de que “a narrativa deve, em geral, ser tratada como o modo principal e evidente pela qual nós experimentamos o mundo.”³⁵ White, por exemplo, argumenta que “longe de ser um código entre os muitos que a cultura pode utilizar para conferir significado à experiência, a narrativa é um meta-código, um

³² BAKER, 2006: 8 [*an optional mode of communication, often constrating it with argumentation or exposition*]

³³ LABOV, 1972, in Baker, 2006: 8 [*one method of recapitulating past experience by matching a verbal sequence of clauses to the sequence of events which (it is inferred) actually occurred, and he calls a minimal narrative as a sequence of two clauses which are temporally ordered*]

³⁴ FISHER, 1987, in Baker, 2006: 9 [*Narration is the context for interpreting and assessing all communication – not a mode of discourse laid on by a creator’s deliberate choice but the shape of knowledge as we first apprehend it*]

³⁵ BAKER, 2006: 9 [*narrative tends on the whole to be treated as the principal and inescapable mode by which we experience the world*]

humano universal, com base no qual as mensagens transculturais sobre a natureza de uma realidade compartilhada podem ser transmitidas.”³⁶ Somers (1992) comunga com White ao argumentar que é “através da narratividade que chegamos a conhecer, entender e dar sentido ao mundo social e é, através da narrativa e narratividade, que se constituem as nossas identidades sociais.”³⁷

Quando faz referência às contribuições de Landau (1997) para a caracterização da narrativa, Baker (2006) realça que este pensador considera o poder da narrativa como um modo de ser que é independente do gênero, nos seguintes termos:

O crescimento de uma planta, o progresso de uma doença, a formação de uma praia, a evolução de um organismo - um conjunto de eventos que podem ser dispostos em uma sequência e relacionados – também podem ser narrados. Isto é verdadeiro mesmo de um experimento científico. Na verdade, muitos relatórios de laboratório, com suas seções rotuladas 'métodos', 'resultados', e 'conclusões', têm pelo menos uma semelhança superficial com uma narrativa típica, ou seja, uma sequência de eventos organizados com começo, meio e um fim. Queiram ou não, os cientistas seguem uma estrutura narrativa em seu trabalho. Muitas vezes eles não reconhecem a extensão do uso da narrativa em sua forma de pensar e comunicar suas ideias. Consequentemente, podem não estar cientes dos pressupostos que informam a sua narrativa da ciência.³⁸

³⁶ WHITE, 1987a, in Baker, 2006: 9 [*far from being one code among many that a culture may utilize for endowing experience with meaning, narrative is a meta-code, a human universal on the basis of which transcultural messages about the nature of a shared reality can be transmitted*]

³⁷ SOMERS, 1992, in Baker, 2006: 9 [*it is through narrativity that we come to know, understand, and make sense of the social world, and it is through narratives and narrativity that we constitute our social identities*]

³⁸ LANDAU, 1997, in Baker, 2006: 9 [*The growth of a plant, the progress of a disease, the formation of a beach, the evolution of an organism – any set of events that can be arranged in a sequence and related can also be narrated. This is true even of a scientific experiment. Indeed, many laboratory reports, with their sections labeled 'methods', 'results', and 'conclusions', bear at least a superficial resemblance to a typical narrative, that is, an organized sequence of events with a beginning, a middle, and an end. Whether or not scientists follow such a narrative structure in their work, they do not often recognize the extent to which they use narrative in their thinking and in communicating their ideas. Consequently, they may be unaware of the narrative presuppositions which inform their science*]

Adicionalmente, Baker chama atenção para o fato de a relação entre narrativa e realidade ter atraído maior interesse dos estudiosos. Bruner (1991), por exemplo, explicita que “os psicólogos tornaram viva a possibilidade da narrativa como uma forma não só de representar, mas também de construir a realidade.”³⁹ Com base no pensamento de Bruner, Baker esclarece que o “conhecimento nunca é um ponto invisível”⁴⁰ porque, na verdade, sempre temos perspectivas de conhecimento diferentes e, em consequência, sabemos representar realidades.

1.3 AS TIPOLOGIAS NARRATIVAS DE BAKER (2006)

Como resultado das descrições teóricas da narrativa, apresentadas nos parágrafos acima, Baker desenvolve a caracterização de dois tipos específicos de narrativas: a ontológica e a pública. Baker avalia, primeiramente, a narrativa ontológica como a narrativa do *Self*, aquela voltada à raiz, ao Eu, ao sujeito. Em seguida, a autora explicita que a modalidade pública de narrativa se caracteriza pela denúncia que, muitas vezes, se desenvolve nos contextos internos da família, da cidade ou país. As duas categorias sobre as quais teço comentários nos parágrafos seguintes trazem a assinatura de Baker (2006), cujo pensamento vem alicerçado nas contribuições teóricas de autores, com destaque para Fisher (1987), Bruner (1991), Somers (1997) e Somers & Gibson (1994).

1.3.1 Narrativa ontológica: os narradores do *Self*, do Eu, do sujeito

A narrativa ontológica, ou seja, aquela que vem marcada pelas experiências pessoais do sujeito que as narra, compõe parte do texto de *O Tradutor*. No texto, Hari assume a subjetividade de um *Self* narrador que aproxima sua própria história das experiências do próprio país, com a finalidade de chamar a atenção do mundo para a desventura do povo de Darfur. Baker (2006) esclarece que as narrativas ontológicas são histórias pessoais que contamos a nós mesmos sobre o nosso lugar no mundo. Uma consulta ao texto de Hari (2008) nos deixa perceber que a realidade cotidiana se manifesta nas idas e vindas do narrador entre a região de Darfur e no Chade. Em vista dos elementos trágicos e

³⁹ BRUNER, 1991, in Baker, 2006: 17 [*psychologists became alive to the possibility of narrative as a form not only of representing but of constituting reality*]

⁴⁰ BAKER, 2006: 17 [*knowledge is never point-of-viewless*]

dramáticos da realidade posta diante do narrador, ele deseja salvar o seu povo, proteger os repórteres para os quais trabalha como tradutor e intérprete, e salvaguardar a si mesmo. Novitz (1997) chama a atenção para o fato de que

há uma íntima relação entre as maneiras através das quais as pessoas se constroem e os modos pelos quais estas mesmas pessoas estão propensas a se comportarem... É por isso que estamos muitas vezes interessados em desafiar as histórias que as pessoas dizem sobre si mesmas. Sugerimos que elas pensem novamente e ao darmos a elas motivos para fazê-lo, tentamos subverter o sentido que elas dão à sua subjetividade. Aí, existe um processo político intrincado em ação: deveria chamá-lo de política da narrativa da identidade através do qual afirmamos e mantemos nossos próprios interesses não apenas revelando uma visão particular de nós mesmos, mas também ameaçando as visões que outros demonstram de si mesmos.⁴¹

A narrativa de Hari mostra que, durante o tempo em que vive no Chade, vai se moldando e se comportando como um chadiano para denunciar o genocídio em Darfur. O próprio Hari explicita esta construção de uma identidade chadiana para si, dizendo que “...a menos que eu dissesse que era de Chade. Foi exatamente o que fiz porque era moralmente necessário.”⁴²

Somers & Gibson (1994) afirmam que “nossas narrativas pessoais são de suprema importância para a sociedade e para os indivíduos que interagem com narrativas ontológicas porque são usadas para definir quem somos, o que, por sua vez, é uma condição prévia para

⁴¹ NOVITZ, 1997, in Baker, 2006: 30 [*there is an intimate connection between the ways in which people construe themselves and the ways they are likely to behave. ...It is because of this that we are often concerned enough to challenge the stories that people tell about themselves. We urge them to think again, and in giving them reasons for doing so, we attempt to subvert their sense of self. There is an intricate political process at work here: what I should like to call the politics of narrative identity whereby we assert and maintain our own interests not just by advancing a particular view of ourselves, but by undermining the views that others advance of themselves*]

⁴² HARI, 2008: 72

sabermos o que fazer.”⁴³ MacIntyre (1981) acrescenta que as “nossas próprias histórias informam a nossa forma de agir e nossa maneira de pensar. Muitas vezes, qualquer ação que tomamos, naturalmente, impactará sobre aqueles que nos rodeiam. Ao mesmo tempo, nunca somos mais (e nem menos) do que os co-autores de nossa própria narrativa.”⁴⁴

Baker enfatiza que

as histórias que outras pessoas constroem a nosso respeito são vitais para a nossa sobrevivência física e mental e, muitas vezes, modelam nosso comportamento. A construção a nosso respeito feita por outras pessoas (...) podem melhorar ou podem destruir a nossa carreira. Algumas vezes, nos fazem sentir bem com o nosso EU, elevam nossa auto-estima, ou nos deixam em desespero. Através destas construções elas podem melhorar a nossa posição social ou podem nos transformar em marginais.⁴⁵

Na verdade, tudo o que dizemos de nós mesmos e as coisas que os outros contam a nosso respeito não apenas determinam a imagem que tecemos de nós mesmos, mas também participam das formas como nos relacionamos com o mundo que nos rodeia. As narrativas de outros sobre nós colaboram com as formas como nós mesmos narramos, e dizem muito a respeito do próprio desenvolvimento da narrativa. Nesta perspectiva dual, Novitz (1997) estabelece que “nós nos tornamos os beneficiários, as vítimas ou os brinquedos das narrativas que os outros criam e empurram em nossa direção.”⁴⁶ Para exemplificação podemos voltar ao *O Tradutor*. Em determinado ponto desta narrativa, Hari surge como vítima e brinquedo da narrativa de um general que lhe diz: “você,

⁴³ SOMERS & GIBSON, 1994, in Baker, 2006: 30 [*Our personal narratives are ultimately important for society and for the individuals we interact with because[ontological narratives are used to define who we are; this turn is a precondition for knowing what to do]*]

⁴⁴ MACINTYRE, 1981, in Baker, 2006: 31 [*The stories we tell ourselves guide the way we act and not just the way we think, and any action we take naturally impacts on those around us. At the same time, given that we are never more(and sometimes less) than co-authors of our own narratives]*

⁴⁵ BAKER, 2006: 31 [*the stories other people construct of us are vital for our physical and mental survival and inevitably shape our behaviour. The way others story us can have very concrete implications (...) It can enhance or destroy our career, make us feel good about ourselves or throw us into despair, improve our social standing or turn us into outcasts]*

⁴⁶ NOVITZ, 1997, in Baker, 2006: 31 [*we become the beneficiaries, victims, or playthings of the narratives that others create and push in our direction]*

não nós, é que é criminoso de guerra. Traz repórteres para contar mentiras sobre nós e manchar a imagem do Sudão. Você é que é o criminoso aqui.”⁴⁷ O que se percebe nestas palavras é que o general constrói uma narrativa que distorce fatos históricos e contradiz a realidade, transformando Hari em marginal.

Hinchman & Hinchman (1997), por sua vez, enfatizam a necessidade de ajuste entre narrativas pessoais e narrativas de outros. Os autores esclarecem que para evitar o abandono ontológico devemos negociar os conflitos de nossa narrativa ontológica com as incompatibilidades de outras pessoas com quem dividimos um espaço social. Essa negociação serve como ajuda para “contornar os conflitos de maneira que estas pessoas possam acreditar em nós e nos respeitar.”⁴⁸ Baker aponta que os intérpretes que trabalham com refugiados têm pouco espaço para a negociação de um acordo entre a narrativa ontológica, as narrativas institucionais e as públicas do país de acolhimento. Barsky (2005) salienta que “a fim de se construir como demandante adequado, o que pode significar a diferença entre a vida e a morte em muitos casos, eles têm que renunciar ao seu EU e criar, sucessivamente ou não, um “outro” considerado adequado para a causa.”⁴⁹ Em seu trabalho com refugiados, Hari passa por esta renúncia do próprio EU para construir uma nova identidade. Assim, e só assim, consegue ajudar a si mesmo, a seu povo e aos repórteres, como podemos perceber no excerto que segue:

um momento! Disse ao jovem comandante. – Não... atire...neste...homem. Este homem não é espião. Ele é meu tradutor e o nome dele é Suleyman Abakar Moussa do Chade. Ele está com os documentos af. Philipp achava que aquele fosse o meu nome verdadeiro. Na verdade, era o nome que eu vinha usando para que não me deportassem do Chade, e dessem cabo de mim no Sudão, onde eu era procurado, e também para não ser forçado a

⁴⁷ HARI, 2008: 145

⁴⁸ HINCHMAN & HINCHMAN, 1997b, in Baker, 2006: 31 [*in order to be believed, respected, trusted*]

⁴⁹ BARSKY, 2005, in Baker, 2006: 31 [*In order to “construct” themselves as adequate claimants, which can mean the difference between life and death in many cases, they have to renounce their previous self and create, successfully or not, an “other” deemed appropriate for the cause*]

permanecer num campo de refugiados, onde seria pouco útil.⁵⁰

A construção de uma nova identidade, inclusive com a mudança do próprio nome, é a maneira que Hari encontra para negociar com as autoridades do Chade uma chance de desenvolver sua missão humanitária em benefício do seu povo, como tradutor ou militante político. Com a sobreposição da identidade chadiana sobre a sudanesa, Hari consegue respeito no Chade, evita a própria morte e constrói vias eficientes para o projeto político como tradutor que o anima. Na verdade, Hari está sempre negociando o seu EU, pois tem como objetivo ajudar a família, os parentes, os amigos e o povo de Darfur.

Gergen & Gergen (1997) apresentam três tipos de narrativas ontológicas: a estável, a progressiva e a regressiva. Quando analisa esta tipologia, Baker (2006) esclarece que “a narrativa de estabilidade mostra a situação do indivíduo como estável, com pouca ou nenhuma mudança com o passar do tempo; a narrativa progressiva revela um padrão de mudança para melhor; e a narrativa regressiva realça um padrão de declínio para o pior.”⁵¹ Por sua vez, Gergen & Gergen explicam que “o desenvolvimento destas três categorias narrativas”

é favorecido pelas necessidades funcionais de uma dada sociedade. Narrativas de estabilidade são favorecidas pelo desejo comum de fazer o mundo social parecer ordenado e previsível; narrativas progressivas oferecem a oportunidade de as pessoas verem a si mesmas e a seus ambientes como capazes de promover melhoria; as narrativas regressivas não são apenas decorrências lógicas do desenvolvimento das narrativas progressivas, mas têm uma importante função motivacional, em si mesmas.⁵²

⁵⁰ HARI, 2008: 17

⁵¹ BAKER, 2006: 32 [*the stability narrative portrays the individual's situation as stable, with little or no change over time; the progressive narrative depicts a pattern of change for the better; and the regressive narrative stresses a pattern of decline or change for the worse*]

⁵² GERGEN & GERGEN, 1997, in Baker, 2006: 32 [*is favored by functional needs within the society. Stability narratives are favored by the common desire for the social world to appear orderly and predictable; progressive narratives offer the opportunity for people to see themselves and their environment as capable of improvement; and regressive narratives are not only entailed logically by the development of progressive narratives, but have an important motivational function in their own right*]

Com base na discussão dos pensadores citados acima, percebe-se que a narrativa de Hari encaixa-se na narrativa progressiva, aquela que acredita na possibilidade de melhoria de uma situação. Na cena descrita abaixo, temos a oportunidade de nos ver e de nos ambientar no tipo de drama que o texto constrói. Hari conta que “Ahmed acabou me encontrando. Ele me pôs sentado debaixo de uma árvore e disse que, se eu quisesse ter uma vida melhor deveria usar o cérebro em vez de arma. Disse também que era um erro ignorar os dons que recebi de Deus e de minha família.”⁵³ A cena indica o momento em que Hari não deseja mais estudar. Ele quer aprender a respeito de política. Em decorrência da sua intenção de envolver-se na, e com a política, Hari abandona a escola e fica duas semanas escondido até o irmão mais velho Ahmed encontrá-lo e trazê-lo de volta aos estudos. Nesta cena, vemo-nos em Hari, pois, quantas vezes, também não tentamos buscar alternativas para a escola e alguém apareceu em nosso resgate e nos orientou a não desistir, a persistir na nossa causa, a não ignorar nossos dons. É uma cena que nos ajuda a refletir melhor sobre nossa vida. Por outro lado, a situação dramática em que Darfur está mergulhada – narrativa regressiva – serve de motivação para o envolvimento de Hari e a tentativa de busca de uma melhora na vida dos sudaneses.

Brennan & Brown (1997), explicitam que traduzir ou interpretar a narrativa ontológica é, muitas vezes, extremamente difícil e traumático. Citam como exemplo um intérprete entrevistado que descreve o impacto de um caso de abuso infantil:

eu costumava chorar todas as noites. Foi terrível. Quando ele (a criança surda) chorou, eu chorei. Quando ele gritou, eu gritei. Você sabe que é muito perturbador – muito perturbador. É uma das piores coisas que já fiz na minha vida. É terrível porque eu não tinha ninguém com quem compartilhar aquela angústia.⁵⁴

No texto *O Tradutor*, enquanto traduz para os repórteres as angústias e o sofrimento do povo de Darfur, Hari sente extrema dificuldade para fazê-lo. Ele próprio conta que “aqueles relatos rondaram as minhas noites

⁵³ HARI, 2008: 25

⁵⁴ BRENNAN & BROWN, 1997, in Baker, 2006: 32 [I used to want to be in tears nearly every night. It was terrible. ...when he [deaf child] cried, I cried. When he shouted, I shouted. You know it's very very upsetting – very upsetting. It's one of the worst things I've ever done in my life. And it's awful because I had no-one to share it with]

quase insones. Pensei que, ao desenhar as cenas que foram descritas, talvez conseguisse expurgar aquele horror da minha cabeça bem antes de eu ir para cama.”⁵⁵ Mais adiante, prossegue: “quantas noites passei naquele quarto, olhando para a parede de barro, acordado e desenhando as cenas que eu precisava tirar da minha cabeça. História. História. História. O povo. A menininha. A mulher. A criança acenando.”⁵⁶ As traduções das entrevistas o atormentam, pois o povo está sofrendo e morrendo, e ele se sente incapaz de minorar aquele sofrimento ou acabar com aquela dor.

Em suma, a narrativa ontológica mexe com nossos sentimentos, emoções e, muitas vezes, nos angustia. Faz-nos refletir e procurar sermos mais humanos, ajudar o próximo. Hari é assim. Em sua narrativa ontológica, ele é o camponês, aquele conectado com a sua raiz étnica, solidário com o país ao qual pertence neste momento dramático, e sintonizado com a história cultural do povo que o abriga. Porém, ele também tem a convicção de que o Hari camponês não se basta, mas precisa somar àquele o Hari marinheiro. Como marinheiro vai além: viaja, divulga e denuncia os horrores que sua terra enfrenta. Encontra asilo nos EUA e, com ajuda de amigos, torna a sua narrativa pública. Hari concilia uma narrativa ontológica com uma narrativa pública da sua militância em favor de Darfur e do Sudão. Agindo assim, consegue conjugar a própria história com as histórias de outras pessoas, do seu povo, dentro e fora do seu país.

1.3.2 Narrativa pública: narradores da denúncia

Ao mesmo tempo em que encontramos, no texto de Hari, uma narrativa ontológica, lá também nos deparamos com momentos de narrativa pública. De acordo com Somers (1992), Somers e Gibson (1994), a “narrativa pública é uma estória elaborada por, e circula entre, formações institucionais e sociais, como por exemplo, família, religião ou instituição educacional, a mídia, e a nação.”⁵⁷ Exemplificação desta tipologia encontra-se na narrativa de Hari. *O Tradutor* apresenta elementos de uma narrativa pública através da qual o narrador Hari denuncia ao mundo inteiro o genocídio que dilacera Darfur. O relato público de Hari envolve instituições como a imprensa (o jornal diário

⁵⁵ HARI, 2008: 87

⁵⁶ *Ibid.*, p. 170

⁵⁷ SOMERS & GIBSON, 1994, in Baker, 2006: 33 [public narratives are defined as stories elaborated by and circulating among social and institutional formations larger than the individual, such as the family, religious or educational institution, the media, and the nation]

New York Times), ONGs, Congresso dos Estados Unidos, Departamento de Estado dos Estados Unidos, e outras. Inclui, inclusive, instituições como família, amigos e o povo em geral. A narrativa pública leva as pessoas à reflexão sobre o que ocorre no mundo, dando sentido às vidas dos envolvidos, tornando-os solidários, cooperativos e participativos. Assim, ao mesmo tempo em que Hari escreve sua história pessoal (narrativa ontológica) ele a torna institucional/impessoal (narrativa pública) para fazer o mundo tomar conhecimento a respeito das atrocidades do genocídio praticado contra a população de Darfur. Por estes ingredientes narrativos, o texto de Hari também pode ser lido como produção literária. É através deste texto, dotado de propriedades literárias, que Hari dissemina e distribui para o mundo sua vida e a de seu povo. Como ele mesmo procura esclarecer, “sei que outros terão suas próprias histórias para contar, com certeza, esta narrativa ajudará a relatar toda a verdade sobre a tragédia de Darfur.”⁵⁸

Hari se apodera da sua literatura para divulgar ao mundo o genocídio que está acontecendo em Darfur. Jones (2004) explica que a “manipulação da literatura muitas vezes desempenha um papel crucial no processo de formação da identidade étnico-nacional, gerando supostas histórias que criam ou reforçam mitologias nacionais.”⁵⁹ Somers⁶⁰ dá exemplos de histórias de narrativas públicas sobre a mobilidade social americana, a liberdade e a história emancipatória do socialismo. Baker relata exemplos recentes de narrativas públicas: o 11 de setembro de 2001, ou a guerra no Iraque, lançada pela coligação liderada pelos EUA, em 2003. Baker afirma que narrativas públicas sobre indivíduos específicos que se tornam símbolos de um povo, de um movimento ou de uma ideologia, também podem mudar drasticamente ao longo do tempo. Apontando Nelson Mandela como exemplo, a estudiosa esclarece que o sul-africano é amplamente retratado como um terrorista em 1960 por defender o uso de táticas violentas para acabar com o *Apartheid* na África do Sul. Com a força adquirida, nas décadas de 1970 e 1980, pelo movimento internacional anti-Apartheid, Mandela se torna um símbolo de resistência, um herói internacional e, finalmente, se vê premiado com o Nobel da Paz, em 1993.

Baker ressalta que os estudos de publicidade oferecem numerosos exemplos de maneiras sutis em que as narrativas públicas são adaptadas

⁵⁸ HARI, 2008: 12

⁵⁹ JONES, 2004, In Baker, 2006: 33 [*the manipulation of literature often plays a crucial role in the process of ethno-national identity formation by generating “pseudo histories” that create or reinforce national mythologies*]

⁶⁰ SOMERS, 1992, in Baker, 2006: 33

e mediadas através das fronteiras culturais. Hari também adapta a sua narrativa pública para apresentá-la ao mundo. Faz viagens para narrar a sua história de sofrimento e o descaso das autoridades nacionais e internacionais diante do genocídio que enfrenta seu país. Como tradutor, sabe da necessidade de adaptar sua mensagem à cultura de chegada. Baker (2006) reforça que narrativas públicas também são adaptadas internamente dentro da mesma cultura, em resposta à reconfiguração dos atores envolvidos, do espaço político e social. Baker conclui que

narrativas públicas podem inicialmente ser elaboradas dentro de um contexto, estreito, interno (família, trabalho, cidade ou país), mas sua sobrevivência e a elaboração posterior dependem da articulação dos fatos narrados em outros dialetos, línguas, ou contextos externos. Se a motivação é comercial ou ideológica, tradutores e intérpretes desempenham um papel decisivo tanto na articulação quanto na contestação de toda a gama de narrativas públicas que circulam dentro e no entorno de qualquer sociedade, em qualquer momento no tempo.⁶¹

1.4 NARRATIVA E TRADUÇÃO

Já sinalizamos, neste capítulo, alguma aproximação entre narrativa e identidade, apontada por Baker (cfe. 17) e Somers & Gibson (cfe.19). Num ensaio, em especial, Somers (1994) esclarece que a caracterização de identidades na narrativa permite que se obtenha uma compreensão da construção identitária a partir de uma posição relacional. A autora argumenta que uma perspectiva relacional da identidade não só “evita rigidez categorial ao dar ênfase ao embutimento da identidade”, mas também esclarece que “ao juntar narrativas e identidades se pode oferecer uma nova perspectiva para (...) a teoria social da ação.”⁶² Por outro lado, preocupada com as relações entre a

⁶¹ BAKER, 2006: 38 [*public narratives may initially be elaborated within a narrow, domestic context (the immediate family, workplace, city or country), but their survival and further elaboration depends on them being articulated in other dialects, languages, and non-domestic contexts. Whether the motivation is commercial or ideological, translators and interpreters play a decisive role in both articulating and contesting the full range of public narratives circulating within and around my society at any moment in time*]

⁶² SOMERS, 1994: 607; “*The narrative constitution of identity: A relational and network approach*” [*avoids categorial rigidities by emphasizing the embeddedness of identity*]

narrativa e a tradução, Baker (2006) dirige sua atenção ao comportamento do tradutor e do intérprete diante do texto narrativo, que se caracteriza por “acentuar, minar ou modificar aspectos da narrativa presentes numa oração ou texto fonte.”⁶³ Estas três ações – acentuação, destruição e modificação textuais – demonstram que os tradutores e os intérpretes não se posicionam de forma passiva diante de uma narrativa a ser traduzida, mas assumem posições ideológicas em respostas às ideologias veiculadas pela narrativa fonte. Nas palavras da autora,

tradutores e intérpretes podem recorrer, e realmente recorrem, a várias estratégias para reafirmar ou demolir aspectos particulares das narrativas que eles medeiam, explícita ou implicitamente. Estas estratégias permitem que eles se distanciem da ideologia que o autor ou narrador insere na narrativa ou, de forma alternativa, sinalizem sua adesão ao aspecto ideológico assumido pelo autor.⁶⁴

Baker (2006) utiliza a estratégia “apropriação seletiva do material narrativo” para explicar as intervenções de tradutores e intérpretes sobre o texto durante o ato tradutório, indicando que a seleção visa omitir ou adicionar elementos textuais, com vistas a provocar diferenças entre as narrativas fonte e alvo. Baker esclarece que, por meio da omissão e da adição de elementos, os tradutores e intérpretes “suprimem, acentuam ou elaboram”⁶⁵ aspectos textuais.

A diferença ocorrida entre o texto de partida e o de chegada, provocada pela estratégia em questão, aproxima a visão de tradução que Baker consigna daquela que Chesterman (1997) ampara, mas cujas ideias serão discutidas, detalhadamente, no capítulo três desta dissertação. Aqui, é suficiente dizer, a título de ilustração, que como Baker, Chesterman preza a diferença, estipulando 30 estratégias – sintáticas, semânticas e pragmáticas – que, se utilizadas por tradutores,

[*bringing together narrative and identity can bring a new perspective to (...) social theories of action*]

⁶³ BAKER, 2006: 105 [*accentuate, undermine or modify aspects of the narrative(s) encoded in the source text or utterance*]

⁶⁴ Ibid., p. 105 [*translators and interpreters can and do resort to various strategies to strengthen or undermine particular aspects of the narratives they mediate, explicitly or implicitly. These strategies allow them to dissociate themselves from the narrative position of the author or speaker or, alternatively, to signal their empathy with it*]

⁶⁵ Ibid., p. 114; [*suppress, accentuate or elaborate*]

provocarão diferenças entre os dois textos envolvidos no processo translatório. A sinonímia verbal que os dois pensadores empregam para marcar as distinções textuais ocasionadas pela tradução parece inquestionável: o tradutor de Baker utiliza os verbos “omitir” e “adicionar”; o de Chesterman, “mudar” e “alterar”. Chesterman realça a diferença translatória, dizendo que “tradutores são agentes de mudança” e “fazem a diferença.”⁶⁶ “A noção de diferença, como se sabe”, ensina Paterson (2007), “é fundamental para nossos processos cognitivos” e “nos permite construir sentido do mundo.”⁶⁷

Baker (2006) exemplifica a força diferenciadora da estratégia “apropriação seletiva” com base nas diferenças entre o original e a tradução do romance *Bug-Jargal*, do escritor francês Victor Hugo (1833), analisadas por Bongie (2005). A estudiosa da tradução argumenta que a introdução da diferença entre o original francês e a tradução inglesa *The Slave-King*, feita pelo escritor francês Ritchie (2004), ocorre em função da adesão do tradutor ao momento histórico em que o texto foi escrito, de total condenação da escravidão na Europa no século XIX. Com base nas palavras de Bongie, Baker esclarece que, “publicado em 1833, quando a legislação para a abolição da escravidão estava sendo debatida no Parlamento Britânico e havia se transformado em lei um ano antes”⁶⁸, o tradutor Ritchie decide assumir, em algumas passagens, os novos ares de liberdade que o século XIX estava oferecendo à Europa. A passagem selecionada por Bongie e comentada por Baker, para estabelecer a relevância da estratégia em discussão, envolve a amizade entre Bug-Jargal e o seu senhor, depois que o escravo salva a vida do mestre por duas vezes. Após o segundo salvamento, Bug-Jargal pergunta se o senhor está feliz e a resposta que recebe do mestre aparece cotejada pela mediação do tradutor Ritchie. A diferença entre a resposta no original e na tradução releva a total interferência do tradutor. Abaixo, cotejo a resposta do patrão, em sua tradução provável (a que poderia ter sido, se Ritchie tivesse decidido ser leal ao original) e a real:

Tradução provável: *“Never leave me again, to remain with me among the whites: I promised him a commission in the colonial army”*

⁶⁶ CHESTERMAN, 1997: 2 [*translators are agents of change (...) make a difference*]

⁶⁷ PATERSON, 2007: 13; *“Diferença e Alteridade: Questões de Identidade e de Ética no Texto Literário”*

⁶⁸ BAKER, 2006: 116 [*Published in 1833, when the legislation for abolishing slavery was being debated in the British Parliament and only one year before it became law*]

Tradução real: “Satisfied” cried I – “shall I not be satisfied with the purest and most exalted friendship the world ever saw? Yes, my brother, the friendship of Bug-Jargal, his deeds of disinterested benevolence, will remain engraven on my heart as long as it continues to beat; and, though his complexion be different from mine, and another country have given him birth, my brother he shall be. Are we not children of the same great Being, to whom colour and clime are distinctions unknown? *I entreat you to leave me no more – remain with me among the whites, and I shall obtain for you a commission in the colonial army.*”⁶⁹

Marquei com itálico a semelhança textual entre a tradução provável e a real, para destacar a longa intervenção do tradutor e a resultante diferença textual. Nesta, o leitor encontra referências adicionais à amizade entre o escravo e o senhor, à benevolência, à fraternidade e à filiação divina, mutuamente compartilhadas. A análise de Baker dos comentários de Bongie sobre a tradução do texto de Hugo para o inglês revela a maneira como tradutores acentuam, minam ou modificam o original, para dar-lhe uma visão ideológica que o próprio original não espousa. Baker finaliza seu comentário, realçando que

através das intervenções acumuladas do tradutor, especialmente os inúmeros casos de adição e omissão, *The Slave-King* [O Escravo-Rei] se torna "um romance em que ambos, o protagonista e o leitor, são educados numa maneira nova e mais humana de entender o seu mundo intercultural" (Bongie 2005:10). A narrativa original, *Bug-Jargal*, adota uma atitude muito mais ambivalente com relação à questão da escravatura, mas este quadro de ambigüidade é resolvido na tradução.⁷⁰

⁶⁹ BAKER, 2006:116-117; a autora retirou o exemplo do ensaio Bongie, Chris (2005) ‘Victor Hugo and “The Cause of Humanity”’: Translating *Bug-Jargal* (1826) into *The Slave-King* (1833)’, *The Translator* 11(1): 1-24.

⁷⁰ *Ibid.*, p. 117-118 [Through the cumulative interventions of the translator, especially the numerous instances of addition and omission, *The Slave-King* then becomes ‘a novel in which both protagonist and reader are educated into a new, more human (e)way of understanding their intercultural world’ (Bongie 2005: 10). The original narrative, *Bug-Jargal*, adopts a much ambivalent attitude to the issue of slavery, but this frame ambiguity is resolved in translation]

Este capítulo discutiu o fenômeno da narrativa e duas de suas modalidades – ontológica e pública – se valendo, para isso, da contribuição de uma gama de pensadores provenientes de várias áreas do saber – Literatura, Linguística, História e Comunicação – adicionando exemplos extraídos da narrativa *O Tradutor*. Além disso, o capítulo estabeleceu, de forma breve, relações entre a narrativa e a tradução. Neste aspecto, procurou aproximar Baker de Chesterman, realçando que ambos veem na tradução o espaço da diferença que os tradutores reafirmam através da utilização de estratégias de adição e subtração de elementos textuais. O próximo capítulo retoma os elementos teóricos das modalidades narrativas para compor as identidades de Hari no contexto pós-colonial.

CAPÍTULO 2 - PÓS-COLONIALISMO, REPRESENTAÇÕES E IDENTIDADES EM TEXTOS NARRATIVOS

Neste capítulo, retoma-se a caracterização das modalidades narrativas: ontológica – narração do Eu –; e pública – relato de denúncia –, desenvolvidas no capítulo anterior para proceder à análise da representação da mobilidade identitária do narrador Hari no texto *O Tradutor*, a partir de uma perspectiva pós-colonialista. A relevância desta discussão se destaca se considerarmos que o texto escrito por Hari se insere num contexto pós-colonial de construção de representação e identidade. Este ambiente pós-colonialista criado pelo autor se caracteriza por estes aspectos: (1) como narrador, Hari é de procedência africana; (2) os locais assinalados pela narrativa pessoal e denunciante se encontram na África, em especial em Darfur e no Chade; (3) o conteúdo inclui o genocídio e suas consequências funestas para a população de Darfur; (4) Hari se comunica na língua inglesa; (5) os aspectos realçados acima se referem a eventos ocorridos após a independência do Sudão, em 1956. Por estes motivos, tendo em vista esta dupla articulação entre a experiência pós-colonial e o desenvolvimento de representações/identidades, o capítulo apresenta duas partes. A primeira responde à necessidade de uma caracterização do que se entende por pós-colonialismo; a segunda procura considerar questões relacionadas à representação em sua mobilidade identitária.

2.1 PÓS-COLONIALISMO

Quando se dedicam a avaliar a abrangência e o alcance do pós-colonialismo, estudiosos e teóricos tendem a defini-lo como um conjunto de ideias e conceitos cuja relevância deriva da capacidade de reinterpretar o ideal colonialista europeu, visto por pós-colonialistas como a grande narrativa ocidental. Bonnici (2003), por exemplo, esclarece que a narrativa ocidental de matiz colonialista se caracteriza pela “expansão colonial européia nos séculos XV e XVI [que] coincidiu, portanto, com o início de um sistema capitalista moderno de trocas econômicas. As colônias foram imediatamente percebidas como fonte de matérias-primas que sustentariam por muito tempo o poder central da metrópole.”⁷¹ Guillebaud (2008) chama de “momento pós-colonial” a releitura da narrativa colonialista que nasce nos anos 1980 e afirma que a nova ferramenta conceitual em que se transforma o pós-colonial é

⁷¹ BONNICI, 2003: 210; “*Teoria e Crítica Pós-Colonialista*”

conduzida, especialmente, “por acadêmicos originários da Índia e da África, do mundo árabe ou da Ásia. Eles têm em comum o desejo de desconstruir as categorias mentais e as definições etnológicas que presidem a colonização.”⁷²

Como momento, ou seja, como projeto em progressão, o pós-colonialismo se vê associado, na origem, à obra *The Empire Writes Back* [O Império Reescreve], uma antologia de textos de diversos autores, editada por três professores australianos de literatura inglesa, Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin, em 1989. *O Orientalismo* de Said, um dos textos fundadores do pós-colonialismo, aparece nove anos antes da antologia dos acadêmicos australianos, em 1980. Em sua obra seminal, Said (1990) explica que o orientalismo é uma construção discursiva que se elabora numa troca desigual entre três tipos de poder – político, intelectual, cultural. E conclui que, “com efeito o meu verdadeiro argumento é que o orientalismo é – e não apenas representa – uma considerável dimensão da moderna cultura político-intelectual, e como tal tem menos a ver com o Oriente que com o ‘nosso’ mundo”⁷³. Na Índia, outros estudos pós-coloniais se juntam ao redor de um conjunto de ideias que Spivak vai chamar de *Subaltern Studies* [Estudos Subalternos], em 1982. Como Spivak, os teóricos pós-colonialistas indianos que aderem a esta corrente intelectual contestam a noção de o Ocidente se considerar como o único produtor do discurso e, conseqüentemente, como o senhor da História.

A influência da teoria francesa sobre o pensamento pós-colonialismo é inegável, em especial a preocupação de teóricos pós-estruturalistas em estabelecer uma relação entre poder e saber, em denunciar que ideias tidas como universais nada mais são que elaborações localizadas de uma cultura mais poderosa, como a colonial. Guillebaud (2008) esclarece que

na ótica dos estudos pós-coloniais, a crítica do discurso colonial não deve levar a poupar o discurso anti-colonial, seu eterno rival, mas também seu irmão gêmeo. Os teóricos do pós-colonial desejam acabar, de uma vez por todas, com as categorias reificantes e os grandes mitos

⁷² GUILLEBAUD, 2008: 175; « *Le Commencement d'un Monde: Vers une Modernité Métisse* » [par des universitaires de (...), originaires d'Inde ou d'Afrique, du monde arabe ou de l'Asie. Ceux-ci ont en commun de vouloir déconstruire les catégories mentales et les définitions « ethnologiques » qui ont présidé à la colonisation]

⁷³ SAID, 1990: 24; “*Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*”

ocidentais, como o “progresso linear” ou a “modernização” imposta de fora.⁷⁴

Porém, é na literatura que o questionamento ao “progresso linear” e à “modernização imposta de fora” recebe maior destaque. No Caribe, Césaire (2004) escreve o texto *Discours sur le Colonialisme* [Discurso sobre o Colonialismo], onde rejeita a maneira como o Ocidente junta colonização e civilização. “Colonização e civilização?”, ele se pergunta para, em seguida, responder acusatoriamente, dizendo que “a praga mais comum neste assunto é ser um juguete de boa fé de uma hipocrisia coletiva, hábil em colocar os problemas de tal forma que legitimem as soluções odiosas encontradas”⁷⁵. Para Césaire, colonização não é civilização, “nem evangelização, nem filantropia, nem desejo de recuar as fronteiras da ignorância, da doença, da tirania, nem a ampliação de Deus, nem a extensão do Direito”⁷⁶. A acusação segue, agora, mais direta, com o autor denunciando que “o gesto decisivo” da colonização

é aqui o do aventureiro e do pirata, do grande merceeiro e do proprietário, do garimpeiro de ouro e do comerciante, do apetite e da força, associado de forma escusa à sombra, ao mal de um tipo de civilização que, em um determinado momento da sua história, se vê obrigado, internamente, a ampliar, em escala mundial, a concorrência de suas economias antagônicas.⁷⁷

Na África, o escritor nigeriano Chinua Achebe desafia a perspectiva colonialista presente no romance *No Coração das Trevas*, escrito por Joseph Conrad, em 1899. Achebe critica em Conrad a percepção da

⁷⁴ GUILLEBAUD, 2008: 180 [Dans l'optique des post-colonial studies, la critique du discours colonial ne devait donc pas conduire à épargner le discours anticolonial, son éternel rival mais aussi son frère jumeau. Les théoriciens du postcolonil veulent en finir une bonne fois avec les catégories réifiantes et les grands mythes occidentaux, comme celui du « progrès linéaire » ou de la « modernisation » imposée de l'extérieur.

⁷⁵ CÉSAIRE, 2004: 8-9 ; «Discours sur le Colonialisme, suivi de Discours sur la Négritude» [La malédiction la plus commune en cette matière est d'être la dupe de bonne foi d'une hypocrisie collective, habile à mal poser les problèmes pour mieux légitimer les odieuses solutions qu'on leur apporte]

⁷⁶ Ibid., p. 9 [ni evangelization, ni enterprise philanthropique, ni volonté de reculer les frontières de l'ignorance, de la maladie, de la tyrannie, ni élargissement de Dieu, ni extesion du Droit]

⁷⁷ Ibid., p. 9 [est ici de l'aventurier et du pirate, de l'épicier en grand et de l'armateur, du chercheur d'or et du marchand, de l'appétit et de la force, avec, derrière, l'ombre portée, maléfique, d'une forme de civilisation qui, à un moment de son histoire, se constate obligée, de façon interne, d'étendre à l'échelle mondiale la concurrence de ses économies antagonistes]

África como ambiente do mal e do horror, onde grassa a desumanidade. Ele rejeita o tipo de desprezo que se aninha neste texto de Conrad.

Embora relevante, necessária e profícua, do ponto de vista de esclarecer questões de poder e saber que convergem entre ideólogos pós-colonialistas, a condenação que Achebe faz do projeto colonialista europeu ou o desafio a ele, não é um fato isolado. Tendo em mente a mobilidade identitária de Hari, em discussão mais adiante, vale considerar dois elementos caros a Bandia (2008): transnacionalismo e interculturalidade. Basta pensar que Hari se comunica, em inglês, com jornalistas, correspondentes e outros profissionais, e realiza constantes viagens entre Darfur e o Chade, para se perceber a validade da percepção de Bandia para o estudo da narrativa em questão. Bandia argumenta que

a literatura em línguas europeias na África pode revelar a tensão linguística e cultural que caracteriza a relação tênue entre as culturas em línguas africanas e as línguas coloniais na sociedade pós-colonial contemporânea (...) Muitos escritores africanos, tanto da pré-independência e da pós-independência, adotaram as línguas europeias como veículo de criatividade literária e estão transformando estas línguas com a arte oral africana para refletir melhor a realidade sociocultural africana.⁷⁸

Ao decidir viver nos Estados Unidos e escrever sua obra em inglês sobre uma experiência africana pós-independência do Sudão, Hari reúne alguns dos requisitos estipulados por Bandia, a saber: adota uma língua europeia (inglês), impregna a língua como a oralidade africana e reflete a realidade social e cultural da África. De posse destes ingredientes, o autor se insere nos domínios teóricos e práticos da representação pós-colonial, marcada pela mobilidade identitária.

⁷⁸ BANDIA, 2008: 4; *“Translation as Reparation: writing and translation in Postcolonial Africa”* [African European language literature can reveal the linguistic and cultural tension that characterizes the tenuous relationship between African languages and colonial languages in contemporary postcolonial society (...) many African writers, pre-independence as a medium for literary creativity and are infusing these languages with African oral artistry to better reflect African sociocultural reality]

2.2 REPRESENTAÇÃO E MOBILIDADE IDENTITÁRIA DE HARI

Em *O Tradutor*, Hari pode ser entendido conceitualmente como escritor, narrador, personagem e tradutor. Esta subjetividade multifacetada permite a discussão da representação e da identidade. Por isso, a análise de conceitos de representação e mobilidade identitária se alicerça na intenção de se averiguar a abrangência e o alcance das identidades que se acumulam em Hari, a partir das modalidades de relato – ontológica e pública – combinadas com duas modalidades identitárias presentes em Hari – de narrador e tradutor. Tanto como narrador quanto como tradutor Hari se move entre a narrativa do eu que se deixa envolver pessoalmente pelos acontecimentos de Darfur e aquela da denúncia, através da qual Hari recorre a instituições internacionais para que o mundo tome conhecimento do sofrimento do povo de Darfur, atingido pelo genocídio. Com base na narrativa do *Self*, ou seja, ontológica, mais do que a representação vamos nos deparar com a autorrepresentação de Hari.

A contribuição teórica para a análise da construção identitária do personagem/narrador se encontra nos escritos de Hall (1997) sobre a representação e sobre identidades que se movimentam (Hall, 2006). Hall (1997) esclarece que a representação envolve estes três aspectos: significado, linguagem e cultura. Em outras palavras, para o pensador, a conexão entre significado e linguagem só se concretiza como representação de algo ou de alguém se alicerçada em um contexto cultural determinado. Ele evidencia esta tríplice aliança entre significado, linguagem e cultura, dizendo que

o conceito de representação veio ocupar um lugar novo e importante no estudo da cultura. A representação conecta significado e a linguagem à cultura. Mas o que exatamente as pessoas querem dizer com isso? O que faz a representação ter algo a ver com cultura e significado? Um uso do senso comum do termo é a seguinte: "representação significa usar a linguagem para dizer algo significativo a respeito, ou para representar o mundo de forma significativa, para outras pessoas" Você pode perguntar: "Isso é tudo?" Bem, sim e não. A representação é uma parte essencial do processo pelo qual o significado é produzido e trocado entre membros de uma cultura. Isso envolve o uso da linguagem, de

sinais e imagens que significam ou representam coisas.⁷⁹

A representação, nos moldes propostos por Hall, aparece em *O Tradutor*, quando Hari se vale da linguagem para significar a respeito da luta pessoal que trava contra a situação no Sudão, tornando-a acessível às pessoas de outras culturas de forma significativa para, assim, lograr mostrar ao mundo o que acontece em Darfur. Representar é, também, a maneira através da qual Hari manifesta as estratégias de construção da identidade de tradutor que também possui. Ainda, segundo Hall, a representação é parte essencial do processo pelo qual o significado é intercambiado entre os membros de uma cultura. Isto é, representar envolve reproduzir significados através da linguagem.

A partir das múltiplas construções identitárias que a linguagem de Hari engendra, o narrador em *O Tradutor* se representa como um sujeito pós-moderno. Hall (2006) explicita que uma característica marcante da pós-modernidade deste sujeito é justamente a mobilidade identitária. O autor informa que, na pós-modernidade,

a identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque

⁷⁹ HALL, 1997: 15; “*The Work of Representation*” [*The concept of representation has come to occupy a new and important place in the study of culture. Representation connects meaning and language to culture. But what exactly do people mean by it? What does representation have to do with culture and meaning? One common-sense usage of the term is as follows: ‘Representation means using language to say something meaningful about, or to represent, the world meaningfully, to other people.’ You may well ask, ‘Is that all?’ Well, yes and no. Representation is an essential part of the process by which meaning is produced and exchanged between members of a culture. It does involve the use of language, of signs and images which stand for or represent things*]

construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu.”⁸⁰

Envolta nas ambiências histórica e culturalmente matizadas pelo genocídio e pelo deslocamento territorial, a narrativa de Hari não pode ser chamada de “uma cômoda estória” tampouco de “uma confortadora narrativa do eu”. Neste cenário de morte, sofrimento e exílio, o texto ontológico ainda adquire a forma da denúncia que marca a narrativa pública. Em dado momento do texto, a representação identitária de Hari nos apresenta um tradutor oriundo da região de Darfur que se encontra no Chade. Neste país, Hari vende seu camelo e percorre os campos de refugiados levando água e comida ao povo. Sudanês, o Hari de Darfur fala zaghawa (idioma tribal), árabe e inglês e, através dessa mobilidade entre línguas, presta a ONGs auxílio linguístico ligado à tradução. Porém, tudo isso não é suficiente para ele. Hari precisa fazer mais. Com a chegada de repórteres estrangeiros ao Chade, ele encontra ocupação como tradutor, ajudando o Dr. John a fazer as entrevistas com os refugiados e a tomar as providências legais cabíveis caso constate que um genocídio esteja ocorrendo em Darfur. Por todos estes aspectos de autorrepresentação, Hari se autorretrata como narrador dotado de identidade móvel, que mescla a estória pessoal – narrativa do *Self*, do sujeito, do eu – com a estória de seu povo – narrativa pública. Para Strümper (2003), sempre que o *Self* é enunciado ele estará conectado ao conceito de identidade. Vale retomar, para efeito de exemplificação, o que já se encontra discutido no capítulo anterior. Baker (2006) registra que o relato ontológico conta estórias de nós mesmos, nossos lugares no mundo e a nossa própria estória. Para Baker, estas estórias constituem e dão sentido às nossas vidas.

Ao mesmo tempo em que *O Tradutor* de Hari revela uma narrativa ontológica, também compõe uma narrativa pública. De acordo com Sommers e Gibson (1994), a narrativa pública é uma estória elaborada por, e circula entre, formações institucionais e sociais, como por exemplo, família, religião ou instituição educacional, a mídia, e a nação. O narrador Hari, então, se transforma num narrador público, uma vez que desenvolve um relato de cunho social, mostrando ao mundo o genocídio que está acontecendo em seu país. A modalidade pública envolve emoção (família/amigos/povo) e nos faz refletir, dando sentido às nossas vidas. E é, através de um texto com características de

⁸⁰ HALL, 2006:13

literatura, que Hari leva ao mundo aspectos relevantes e cruciais da sua vida e da do seu povo, e a torna pública.

2.2.1 A representação da identidade móvel de Hari

Em sua multiplicidade de representações identitárias – escritor, narrador, tradutor, militante político – Hari se caracteriza como intelectual orgânico (socialmente participativo, envolvido). Categoria de intelectual estipulada por Gramsci, o intelectual orgânico é apresentado por Said (1996) como aquele que está “diretamente associado a classes e atividades que se valem de intelectuais para organizar interesses, obter mais poder, alcançar mais controle.”⁸¹ Mais adiante, o pensador palestino afirma

análise social de Gramsci do intelectual como uma pessoa que cumpre um determinado conjunto de funções na sociedade está muito mais próxima da realidade do que qualquer coisa que Benda nos dá [intelectual sem responsabilidade social], sobretudo no final do século XX, quando tantas novas profissões – os radiodifusores, profissionais acadêmicos, analistas de sistemas, advogados de desporto e comunicação social, consultores de gestão, especialistas em políticas públicas, assessores de governos, autores de relatórios de mercado especializados, e na verdade todo o campo do jornalismo moderno de massa – têm reivindicado a visão de Gramsci.⁸²

Na avaliação de Said, cuja lista vai do radialista ao analista de sistemas, há espaço para a caracterização do intelectual negro em que o africano Hari se enquadra. Neste sentido, a condição de negro africano lhe confere o status de intelectual pós-colonial. Tyson (2001), por exemplo, argumenta que as experiências de negros africanos e de grupos pós-

⁸¹ SAID, 1996: 4 “*Representations of the Intellectual*” [directly connected to classes or enterprises that use intellectuals to organize interests, gain more power, get more control]

⁸² Ibid., p. 8-9 [Gramsci’s social analysis of their intellectual as a person who fulfills a particular set of functions in the society is much closer to the reality than anything Benda give us, particularly in the late twentieth century when so many new professions – broadcasters, academic professionals, computer analysts, sports and media lawyers, management consultants, policy experts, government advisers, authors of specialized market reports, and indeed the whole field of modern mass journalism itself- have vindicated Gramsci’s vision]

coloniais se complementam porque “em razão tanto de suas semelhanças e diferenças, contudo, o estudo do conteúdo teórico e prático da experiência pós-colonial e africana negra é complementar: o que aprendemos de um campo nos ajuda a entender o outro.”⁸³ No exercício de aproximar os dois campos como teorias ou experiências práticas, Tyson esclarece que o pós-colonialismo e africanidade “também compartilham inúmeros pressupostos teóricos e preocupações políticas porque os dois campos se centram na experiência e na produção literária de povos cuja história se caracteriza pela extrema opressão política, social, e psicológica.”⁸⁴ A autora prossegue

contudo, grande parte da crítica pós-colonialista, talvez por que procura entender as semelhanças entre as populações ex-colonizadas no mundo inteiro, tende a ser mais abstrata e geral em suas análises. [A crítica africana negra], por outro lado, examina a experiência e a produção literária de uma específica população “ex-colonizada” – os africanos – e grande parte da sua análise, em consequência, tende a ser mais concreta e específica.⁸⁵

Nesta aproximação entre pós-colonialismo e africanidade, proposta por Tyson, a caracterização que WEST (1993) faz do intelectual negro assume importância. West esclarece que o papel do intelectual negro é complexo porque se alicerça no projeto político de mitigar as distâncias entre os mundos ocidental e não-ocidental, as esferas branca e negra, os ambientes do colonizador e do colonizado. Admitindo os limites sociais, institucionais, culturais e raciais impostos ao trabalho intelectual do negro, o filósofo afro-americano reivindica a expansão da intelectualidade afro-descendente, dizendo que

⁸³ TYSON, 2001: 363-364; “*Critical Theory Today: a user-friendly guide*” [In terms both of their similarities and their differences, however, the study of postcolonial and African American criticism is complementary: what we learn from each field helps illuminate the other]

⁸⁴ *Ibid.*, p. 363 [also share a number of theoretical assumptions and political concerns because both fields focus on the experience and literary production of peoples whose history is characterized by extreme political, social, and psychological oppression]

⁸⁵ *Ibid.*, p. 363 [However, much postcolonial criticism, perhaps because it attempts to understand the similarities among formerly colonized population all over the globe, tend to be rather abstract and general in its analyses. African American criticism, in contrast, examines the experience and literary production of a single formerly “colonized” population – American of African descent – and much of its analysis therefore tends to be more concrete and specific]

essa expansão ocorrerá mais facilmente quando os intelectuais negros desenvolverem um olhar mais sincero sobre eles mesmos, sobre as forças históricas e sociais que lhes dão forma, e sobre os recursos limitados porém significativos presentes na comunidade de onde vêm. Um “auto-inventário” crítico que elabore o escrutínio das posições sociais e de classe e das socializações culturais é necessário. Um escrutínio assim não deve ser motivado pela auto-piedade nem pela auto-satisfação. Ao contrário, este “auto-inventário” deve incorporar o senso crítico e o modo de resistência aplicáveis à comunidade negra, à sociedade africana e à civilização ocidental como um todo.⁸⁶

Diante de semelhantes condições – restritivas ou ampliadoras – indicadas ao trabalho do intelectual negro, West também elabora uma proposta para o futuro da intelectualidade negra. O filósofo acredita que “futuro do intelectual negro não está na submissão ao pai ocidental, nem na busca nostálgica do pai africano. Mas reside na negação crítica, na preservação sábia e na transformação insurgente desta linhagem negra que protege a terra e projeta um mundo melhor.”⁸⁷ Assim, a dupla consciência negativa e restritiva de Du Bois (1999), caracterizada pela “sua duplicidade – americano e Negro; duas almas, dois pensamentos, dois esforços irreconciliados; dois ideais que se combatem em um corpo escuro cuja força obstinada unicamente impede que se destrua”⁸⁸, é substituída por uma outra mais mestiça, cuja posição relacional vai ser associada por Glissant (2005) à “identidade como fator e como resultado de uma criouliização, ou seja, da identidade como rizoma, da identidade

⁸⁶ WEST, 1993: 85; “*The Dilemma of the Black Intellectual*” [This expansion will occur more readily when black intellectuals take a more candid look at themselves, the historical and social forces that shape them, and the limited though significant resources of the community from whence they come. A critical “self-inventory” that scrutinizes the social positions, class locations and cultural socializations of black intellectuals is imperative. Such scrutiny should be motivated by neither self-pity nor self-satisfaction. Rather this “self-inventory” should embody the sense of critique and resistance applicable to the black community, American society and Western civilization as a whole]

⁸⁷ *Ibid.*, p. 85; “*The Dilemma of the Black Intellectual*” [The future of the black intellectual lies neither in a deferential disposition toward the Western parent nor a nostalgic search for the African one. Rather it resides in a critical negation, wise preservation and insurgent transformation of this black lineage which protects the earth and projects a better world]

⁸⁸ DU BOIS, 1999: 54; “*As Almas da Gente Negra*”

não mais como raiz única, mas como raiz indo ao encontro de outras raízes.”⁸⁹

No âmbito desta caracterização do intelectual negro, Hari se transforma no narrador que desempenha a função do intelectual compósito, aquele que estabelece contatos entre dois mundos: com o negro (africano) através do povo de Darfur e com o branco (ocidental) através dos jornalistas e ONGs. Na narrativa *O tradutor*, as identidades de Hari derivam desta mediação dual que o trabalho de tradutor ficcional lhe permite conduzir. De acordo com Strümper (2003), tradutores ficcinonais são retratados frequentemente como andarilhos ou peregrinos entre as línguas, países e culturas. Esta caracterização cai como luva sobre Hari. Ele usa suas habilidades linguísticas e culturais, muda de nome para construir a identidade desejável para sua missão. “I became Suleyman Abakar Moussa of Chad”⁹⁰, ele diz. Jon Thiem (1995) define a troca de nome como abuso intencional de posição do tradutor para “fins pessoais e ideológicos.”⁹¹ Neste abuso intencional de uma identidade móvel, a representação do tradutor Hari reflete três identidades: a primeira relacionada à identidade nacionalista se caracteriza pela valorização da cultura de origem; a segunda relacionada à identidade de assimilação compreende a identificação com a cultura do outro; e a terceira relacionada à identidade catalista alia a nacionalista à assimilacionista.

2.2.1.1 Demarcar a identidade nacionalista de Hari, uma narrativa do *Self*

Na agenda política que elabora para o futuro do intelectual negro, West (1993) associa a identidade nacionalista a “uma busca nostálgica do pai africano.”⁹² Metaforicamente, “o pai africano” representaria toda a gama da produção cultural do negro, idealizada a partir de matrizes culturais africanas e espalhada pelo mundo. Vivenciar, preservar, defender e propagar estes valores culturais constituiria uma identidade nacionalista. Assim, tocado pela experiência nacionalista, a representação identitária móvel de Hari se viabiliza na decisão do narrador/tradutor de ajudar o seu povo, sua raiz. A preocupação com a população de Darfur se evidencia, inicialmente, no envolvimento de

⁸⁹ GLISSANT, 2005:27; “*Introdução a uma Poética da Diversidade*”

⁹⁰ HARI, 2008: 69; “*The Translator*”

⁹¹ THIEM, 1995: In: Strümper 2003: 119 [for personal or ideological ends]

⁹² WEST, 1993: 85 [a nostalgic search for the African one]

Hari com a sua aldeia, nestas palavras de ânimo e solidariedade mútuas entre os sudaneses: “-- Vamos, vamos! – gritavam uns aos outros, tentando se fazer ouvir em meio ao *ratatá* das metralhadoras.”⁹³ O ato responsável de Hari o aproxima do existencialismo de Sartre, cuja responsabilidade o homem existencialista é chamado a dirigir a si mesmo e aos outros. Como insiste Sartre (1996), o homem do existencialismo não “é responsável apenas por sua própria individualidade, mas também é responsável por outros homens.”⁹⁴

O amor que Hari devota à família e ao povo revela uma estória de sofrimentos e angústias. O povo é pobre, formado por negros que só podem sobreviver com ajuda mútua entre eles. Hari escreve que “para nós, africanos, família é tudo. Fazemos o que estiver ao alcance para ajudar um parente, sem pensar duas vezes.”⁹⁵ O nacionalismo de Hari marca a preocupação em ajudar os familiares e concidadãos a sair daquela situação de massacre. A vida em campos de refugiados que os irmãos sudaneses estão condenados a enfrentar o incomoda e o leva a escrever que “desde a invasão ao meu povoado, aquela era a minha razão de viver. Por dentro, estava morto, e a única coisa que queria era dar algum sentido ao resto de vida que ainda me restava.”⁹⁶ Este desejo de conferir sentido a uma vida marcada pelo genocídio, visível em Hari, encontra eco nas palavras de Munanga (1986), ao esclarecer que “a libertação do negro deve efetuar-se pela reconquista de si e de uma dignidade autônoma, aceitando-se, o negro afirma-se cultural, moral, física e psiquicamente.”⁹⁷ Dotado de identidade nacionalista e de responsabilidade social, o intelectual negro, no qual o narrador/tradutor vai se transformando naquele ambiente de desespero do Sudão, encontra seu destino na luta pelo povo ao qual pertence. Este sentido de vida se manifesta em palavras de desespero:

queria despertar deste tormento. Imagine se tudo o que rege o seu país, leis, princípios, de repente deixasse de existir e toda sua família – cada parente – passasse a correr perigo. Foi mais ou menos isso o que aconteceu. Não dá para ficar pensando só em si mesmo numa situação dessas; você começa a imaginar onde está a sua família e

⁹³ HARI, 2008: 60

⁹⁴ SARTRE, 1996: 31; “*L’existencialisme est un humanisme*” [*est responsable de sa stricte individualité, mais qu’il est responsable de tous les hommes*]

⁹⁵ HARI, 2008: 31

⁹⁶ *Ibid.*, p. 14

⁹⁷ MUNANGA, 1986: 32; “*Negritude Usos e Sentidos*”

seus amigos e para onde eles podem ir. A cada minuto, fica pensando e repensando, vendo o que pode fazer para ajudá-los.⁹⁸

Mais adiante, Hari assume com orgulho um tipo de nacionalismo que se caracteriza pela valorização de experiências culturais autóctones:

vi uma área arborizada e lembrei-me das festas que aconteciam sob aquelas árvores frondosas. As mulheres formam longas filas e cantam músicas folclóricas que falam da vida no vilarejo e dançam ao longo dessas filas – lindas, com vestidos coloridos e iluminadas pelas chamas da fogueira. Os homens assistem à apresentação e pulam como manda o ritual.⁹⁹

Essa reminiscência das festividades do povo marcam a identificação de Hari com a produção cultural de Darfur. A família, os amigos – o povo em geral, como agentes vivificadores da cultura e do folclore nacional – reforçam o nacionalismo de Hari. Muitos se perguntam por que ele corre tantos perigos pelo povo. E aconselham que, sendo jovem e com estudo, poderia estar em outro local e seguro. Porém, social e politicamente engajado, o “intelectual orgânico” Hari responde, de forma socialmente responsável, “eu não estava em segurança, porque meu povo não estava em segurança – e como estar seguro, se o seu povo não está seguro?”.¹⁰⁰

A identificação com “o pai africano”, para usar as palavras de West (1993), ou com a mãe África, coloca o “intelectual orgânico” Hari no estágio da militância, confere substância nacionalista a esta identidade marcada pelo amor ao povo de Darfur, neste momento de trágica experiência. Ferreira (2004) esclarece:

creio que, apesar dos riscos, a militância seja um estágio importante a ser vivido para o desenvolvimento da identidade. A participação do militante favorece a recuperação dos valores da cultura e da história do negro para, mediante um processo de reconstrução, levá-lo a revisar os valores introjetados durante o processo de socialização, possibilitando, assim, o

⁹⁸ HARI, 2008: 43

⁹⁹ Ibid., p. 44

¹⁰⁰ Ibid., p. 166

desenvolvimento de uma identidade e uma auto-estima mais positivas. O militante pode superar a postura radical que porventura tenha desenvolvido, entrando na fase de *emersão*. Ao se ver cercado de símbolos etno-raciais visíveis associados à sua identidade e, simultaneamente, ao se esquivar de símbolos de “branquidade”, tem a oportunidade de explorar aspectos de sua própria história e cultura, com o apoio dos pares referenciados na mesma estrutura etno-racial. Muito da hostilidade voltada para as pessoas brancas é dissipada neste estágio, pois a energia pessoal volta-se à exploração de valores de seu próprio grupo. O negro desenvolve um controle sobre a emocionalidade, com abandono das ideologias simplificadoras, frequentemente reconhecendo suas primeiras impressões sobre a negritude como românticas e idealizadas. Há certa decepção com relação a grupos radicais, passando a participar de grupos mais seriamente voltados para uma reversão da discriminação e valorização das matrizes africanas, buscando, ainda, articular-se com diversos grupos simultaneamente.¹⁰¹

2.2.1.2 Demarcar a identidade assimilacionista de Hari, uma narrativa da denúncia

Se a identidade nacionalista de Hari se vê marcada pela afirmação de uma responsabilidade existencialista em favor do povo de Darfur, que passa por momentos difíceis em sua história, a identificação assimilacionista se caracteriza pela necessidade que ele sente de se revestir da cidadania chadiana. Na verdade, não se trata de assimilação que negue a raiz sudanesa que carrega para tornar-se cidadão do Chade, mas de postura estratégica mais eficaz, pensa ele, na concretização de busca por ajuda ao povo do Sudão. Diante deste novo tipo de responsabilidade, Hari tenta várias alternativas internas e externas, dentro e fora do país natal. Como consequência, o tradutor não se congela nas atitudes nacionalistas de só se manter associado às matrizes culturais sudanesas, mas também começa a buscar alternativas para mostrar ao mundo o que está acontecendo no Sudão. Um desses expedientes alternativos se apresenta quando grupos de ajuda

¹⁰¹ FERREIRA, 2004: 82-83; “*Afro-Descendente: identidade em construção*”

humanitária chegam a Chade. Hari, então, insiste com amigos a entrarem no Chade para tentar descobrir que tipo de ajuda eles estavam oferecendo. Os amigos o convencem de que ele deve assumir esta responsabilidade, dizendo-lhe: “Vá até lá, Daoud, ajude seus amigos. É você que fala inglês.”¹⁰² Auxiliado pelo domínio da língua inglesa, Hari viaja ao Chade, consegue nova identidade, dizendo que “foi assim que me tornei Suleyman Abakar Moussa de Chade.”¹⁰³

A viagem ao Chade, a mudança de nome e o uso do idioma inglês são movimentos interculturais que abrem espaço para a assimilação. Quando falam da assimilação cultural, teóricos negros e pós-colonialistas denunciam discurso e prática colonialistas como elementos que desqualificam a cultura nativa em favor da cultura metropolitana, europeia, ocidental. Desqualificado culturalmente, o colonizado almeja se aproximar do status da cultura mais bem valorizada, como esclarece Memmi (2007), quando afirma que “a ambição primeira do colonizado será igualar esse modelo prestigioso, assemelhar-se a ele até nele desaparecer.”¹⁰⁴ O movimento na direção “desse modelo prestigioso” é que permite, segundo Hall (2006), o desenvolvimento da mobilidade identitária que o pensador assim caracteriza: “a identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.”¹⁰⁵ Naquele momento da narrativa de Hari, o prestígio que se configura no Chade envolve dois aspectos – a língua inglesa e a presença do grupo de ajuda humanitária – suficientes para justificar a mudança identitária e a assimilação de Hari. West (1993), por sua vez, insiste em que a assimilação deve ser avaliada como uma aproximação ao “pai ocidental.” Ora, estas posturas, muitas vezes, não sempre, derivam da exposição do colonizado a um discurso colonialista longamente vivenciado. Guillebaud (2008) explicita que “em grande medida, a colonização, através de seus administradores e etnólogos, valorizava deliberada e exageradamente diferentes grupos étnicos, chegando a inventá-los. No entanto, raramente se tratava de atitude inocente.”¹⁰⁶ Mudimbe (1988) escreve que “no imaginário e no

¹⁰² HARI, 2008: 70

¹⁰³ Ibid., p. 73

¹⁰⁴ MEMMI, 2007: 163; “Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador”

¹⁰⁵ HALL, 2006: 1

¹⁰⁶ GUILLEBAUD, 2008: 177 [dans une large mesure, la colonisation, à travers ses administrateurs et ses ethnologues, avait délibérément surévalué les différences ethniques, jusqu’à les inventer. Or, c’était rarement de façon innocente]

pensamento ocidentais, a alteridade é, na verdade, uma categoria negativa.”¹⁰⁷

No Chade, Hari decide ir ao encontro dos grupos humanitários. Percorre os campos de refugiados para ver que tipo de ajuda poderia dar a seu povo. Logo faz contatos com esses grupos e descobre que pode ser tradutor e intérprete do inglês para as línguas dos refugiados e, assim, aprender e colaborar com aqueles profissionais. Como tradutor consegue levar a alguns refugiados o tipo de ajuda que, naquele momento, está disponível. Porém, como refugiado, Hari é bem-vindo pelo governo do Chade, desde que permaneça nos campos construídos para receber refugiados sudaneses. Hari é refugiado e não tem direito a trabalho, mesmo ao trabalho não remunerado que está fazendo com os grupos humanitários, pois, assim, tira a oportunidade de um nativo se empregar. Hari se incomoda com esta situação, pois desta forma percebe que não serviria de muita coisa a seu povo.

A nova identidade, a de chadiano como Suleyman Abakar Moussa, abre oportunidades a Hari. Sua peregrinação em busca de oportunidades de trabalho com os repórteres que estavam chegando a Chade começa a dar certo. Nos hotéis em que se hospedam repórteres e responsáveis por ONGs, ele ouve que correspondentes internacionais estão à procura de tradutores junto aos refugiados dos campos e junto aos cidadãos de Darfur. Um amigo diz a ele para procurar o Dr. John e Hari descobre que o Dr. John não é exatamente um jornalista. Dr. John “tinha vindo com o pessoal da ONU e do Ministério das Relações Exteriores dos Estados Unidos. Ele entrevista refugiados e toma as providências legais caso constate que um genocídio está ocorrendo.”¹⁰⁸ No encontro com Dr. John, Hari descobre que não se trata de um médico, e sim que o “doutor” é apenas um apelido. Hari diz que o Dr. John “ficou feliz em conhecer Suleyman Abakar Moussa, de Chade, que sabia falar zaghawa, árabe e inglês.”¹⁰⁹

Hari tinha pequenas cicatrizes em seu rosto, marcas feitas pela sua avó, representando assim a tribo zaghawa, mas ele não se sentia ameaçado em ser descoberto porque muitos zaghawas viviam em Chade, assim como no Sudão. O perigo maior para ele é o fato de não falar francês, uma das línguas dos chadianos, mas como muitos deles falam árabe, Hari consegue parecer-se e igualar-se aos chadianos, mantendo,

¹⁰⁷ MUDIMBE, 1988, in Guillebaud, 2008: 177 [*dans l'imaginaire et la pensée occidentale, l'altérité est une catégorie négative du même*]

¹⁰⁸ HARI, 2008: 74

¹⁰⁹ *Ibid.*, p. 74

assim, a sua meta de ajudar o seu povo. Hari, porém, não permanece no meio dos seus, somente cuidando dos refugiados, ele tem a consciência de que precisa se misturar com os chadianos para alcançar o seu objetivo. Como o nacionalista devotado ao interesse dos sudaneses e o assimilacionista que troca de identidade no Chade, Hari continua sua própria narrativa e a de seu povo. Uma narrativa enraizada e preocupada em ajudar a população sudanesa que sofre as atrocidades de um genocídio.

2.2.1.3 Demarcar a identidade catalista de Hari, uma narrativa do *Self* e da denúncia

A identidade catalista é uma identificação combinatória capaz de mesclar as duas identidades já analisadas, a nacionalista e a assimilacionista. Se de um lado, a identidade assimilacionista de Hari se desenvolve no Chade, em contato com a língua inglesa e se vale do expediente da troca do próprio nome; do outro, a nacionalista se atrela ao seu trabalho direto no Sudão, diante de seu povo. A catalista, por sua vez, se apresenta como a terceira alternativa naquilo que Hall (2006) chama de “celebração móvel” identitária. A identidade catalista se torna “a subjetividade [que] produz o sujeito como não tendo uma identidade fixa [nacionalista ou assimilacionista], essencial, ou permanente.”¹¹⁰ A mobilidade identitária de Hari, ou seja, sua resistência ao foco essencialista se apoia no movimento que o lança do nacionalismo para a assimilação para o catalismo, movimentação que impede que o tradutor se congele em uma delas somente. O tríplice movimento e a fragmentação tripla entre estas afirmações identitárias conferem a Hari as características de um sujeito que une o pós-moderno ao pós-colonial: pós-moderno porque a qualidade da fragmentação identitária que o anima expurga o essencialismo em favor da pluralidade; pós-colonial pelo alcance da experiência africana que o caracteriza.

Guillebaud (2008) reivindica que a aproximação entre pós-modernismo e pós-colonialismo se dá pela utilização que se faz de conceitos e métodos de análise desenvolvidos pelos pós-estruturalistas franceses Foucault, Derrida, Deleuze Baudrillard, Bourdieu e Lacan. Guillebaud afirma que

¹¹⁰ PINSEGHIER, 2006: 36-37; “*De Catherine a Catherine: relendo raça em experiências Pós-Colonialistas nos romances O Morro dos Ventos Uivantes de Emily Brontë e Corações Migrantes de Maryse Conde*”

o pós-estruturalismo permite compreender porque “as noções de racionalidade, de verdade e de natureza humana não pertencem ao céu de ideias atemporais e universais, mas são construções localizadas e datadas, indissociáveis da história particular da cultura ocidental”. Nós entendemos a importância da questão. Se as “categorias” que sustentam a hegemonia intelectual da Europa podem ser localizadas e datadas, isso significa que elas não são universais, mas relativas.¹¹¹

Em sua crítica ao essencialismo, Hooks (1996) esclarece que

a crítica do essencialismo encorajado pelo pensamento pós-moderno [pós-colonial também] é útil para os africanos preocupados em reformular as noções ultrapassadas de identidade. Durante muito tempo nos impuseram, externa e internamente, uma estreita e impeditiva noção de negritude. As críticas pós-modernas [pós-coloniais também] ao essencialismo que desafiam as noções de universalidade e identidade estática determinadas antecipadamente na cultura de massa e na consciência de massa podem abrir novas possibilidades para a construção da subjetividade autônoma e da afirmação da agência.¹¹²

Em *O Tradutor*, obra escrita em inglês para uma audiência basicamente ocidental, Hari não apenas foge do essencialismo estritamente identitário para assumir uma postura pós-colonialista que Appiah (1997)

¹¹¹ GUILLEBAUD, 2008: 179-180 [Or le poststructuralisme français permettait de comprendre pourquoi « les notions de rationalité, de vérité et de nature humaine n'appartenaient pas au ciel des idées intemporelles et universelles, mais étaient des constructions localisées et datées, indissociables de l'histoire particulière de la culture occidentale ». On comprend l'importance de l'enjeu. Si les « catégories » mentales qui fondaient l'hégémonie européenne peuvent être localisées et datées, cela signifie qu'elles ne sont pas universelles mais relative]

¹¹² HOOKS, 1996: 345; in Rice & Waugh; “*Modern Literary Theory: a reader*” [The critique of essentialism encouraged by postmodernist thought is useful for African-Americans concerned with reformulating outmoded notions of identity. We have too long had imposed upon us from both the outside and the inside a narrow, constricting notion of blackness. Postmodern critiques of essentialism which challenge notions of universality and static overdetermined identity within mass culture and mass consciousness can open up new possibilities for the construction of self and the assertion of agency]

define como aquela de intermediação entre a África e o Ocidente. “O pós-colonialismo”, esclarece o pensador africano,

é a condição do que poderíamos chamar, de maneira pouco generosa, uma intelectualidade comprista: a de um grupo de escritores e pensadores relativamente pequeno, de estilo ocidental e formação ocidental, que intermedeia, na periferia, o comércio de bens culturais do capitalismo mundial. No Ocidente, eles são conhecidos pela África que oferecem; seus compatriotas os conhecem pelo Ocidente que eles apresentam à África e por uma África que eles inventaram para o mundo, uns para os outros e para a África.¹¹³

Nos distanciamentos e aproximações que o pós-moderno e o pós-colonial apresentam, há espaço para a análise desta terceira modalidade de identidade – a catalista. Ainda jovem, após terminar o ensino médio, Hari não se deixa influenciar pelo pai que deseja que ele volte para casa para assumir o casamento arranjado, como incentiva a tradição tribal, e seguir a criação de camelos, como aconselha a economia local. Acossados por estas duas imposições de fundo cultural, ligadas a sua etnia, Hari reage, dizendo que “considerarei a idéia, já que gostava de camelos, mas queria conhecer outros lugares, outras culturas. Além disso, queria também escolher minha esposa e queria que ela também me escolhesse.”¹¹⁴ A decisão de considerar outras possibilidades de vida que não somente aquelas advindas da experiência étnica sugere que Hari não deseja congelar-se em uma única identidade para caracterizar-se como detentor de diferença, um sujeito marcado pelo desejo de ajudar seu povo, ao mesmo tempo em que denuncia os sofrimentos que enfrentam os sudaneses. Com esta atitude catalista/transformadora, Hari parte para a Líbia e aí consegue emprego num restaurante militar. Não satisfeito, parte para o Egito, pois ouve dizer que por lá pagam melhor. No Egito, consegue trabalhar nos restaurantes à beira do Mar Vermelho. No Egito, porém, também ouve dizer que em Israel o salário é ainda melhor. No Egito, ganhava cem dólares; em Israel ganharia mil dólares. As vantagens salariais o transportam para Israel. Tem planos de fazer uma faculdade e, ainda, poderia enviar dinheiro aos seus pais. Ele não

¹¹³ APPIAH, 1997: 208

¹¹⁴ HARI, 2008: 26

hesita e parte para Israel, porém, ao atravessar a fronteira israelense, é capturado. Fica preso numa prisão do Egito. Se continuasse preso seria enviado ao Sudão, onde certamente seria morto. Com a ajuda de um carcereiro, Hari consegue contato com os seus amigos do Cairo que entram em contato com líderes zaghawa que, por sua vez, acionam a Human Rights Watch e a ONU. Hari é enviado de volta ao Cairo e lá os primos pagam sua passagem aérea de volta à cidade de Darfur.

É desta maneira que Hari retorna ao seu país, a sua região. Sua primeira atitude é ajudar o povo a sair do seu povoado, pois a população havia sido atacada. Depois, percebe que precisa ajudar mais e se torna Suleyman, auxiliando Dr. John na busca por confirmações de que estava ocorrendo genocídio em Darfur. Depois que o trabalho terminou, “os Estados Unidos e outros países usaram a investigação para concluir que o governo sudanês estava de fato cometendo genocídio.”¹¹⁵ Hari então decide que além de ajudar o seu povo nos campos de refugiados, de se passar por chadiano, agora era a hora de denunciar, tornar público ao mundo o sofrimento do seu povo. Volta, então, ao Chade sob falsa identidade, e, com o dinheiro que recebeu durante as investigações sobre o genocídio, compra um celular e deixa o número na Embaixada dos Estados Unidos, no Chade, e em hotéis. Tem a intenção de levar repórteres aos campos de refugiados e a Darfur para mostrar ao mundo a destruição em todos os sentidos de sua terra. O que Hari constrói dentro dessas duas identidades é o que Glissant chama de experiência rizômica, ou seja, a experiência “não mais como raiz única, mas como indo ao encontro de outras raízes.”¹¹⁶ Ao mesmo tempo nacionalista e assimilacionista, Hari prova o quanto a identidade dele está em movimento, está fragmentada. A assimilação de Hari reside no desejo de buscar uma vida melhor para o seu povo quando manifesta sua preocupação em não ser reconhecido nos campos de refugiados, onde leva os repórteres para as entrevistas. Ele esclarece: “fiquei um pouco afastado, mais atrás, porque não queria ser reconhecido e nem apresentado pelo meu novo nome.”¹¹⁷ Hari transforma, muda a sua personalidade, não deseja ser apenas um cidadão comum, mas se esforça para fazer parte de uma sociedade atuante, internacional.

Hari tem consciência de que precisa ser nacionalista e também assimilacionista para poder ajudar o seu povo e a si mesmo, ou seja, necessita da aproximação étnica com os sudaneses, mas também não

¹¹⁵ HARI, 2008:172

¹¹⁶ GLISSANT, 2005: 27

¹¹⁷ HARI, 2008: 78

pode descartar os contatos no Chade. Agindo assim, Hari assume características do sujeito pós-moderno, cujas construções identitárias não se elaboram linearmente, mas são detentoras de instabilidade e contradição. Hari se faz detentor de mobilidade identitária, ou seja, personifica a movimentação de identidade. Dentro dele “há identidades contraditórias empurrando em diferentes direções, de tal modo que suas identificações estão sendo continuamente deslocadas.”¹¹⁸ A mobilidade identitária, que agora se revela em Hari, permite-lhe denunciar o que está acontecendo em Darfur. Ele transforma sua narrativa ontológica, a narrativa do *Self*, em uma narrativa pública, aquela da denúncia. Suas narrativas ontológicas e públicas se sustentam no nacionalismo, ocasião em que ele recebe ajuda de primos e amigos para orientá-lo em como entrar na zona de risco com segurança. Utiliza-se também da assimilação, no Chade, para levar aos campos de refugiados e a Darfur os repórteres que vão divulgar ao mundo os relatos dramáticos dos sudaneses que enfrentam aquele terrível genocídio.

O catalismo de Hari se caracteriza pela ideia de ampliação da abrangência identitária que tanto o nacionalismo como a assimilação podem oferecer. Sua primeira incursão, com os repórteres, a Darfur se dá com ele trabalhando como tradutor de cinco jornalistas africanos. Os jornalistas buscam divulgar os relatos que pudessem ajudar as pessoas que estavam sofrendo e sem perspectiva de voltar à vida cotidiana. Depois, Hari se associa às jornalistas novaiorquinas Megan e Lori, repórteres engajadas em ações comunitárias que ajudam mulheres e crianças refugiadas. Hari relata às repórteres os inúmeros casos de estupros das mulheres que precisam buscar lenha perto dos acampamentos. Com a ajuda de Hari, as jornalistas americanas visitam dez acampamentos. Quando retornam aos Estados Unidos, Megan e Lori apresentam relatórios ao Congresso, ao Ministério das Relações Exteriores e à ONU, contendo denúncias do que está ocorrendo nos campos de refugiados. As jornalistas pedem mais recursos para a educação e segurança armada para acompanhar as mulheres. A intervenção das jornalistas estadunidenses e de outras pessoas envolvidas surte efeito positivo. Hari informa que a ajuda chega e as mulheres sudanesas se sentem mais bem protegidas. Ele prossegue em sua missão de levar os repórteres aos campos de refugiados e a Darfur. Ele próprio explica: “eu precisava ter muito cuidado com esse tipo de

¹¹⁸ HALL, 2006: 13

coisa, se quisesse tirar meus repórteres de Darfur com vida e mostrar ao mundo o que estava acontecendo ali.”¹¹⁹

No desejo em ajudar o seu povo, Hari também trabalha como tradutor de repórteres da BBC em Darfur. Esses repórteres presenciam uma cena horrível. Além de presenciarem pedaços de corpos caindo de árvores, veem os corpos de 81 homens e meninos amontoados, mortos a golpes de facão. Muitos repórteres choram, outros rezam diante daqueles corpos. Todos ajudam a enterrar os mortos. Porém, o fedor dos corpos em decomposição, sudaneses mortos há três dias, faz com que uma parte dos jornalistas se sintam tão mal que permanecem três dias internados numa clínica no Chade. Um novo retorno de Hari a Darfur se dá na companhia de Paul Salopek, repórter do National Geographic e o seu motorista africano Ali. Trata-se de uma viagem perigosa. Os três são capturados e levados a um acampamento rebelde e, depois que Hari se recusa a se separar de Paul e Ali, são guiados deserto adentro. Os três são torturados e ameaçados de morte, pois os rebeldes os consideram espíões e querem saber quem os tinha enviado ali, qual era a missão. Hari diz: “repeti sei lá quantas vezes que estava trabalhando como tradutor para repórteres e que eles, os repórteres, não eram espíões, tampouco eu era e muito menos Ali, que era apenas nosso motorista.”¹²⁰

A repercussão da prisão dos três por parte dos rebeldes alcança níveis internacionais e gera reações. “Cartas de gente famosa como Bono e de líderes importantes como Jimmy Carter e Jesse Jackson se empilham sobre a mesa do procurador – cópias foram enviadas ao presidente Bashir.”¹²¹ Bill Richardson, governador do Novo México, é enviado pelo governo norte-americano para negociar a liberdade de Salopek, Hari e Ali. Quando são soltos da prisão de Khartoum, capital do Sudão, Salopek volta para os Estados Unidos, Hari e Ali voltam para o Chade. No Chade, Hari continua sendo vigiado e amigos que trabalham para o governo chadiano o avisam que seria enviado ao Sudão e seria trocado por um espíão. Com a ajuda do advogado Christopher Nugent e da amiga Megan Mckenna, voa para Ghana e solicita status de refugiado nos Estados Unidos.

Hari descreve sua partida,

ao subir as escadas para a aeronave, olhei para a África, deixando que o cheiro do ar penetrasse-me

¹¹⁹ HARI, 2008: 14

¹²⁰ *Ibid.*, p. 129

¹²¹ *Ibid.*, p. 165

as narinas e a memória. Agora eu me dedicaria a encontrar outras maneiras de denunciar tudo o que estava acontecendo e ajudar o povo a voltar a Darfur e às suas casas em paz e segurança.¹²²

O tipo e a qualidade da mediação que Hari realiza são três. Na missão que assume de não apenas minorar o sofrimento dos refugiados de Darfur, marcada pelo trabalho como tradutor, Hari se associa ao seu povo, ao Chade e a jornalistas internacionais, indo do nacionalismo à assimilação, ao catalismo. Como tradutor ficcional, ou seja, aquele personagem de uma ficção cujo enredo é marcado pela atividade translatória, Hari é um mediador. Strümper (2003) informa que os tradutores ficcionais adotam o papel profissional de mediador, como consequência de sua saída de seus países. Hari simboliza este tradutor, um peregrino entre as línguas, um assimilador de culturas alheias, um protetor do seu povo com o seu nacionalismo e assimilacionismo e que, mesmo exilado nos Estados Unidos, continua lutando pela população de Darfur. Vivendo nos Estados Unidos, Hari une a história pessoal e a do povo nas páginas de *O Tradutor*, o grande massacre em Darfur e que, por sua vez, essa atitude o faz cruzar fronteiras proferindo palestras e entrevistas.

Neste capítulo, incluí a análise das identidades de Hari no âmbito do pós-colonialismo, já que o texto *O Tradutor*, do qual Hari é o narrador, é percebido, nesta dissertação, como uma obra pós-colonial. Procurei esclarecer que a construção de três identidades distintas fez de Hari um africano capaz de mediar situações interculturais entre a África e o Ocidente, entre a população de Darfur e as instituições de ajuda humanitárias. A mediação entre culturas é a função da tradução e do tradutor, atividade que Hari desempenha na narrativa, como tradutor que também é. O capítulo três será dedicado à teoria da tradução, com base nas ideias de Chesterman (1997), em especial a metáfora do “*meme*”, que o autor utiliza para descrever a tradução que se pauta pela diferença entre texto fonte e texto alvo. Espero que o capítulo permita o estabelecimento de procedimentos tradutórios específicos que auxiliem no estudo comparativo das duas versões de *O Tradutor*, a inglesa e a brasileira, a ser desenvolvido no último capítulo.

¹²² HARI, 2008:172

CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DE CATEGORIAS E ESTRATÉGIAS TRANSLATÓRIAS DE CHESTERMAN: EM BUSCA DA DIFERENÇA NA TRADUÇÃO

Este capítulo discute tradução a partir da visão de Chesterman (1997). No livro *“Memes” da tradução: a disseminação de ideias na teoria da tradução* (doravante, *“Memes” da tradução*), o autor organiza o estudo em sete capítulos, os quais a nossa análise vai discutir em apenas três grandes seções: generalidades teóricas, teoria da tradução e prática tradutória. O tópico deste capítulo, em especial, a descrição das estratégias da tradução, é relevante para o nosso estudo dissertativo, uma vez que vai amparar, juntamente com as categorias de narrativa ontológica e pública e as modalidades identitárias de assimilação, nacionalismo e catalismo, apresentadas nos capítulos 1 e 2, respectivamente, a análise comparativa dos textos fonte e alvo de *O Tradutor*, de Hari (2008).

No prefácio de *“Memes” da tradução*, Chesterman (1997) apresenta breve discussão da evolução histórica do significado da palavra teoria, que dos gregos aos dias de hoje, agrupa dois sentidos: externamente, “um olhar sobre”¹²³ algo; internamente, “contemplação, especulação”¹²⁴ de alguma coisa. O autor acrescenta, ainda, uma relação inescapável entre tradução, tradutor e teoria. Para ele, enquanto traduzir equivale a “propagar e mudar ideias”, a função do tradutor é “propagar, espalhar e desenvolver sentidos.”¹²⁵ Quando associa a noção de tradução como diferença ao conceito de “meme” como propagação de sentido, o pensador esclarece que a expressão “*metáfora do meme*” “dá menos prioridade à noção de ‘preservar a identidade’ ou ‘a semelhança’ que subjazem à imagem mais tradicional de ‘levar algo através’, algo que de alguma forma permanece imutável. Ofereço a *metáfora-meme* como uma maneira que ajuda a olhar a tradução.”¹²⁶ Chesterman ainda sugere que, para evitar traduzir de maneira cega, o tradutor precisa de teoria.

¹²³ CHESTERMAN, 1997: 2 [‘a looking at’]

¹²⁴ Ibid., p. 2 [‘contemplation, speculation’]

¹²⁵ Ibid., p. 3 [*the way ideas spread and change [to propagate something, to spread and develop it]*]

¹²⁶ Ibid., p. 2-3 [give less priority to the notions of “preserving identity” or “sameness” which underlie the more traditional image of “carrying something across”, a something that somehow remains unchanged. I offer the meme-metaphor as a helpful way to look at translation]

3.1 DISCUSSÃO TEÓRICA

As generalizações teóricas se concentram no fenômeno da tradução, com o sentido de deslocamento de ideias que mudam durante a dispersão. A propagação dos sentidos se vale de “*memes*”, “*supermemes*” e normas de linguagem. Os primeiros dependem da tradução para sua sobrevivência e se propagam através da imitação na linguagem. Atuando como replicadores, os “*memes*” são os sentidos e os significados que as pessoas recebem ou adquirem e, em seguida, compartilham, repassando-os a outros sujeitos. Chesterman explica que os “*memes*” são “ideias e convenções que sobrevivem a muitas gerações e são transmitidas com sucesso de uma cultura para outra e, assim, provam ser interessantes e relevantes para um grande círculo de seres humanos.”¹²⁷ Na tradução, ideias e informações se deslocam através de cinco “*supermemes*”: o binômio “fonte-alvo”, a “equivalência”, a “intraduzibilidade”, o par “livre-literal”, e a expressão “escrever-é-traduzir”. Chesterman (1997) esclarece que estes cinco fenômenos translatórios “são idéias de influência generalizada de tal forma que aparecem e reaparecem na história da tradução, embora, às vezes, sob formas ligeiramente diferentes. Alguns são mais benéficos que outros.”¹²⁸ Por meio dos “*supermemes*”, as informações entre o texto original e o traduzido passam por nove estágios de deslocamento do conhecimento: palavra, palavra de Deus, retórica, logos, ciência linguística, comunicação, alvo, conhecimento e rede de “*memes*”. Esta rede evolutiva distingue os elementos mais simples dos mais complexos. Por exemplo, diferencia os estágios da “palavra” ou da “palavra-de-Deus” daqueles do “conhecimento” ou da “rede de ‘memes’”. A propagação do sentido através dos dois últimos estágios tende a ser mais complexa que na esfera dos estágios dos dois primeiros. Os estágios explicam a evolução que ocorre na teoria da tradução, fenômeno que, para Chesterman, acontece a partir da ação e da reação de um estágio posterior sobre um fenômeno anterior. “Cada teoria”, o autor esclarece, “se desenvolve a partir de, ou reage a, um modelo precedente. Cada nova teoria procura corrigir ou aperfeiçoar alguns aspectos de uma

¹²⁷ CHESTERMAN, 1997:7 [*Ideas and conventions that survive many generations, and are successfully transmitted from one culture to another, thus prove themselves to be interesting and relevant to a wide circle of human beings*]

¹²⁸ *Ibid.*, p. 7-8 [*They are ideas of such pervasive influence that they come up again and again in the history of the subject, albeit sometimes in slightly different guises. Some appear to be distinctly more beneficial than others*]

teoria anterior ou, até mesmo, oferece um ponto de partida totalmente alternativo, em diferentes condições sócio-culturais.”¹²⁹

A propagação dos sentidos na tradução sugere que, em sua realização, os “memes” e os “supermemes” obedecem a normas específicas. As normas tendem a auxiliar profissionais envolvidos na análise e na produção de textos traduzidos. Elas cobrem três processos de atuação do tradutor: (1) normas que estabelecem a responsabilidade do tradutor diante dos elementos envolvidos na atividade (cliente, autor, leitor, etc); (2) as que enfatizam a melhor comunicação entre o tradutor, o autor, e o leitor; (3) e aquelas que realçam o desejo de alcançar a melhor relação entre a língua fonte e a língua alvo, com vistas a obter a tradução eficaz. Ao tradutor cabe a decisão de procurar segui-las ou de rejeitá-las. Nas duas situações, o resultado é, de um lado, a ratificação da norma; do outro, a sua retificação. A tríplice categorização das normas inclui uma longa tipologia de oito caracterizações diferentes: (1) distinção entre normativo e o prescritivo, (2) a teoria da norma, (3) normas da língua, (4) o significado de tradução, (5) normas da tradução, (6) leis gerais da tradução e leis normativas, (7) normas como restrições, e (8) normas de expectativa para o inglês. Chesterman (1997) esclarece a relevância das normas para a tarefa do tradutor, dizendo que

no seu lado mais forte, essas normas parecem “memes” que foram definidos a partir de situações concretas, determinando rigidamente tanto a teoria quanto a prática da tradução. Podemos, na verdade, definir normas, preliminarmente e pré-teoricamente, como “memes” que são aceitos (por qualquer motivo, ou mesmo por ameaça) por uma comunidade, e levam a comportamentos percebidos como úteis ou desejados: são comportamentos que favorecem a sobrevivência (profissional) das pessoas envolvidas e interessadas.¹³⁰

¹²⁹ CHESTERMAN, 1997:19 [Each theory evolves out of, and reacts to, a preceding one; each new theory seeks to correct or refine some aspect of an earlier one, or even offer an alternative starting point altogether, in different socio-cultural conditions]

¹³⁰ Ibid., p. 51 [At their strongest, these norms seem like memes that have been set in concrete, rigidly determining both the theory and the practice of translation. We might indeed define norms, preliminarily and pre-theoretically, as memes which are accepted (for whatever reasons – even threats) by a community as being conducive to behaviour perceived as useful: behaviour that favours the survival of the individuals concerned, for instance]

3.2 TEORIA DA TRADUÇÃO: ESTRATÉGIAS

Durante o ato de traduzir, as estratégias são planos de ação – verbalizados ou não – ativados por tradutores que buscam a conformação, a rejeição ou a superação das normas que regem o fazer tradutório. Compreendidas por Chesterman (1997) como “uma espécie de processo, uma maneira de fazer algo”¹³¹, as estratégias são avaliadas por Bergen (2010). “Nos estudos da tradução”, Bergen escreve, “o termo *estratégias de tradução* tem sido usado por vários pesquisadores, mas o significado que eles atribuem à expressão varia consideravelmente.”¹³² Em seguida, Bergen recorre à obra *Memes da tradução* para realçar que Chesterman (1997) já admite o emaranhado das terminologias. E, então, argumenta que Chesterman

lista algumas das características gerais das estratégias de tradução: (1) se aplicam a um processo, (2) envolvem manipulação textual, (3) se voltam ao texto alvo, (4) a um problema de tradução, (5) são potencialmente conscientes e (6) são intersubjetivas, significando que podem ser praticadas e entendidas por qualquer pessoa além do sujeito que as está utilizando.¹³³

Ao chamar de *estratégias locais* as 30 categorias de Chesterman – dez sintáticas, dez semânticas, dez pragmáticas – Bergen enfatiza que elas “podem ser comparadas aos muitos sistemas vitais que distribuem o ar, a alimentação, o sangue e os hormônios às várias partes do corpo para mantê-lo funcionando.”¹³⁴

Além de Bergen, outra estudiosa interessada em analisar as estratégias de Chesterman (1997) é Branco, que adiciona, por sua vez, que Chesterman

¹³¹ CHESTERMAN, 1997: 88 [*is thus a kind of process, a way of doing something*]

¹³² BERGEN, 2010: 110; “*Translation strategies and the student of translation*” [*the term translation strategy has been used by several researchers, but the meaning they have assigned to it varies considerably*]

¹³³ *Ibid.*, p. 111 [*He lists some of the general characteristics of translation strategies: (1) they apply to a process, (2) they involve text manipulation, (3) they are goal-oriented, (4) problem-centered, (5) potentially conscious and (6) they are intersubjective, meaning that they can be experienced and understood by someone other than the person using them*]

¹³⁴ *Ibid.*, p. 117 [*could be compared to the many vital systems which deliver air, nourishment, blood and hormones to the various parts of the body to keep them functioning well*]

aponta duas classes de estratégias como sendo principais: “estratégias de redução”, que mudam ou reduzem a mensagem de alguma forma, e “estratégias de realização”, que buscam preservar a mensagem mudando o meio, tal como o uso de paráfrase, aproximação, reestruturação etc. O autor parece favorecer um tipo de tradução que oferece maior liberdade para o tradutor produzir seu trabalho, reduzindo informações ou utilizando outra estratégia (parafraseando, reestruturando, etc.) para chegar a um texto-alvo que comunique a mensagem de maneira satisfatória.¹³⁵

Prática, acessível, flexível, aberta, e suficiente, a categorização das estratégias de Chesterman inclui três grupos principais: Gramático-Sintáticas (G), Semânticas (S) e Pragmáticas (Pr).

3.2.1 Estratégias gramático-sintáticas

As dez estratégias *gramático-sintáticas* esclarecem a respeito de como lidar com aspectos formais. Por exemplo, a estratégia (1) *tradução literal*, sinaliza a proximidade entre texto fonte e alvo; (2) *empréstimo* lida com itens individuais, sintagmas, e a introdução de neologismo; (3) *transposição* envolve mudanças estruturais, ocasionando a passagem de uma classe de palavra para outra: de substantivo para verbo, de adjetivo para advérbio, etc.; (4) *deslocamento de unidade* ocorre quando uma unidade do texto fonte é traduzida como uma unidade diferente no texto alvo; (5) *alteração da estrutura da locução* inclui alterações na locução nominal, na pessoa, tempo e modo verbais; (6) *alteração na estrutura da oração* compreende alterações envolvendo mudança nas classes de palavras (verbo) e nas funções gramaticais (sujeito, objeto, complemento adverbial), na passagem da voz ativa para a passiva, de verbos transitivos para intransitivos; (7) *alteração na estrutura do período* afeta a unidade da frase que é feita de orações, gerando mudanças entre oração principal e oração subordinada; (8) *mudança na coesão* descreve mudanças na estrutura intratextual através de elipses, substituições, pronominalização, repetição, e o uso de conectores de vários tipos; (9) *deslocamento de nível* inclui transformações na fonologia, morfologia, sintaxe e léxico. Um item particular muda de um

¹³⁵ BRANCO, 2010: 6-7; “*Linguística, Tradução e Estudos Culturais*”

nível para outro; (10) *alteração de esquema* compreende paralelismo, repetição, aliteração, ritmo e métrica.

O quadro abaixo procura dar visualização mais direta às estratégias que afetam elementos estruturais do texto.

Definição	Nome	Número
Gramaticalmente bem próxima do texto fonte.	Tradução Literal	G 1
Seleção de item, sintagmas, neologismo.	Empréstimo, Calque	G 2
Alteração estrutural pela escolha de classe de palavras diferentes (adjetivo x advérbio).	Transposição	G 3
Alteração entre unidades da fonte e alvo	Deslocamento de Unidade	G 4
Alteração nas locuções nominal e verbal.	Alteração na Estrutura da Locução	G 5
Diferenças envolvendo a estrutura da oração, com mudança na ordem das classes gramaticais (sujeito, predicado, objeto, etc); entre voz ativa e passiva.	Alteração na Estrutura da oração.	G 6
Mudanças que provocam diferenças entre orações principais e as subordinadas.	Alteração na Estrutura do Período	G 7
Elipse, substituição, repetição e pronominalização como agentes de diferença intratextual.	Mudança na Coesão	G 8
Alteração nos níveis fonológico, morfológico, sintático e lexical como geradora de diferença.	Deslocamento de Nível	G 9
Utilização de paralelismo, repetição, aliteração, ritmo e métrica com fim de gerar diferença.	Mudança de Esquema	G 10

Quadro 1: Estratégias Gramático-Sintáticas de tradução de Chesterman (1997)

3.2.2 Estratégias semânticas

As dez estratégias *semânticas*, estipuladas para descrever mudanças lexicais que alteram significados são: (1) *sinonímia*, ou a utilização de palavra não-equivalente óbvia, mas de um sinônimo ou quase sinônimo para evitar a repetição; através da (2) *antonímia*, o tradutor seleciona um termo de significado oposto, combinado com um elemento de negociação; (3) *hiponímia* é a estratégia semântica que substitui uma palavra menos precisa por outra mais precisa (He sells *grocery* = Ele vende *feijão, arroz*, etc); (4) *conversão* inclui pares verbais que expressam o mesmo estado de coisas a partir de pontos de vista opostos, como “comprar” e “vender”; (5) *alteração na abstração* compreende a passagem de um item abstrato para um mais concreto; ou deste para o mais abstrato; (6) *alteração na distribuição* envolve expansão, ou seja, a distribuição de componentes semânticos em mais itens; e compressão, quer dizer, a distribuição de componentes semânticos em menos itens; (7) *alteração na ênfase* engloba itens que complementam, reduzem ou alteram a ênfase ou o foco temático (He lives well = Ele vive *muito* bem); a (8) *paráfrase* é a estratégia pela qual uma versão do texto-alvo parece mais solta, mais livre; (9) *alteração em tropos* inclui um conjunto de estratégias aplicadas à tradução de figuras de linguagem. Por exemplo, uma metáfora traduzida por outra metáfora; (10) *alterações semânticas adicionais incluem* alteração do sentido físico ou da direção dêitica.

No quadro, a caracterização das estratégias semânticas procura auxiliar a compreensão.

Definição	Nome	Número
Escolha de um sinônimo aproximado, não literal.	Sinonímia	S 1
Seleção de significado oposto	Antonímia	S 2
Substituição de imprecisão vocabular por precisão	Hiponímia	S 3
Utilização de pares verbais opostos para indicar o mesmo estado de coisas	Conversão	S 4
Passagem do abstrato para o concreto e vice-versa	Alteração na abstração	S 5
Expansão do sentido em mais itens e compressão do significado em menos itens	Alteração na distribuição	S 6

Complementação, redução ou alteração da ênfase	Alteração na ênfase	S 7
Versão mais flexível do texto-alvo	Paráfrase	S 8
Escolha de figuras de linguagem	Alteração no tropos	S 9
Outras alterações no sentido	Alterações semânticas adicionais	S 10

Quadro 2: Estratégias Semânticas de tradução de Chesterman (1997)

3.2.3 Estratégias pragmáticas

Chesterman esclarece que, utilizadas para manipular a mensagem do texto, as dez estratégias *pragmáticas* resultam, com frequência, de decisões globais do tradutor sobre a forma adequada de produzir o texto como um todo. (1) *Filtro cultural*, a primeira, também chamada de naturalização, domesticação ou adaptação, descreve que itens do texto fonte são traduzidos conforme os equivalentes culturais do texto alvo; (2) *alteração na explicitação* descreve a maneira como componentes implícitos no texto fonte migram para o texto alvo de maneira explícita; (3) *alteração na informação* se refere à adição de informações relevantes para o texto-alvo, ou à omissão de informação irrelevante; (4) *alteração interpessoal* explicita o nível de formalidade, o grau de emotividade e envolvimento, o nível léxico, técnico, ou seja, os elementos que envolvem mudanças na relação entre texto, autor e leitor; (5) *alteração na elocução* descreve mudança nos atos do discurso, da fala; (6) *alteração na coerência* explica a organização lógica da informação no texto, no nível ideacional; (7) *tradução parcial* descreve qualquer tipo de tradução parcial, como tradução de resumo, transcrição dos sons, etc; (8) *alteração na visibilidade* se refere, de um lado, à mudança no status da presença do autor; do outro, à presença ostensiva e destacada da presença do tradutor; sugerido por Stetting (1989), a (9) *reedição* explica as transformações radicais que tradutores têm que fazer em textos originais mal escritos. Inclui re-ordenação drástica e reescrita do texto original; entre (10) *outras alterações* Chesterman inclui também o layout (esboço) e a escolha do dialeto (inglês americano ou britânico).

Definição	Nome	Número
Utilização de equivalentes culturais através da naturalização, domesticação, ou adaptação.	Filtro Cultural	Pr 1
Substituição de termos implícitos por explícitos	Alteração na Explicitação	Pr 2
Adição ou omissão de informação	Alteração na informação	Pr 3
Manuseio da relação entre autor e leitor pela informalidade ou emotividade textual	Alteração interpessoal	Pr 4
Intervenção no discurso, fala	Alteração na elocução	Pr 5
Organização das ideias	Alteração na coerência	Pr 6
Realização de tradução resumida, de transcrição, de sons	Tradução parcial	Pr 7
Manipulação da presença ou ausência do autor e do tradutor	Alteração na visibilidade	Pr 8
Revisão ou reescrita de textos originais	Reedição	Pr 9
Utilização de esboço, ou escolha de dialetos lingüísticos (Inglês/Francês africanos)	Outras alterações	Pr 10

Quadro 3: Estratégias Pragmáticas de tradução de Chesterman (1997)

3.3 PRÁTICA DA TRADUÇÃO: COMPETÊNCIA E ÉTICA

Quais são as razões que levam tradutores a empregar as três modalidades de estratégias e suas trinta submodalidades? Chesterman (1997) responde a esta indagação com várias alternativas. Estas incluem a responsabilidade do tradutor, as expectativas dos leitores, a eficiência comunicativa do texto, as pressões políticas, culturais e sociais e as razões pessoais e ideológicas do próprio tradutor. Alcançar a melhor legibilidade do texto parece ser objetivo do tradutor que utiliza estratégias. Este desejo de se posicionar o mais próximo possível da tradução ideal, através do emprego de estratégias, traz em seu bojo a questão do que pode ser considerado erro em tradução. Chesterman (1997) sugere que

erro é alguma coisa na forma do texto traduzido que desencadeia uma reação crítica do leitor. Esta definição pode encampar qualquer coisa, desde erros gramaticais ou erros na tradução de termos técnicos até a escolha da abordagem global do tradutor (como fluência da língua-alvo em vez da não-fluência, ou vice-versa).¹³⁶

A título de ilustração, pode-se dizer que Venuti (2002) considera a fluência um tipo de domesticação linguística e a não-fluência uma modalidade de estrangeirização do texto alvo.

A avaliação de erros na tradução admite cinco alternativas: uma (*retrospectiva*) que acontece durante a passagem do texto fonte para o texto alvo; outra (*prospectiva*) que depende da leitura do público alvo; outra ainda (*lateral*) que leva em consideração a comparação entre o texto de chegada e outros textos traduzidos na mesma língua; uma quarta (*introspectiva*) que considera os processos mentais ativados pelo tradutor durante o trabalho de tradução; e, por fim, a última (*pedagógica*) que, com base nas normas de produção, examina erros com vistas a promover o refinamento gradual do texto alvo.

O emprego das estratégias em sua relação com o erro coloca em evidência a noção de competência, não apenas de quem traduz, mas também daquele que analisa traduções. Entre o aprendiz e o profissional experimentado, o avanço da consciência (no nível inicial de aprendizagem) para a intuição (no nível da profissionalização), envolve não apenas a capacidade de reconhecer características relevantes, mas também a habilidade de encontrar respostas adequadas para cada situação-problema.

3.4 QUESTÕES ÉTICAS

A busca da resposta adequada a problemas específicos envolvendo a tradução embute questões éticas também. Chesterman (1997), por exemplo, afirma que a melhoria no texto tem a ver com a ética e se pergunta se o tradutor tem o direito de promover alterações no texto para, supostamente, melhorá-lo. Neste caso, os valores éticos

¹³⁶ CHESTERMAN, 2007: 121 [an error is anything in the form of the translated text that triggers a critical reaction in a reader. This definition can cover anything from grammatical mistakes or the mistranslation of technical terms, to a translator's choice of overall approach (e.g. target-language fluency rather than non-fluency, or vice versa)]

diriam respeito à fidelidade ou lealdade ao leitor, à legibilidade ou à recepção; ao autor, à autoria ou à autoridade; ao cliente, ao tradutor, ou à tradução. Nas três possibilidades, a ênfase num deles acarreta a invisibilidade dos outros dois. Fluência no texto alvo é algo a ser alcançado ou não. Quando se pensa nas traduções domesticantes e estrangeirizantes e seus seguidores, questões éticas se tornam ainda mais complexas. Porém, a sugestão de Chesterman (1997) pode ajudar, ao escrever que

a lealdade primordial de um tradutor não se dirige ao texto fonte nem à cultura alvo, mas a outros aspectos que habitam neste espaço, isto é, a outros mediadores interculturais, à profissão de traduzir como um todo: em resumo, a lealdade prioritária é algo *intercultural*. Um tradutor ético, então, investe um esforço de tradução que é proporcional ao valor da tradução resultante.¹³⁷

Um tradutor pautado pela ética intercultural desenvolve traduções com os seguintes valores: clareza, verdade, confiança e compreensão. O primeiro para eliminar obscuridade, ambiguidade, confusão e falta de lógica; o segundo para estabelecer uma relação apropriada entre o texto de partida e o de chegada, em função do plano de tradução estipulado; o terceiro para realçar que o tradutor confia no texto (há algo para se traduzir), no cliente, no autor e no leitor; a última para reduzir problemas de compreensão entre os leitores e aumentar, potencialmente, o número de leitores.

Pode-se dizer, como considerações finais, que neste capítulo a discussão das contribuições de Chesterman (1997) para a compreensão do fenômeno da tradução abordou aspectos relevantes para o desenvolvimento da nossa dissertação. Primeiramente, caracterizei a utilização que o autor faz do termo “*meme*” como metáfora da tradução diferenciadora, realizada através do texto alvo. Além disso, descrevi as relações estabelecidas pelo autor entre “*supermemes*” e normas. Por fim, sugeri que os “*memes*”, os “*supermemes*” e as normas se realizam de maneira prática, através da utilização que os tradutores fazem de 30

¹³⁷ CHESTERMAN, 1997: 170 [a translator's primary loyalty is neither to the source culture nor the target culture, but to others inhabiting this space, i.e. to other intercultural mediators, to the translating profession as a whole: in short, the primary loyalty is to something intercultural. An ethical translator then invests a translation effort that is proportionate to the value of the resulting translation]

estratégias de tradução, amparados em comportamentos éticos, que tendem a privilegiar a atenção que o profissional dedica ao cliente, ao autor, ao texto e ao leitor. No capítulo 4, último, a discussão recairá sobre o estudo comparativo da narrativa de Hari (2008), *O Tradutor*. O estudo consistirá na utilização das estratégias desenvolvidas por Chesterman (1997) para caracterizar os fenômenos linguísticos e culturais que podem realçar as diferenças sintáticas (estrutura), semânticas (significado) e pragmáticas (mensagem) entre o texto de partida e o de chegada.

CAPÍTULO 4 - NARRATIVAS, IDENTIDADES E ESTRATÉGIAS TRADUTÓRIAS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA

Neste capítulo, retoma-se a teoria da tradução discutida por Chesterman (1997) para proceder à análise tradutória, comparando texto fonte e texto alvo de *O Tradutor*, de Hari (2008). A comparação se desenvolve com base nas modalidades ontológica e pública da narrativa, discutidas no capítulo um, e nas categorias identitárias de assimilação, nacionalismo e catalismo, analisadas no capítulo dois. Na perspectiva pós-colonialista a que este estudo adere, o texto, as categorias de narratividade e as modalidades identitárias têm como foco o sujeito pós-colonial Hari em sua múltipla caracterização da diferença, como autor, narrador, personagem e tradutor. Durante o ato comparativo, associam-se as narrativas e as identidades aos três tipos de estratégias de tradução – gramático-sintáticas, semânticas, pragmáticas, apresentadas no capítulo três – que Chesterman (1997) estipula para descrever a tradução de elementos formais, aspectos semânticos e conteúdo de mensagens, respectivamente.

No pós-colonialismo, o sujeito africano assume-se através da re-significação da fala, escrita, leitura e tradução. O re-apossamento das quatro habilidades permite que ele desempenhe duas funções, segundo Appiah (1997): de um lado, apresente o Ocidente aos africanos; do outro, introduza os bens culturais africanos ao Ocidente. “Seus compatriotas o conhecem pelo Ocidente que ele apresenta à África e por uma África que ele inventou para o mundo, um para o outro e para a África”¹³⁸, esclarece o pensador africano. O contato entre a África e o Ocidente, no caso de Hari, se realiza através de duas modalidades de narrativa: a ontológica e a pública. Baker (2006) diferencia a ontológica da pública. Define a primeira como aquela que lida com as nossas histórias pessoais, aquelas que contamos a nós mesmos sobre o nosso lugar no mundo. E acrescenta: “as histórias que outras pessoas constroem a nosso respeito são vitais para a nossa sobrevivência física e mental e, muitas vezes, modelam nosso comportamento.”¹³⁹ Para a caracterização da modalidade pública de narrativa, a autora se vale das palavras de Somers & Gibson (1994), para quem “a narrativa pública é uma estória elaborada por, e circula entre, formações institucionais e

¹³⁸ APPIAH, 1997: 2008

¹³⁹ BAKER, 2006: 31 [*the stories other people construct of us are vital for our physical and mental survival and inevitably shape our behaviour*]

sociais, como por exemplo, família, religião ou instituição educacional, a mídia, e a nação.”¹⁴⁰ Na discussão que realiza a respeito das identidades negras, Ferreira (2004) sugere que a identidade assimilacionista se constrói a partir de uma percepção positiva do mundo ocidental, em função de “uma consciente valorização dos valores branco-europeus, de forma a favorecer (...) a identificação com os ideais do grupo dominante branco.”¹⁴¹ Nesta mesma configuração teórica, Memmi (2007) esclarece o que atrai o negro para o mundo branco, dizendo que, aos olhos do negro, o branco “não sofre de nenhuma de suas carências, tem todos os direitos, desfruta de todos os bens, beneficia-se de todos os prestígios; dispõe das riquezas e das honras, da técnica e da autoridade.”¹⁴² Por outro lado, a identidade nacionalista é construída com base numa matriz cultural oposta à branca-europeia. O conjunto de valores, agora, é negro-africano. Neste momento, o negro, segundo Ferreira (2004), abandona a velha assimilação e “passa a desenvolver uma nova estrutura pessoal referenciada em valores étnico-raciais de matrizes africanas.”¹⁴³ Dito de outra forma, ele renega a “Mãe-Europa” para adotar a “Mãe-África”. Nas palavras de Memmi, nesta reversão de ideais, “o negro se aceita e se afirma, se reivindica com paixão.”¹⁴⁴ Por fim, chega-se à identidade catalista. Chamando o catalismo de “abertura para a alteridade”, Ferreira sugere que o negro hibridizado consegue conciliar valores brancos e negros, destacando que “o indivíduo, enquanto mantém relações com pares negros, deseja estabelecer relacionamentos significativos com não negros de seu conhecimento, respeitando suas autodefinições.”¹⁴⁵ Munanga (2006), por exemplo, caracteriza a modalidade exuísta como a identidade, cujo projeto “aspira a prolongar-se, transformando a sociedade, para instaurar (...) a reconciliação final de todos os seres humanos.”¹⁴⁶ Para West (1993), a identidade do negro híbrido – receptivo, aberto, transformador – abraça “pessoas de todos os países, culturas, gêneros, orientações

¹⁴⁰ SOMERS & GIBSON, 1994, in BAKER, 2006:33 [*public narratives are defined as stories elaborated by and circulating among social and institutional formations larger than the individual, such as the family, religious or educational institution, the media, and the nation*]

¹⁴¹ FERREIRA, 2004: 70

¹⁴² MEMMI, 2007: 162-163

¹⁴³ FERREIRA, 2004, 79

¹⁴⁴ MEMMI, 2007: 173

¹⁴⁵ FERREIRA, 2007: 83

¹⁴⁶ MUNANGA, 2006: 21; “*Construção da Identidade Negra no Contexto da Globalização*”

sexuais, idades, e regiões com identidades protêicas que são capazes de evitar chauvinismo étnico e universalismo sem rosto.”¹⁴⁷

Como se trata de estudo comparativo da tradução, o encontro das narrativas ontológica e pública com as identidades assimilacionista, nacionalista e catalista será mediado por três estratégias tradutórias: gramático-sintáticas, semânticas e pragmáticas. Inicialmente, Chesterman (1997) esclarece que “uma estratégia é, pois, um tipo de processo, uma maneira de fazer algo.”¹⁴⁸ E destaca que, como formas explícitas de manipulação textual, estas atitudes tradutórias “são diretamente observáveis a partir do produto da tradução, em comparação com o texto de partida”. Esclarece, também, que “uma estratégia oferece uma solução para um problema”¹⁴⁹ de tradução. Jääskeläinen (1993) define estratégias com um conceito mais amplo, segundo o qual, “elas são um conjunto de regras (vagamente formuladas), ou princípios, que um tradutor usa para atingir as metas determinadas pela situação de traduzir em uma maneira mais eficaz.”¹⁵⁰ Löescher, outro especialista, a define como “um procedimento potencialmente consciente para a solução de um problema apresentado por um indivíduo ao traduzir um segmento de texto de uma língua para outra.”¹⁵¹ Chesterman ressalta, ainda, que estes comportamentos de tradução também são considerados “*memes*”, pois são amplamente utilizados por tradutores e reconhecidos como ferramentas de negociação.

No texto que escreve e que, aqui, será o foco deste estudo comparativo de tradução, Hari é o narrador que associa as duas modalidades de narrativa às três espécies de identidades. Com estas características, ele se transforma num evento identitário, já que, para Strümper (2003), sempre que o *Self* é enunciado ele estará conectado ao conceito de identidade. O encontro da narrativa com a construção de identidades é apresentado por Somers (1994), para quem

¹⁴⁷ WEST, 1993: 32; “*The New Cultural Politics of Difference*” [persons from all countries, cultures, genders, sexual orientations, ages and regions with protean identities who avoid ethnic chauvinism and faceless universalism]

¹⁴⁸ CHESTERMAN, 1997: 88 [A strategy is thus a kind of process, a way of doing something]

¹⁴⁹ Ibid., p. 89 [A strategy offers a solution to a problem]

¹⁵⁰ JÄÄSKELÄINEN, 1993, in CHESTERMAN, 1997: 90 [they are a set of (loosely formulated) rules or principles which a translator uses to reach the goals determined by the translating situation in the most effective way]

¹⁵¹ LÖESCHER, 1991, in CHESTERMAN, 1997: 91 [a potentially conscious procedure for the solution of a problem which an individual is faced with when translating a text segment from one language into another]

é através da narratividade que chegamos a conhecer, entender e dar sentido ao mundo social, e é através das narrativas e narratividade que nós constituímos nossas identidades sociais (...) Não importa se somos cientistas sociais ou sujeitos de pesquisa histórica, mas que todos nós chegamos a ser o que somos (embora efêmeros, múltiplos e em mudança) porque estamos localizados ou nos localizamos (quase sempre inconscientemente) em narrativas sociais quase nunca de nossa própria fabricação¹⁵².

Trinta excertos – quinze ontológicos e quinze públicos – serão analisados para lidar com as três identificações de Hari. Os fragmentos em análise serão indicados pelas siglas iniciais TP (Texto de Partida) e TC (Texto de Chegada). A noção de tradução que se pretende realçar é aquela que enfatiza a diferença. O “*meme*” como metáfora, segundo Chesterman, sugere “a maneira como as ideias se espalham e se transformam durante o processo de tradução (...) neste sentido, o tradutor não é alguém cuja tarefa é manter algo, mas propagá-lo, espalhá-lo e desenvolvê-lo: tradutores são agentes de mudança. Na verdade, tradutores fazem a diferença.”¹⁵³

4.1 NARRATIVAS ONTOLÓGICAS

A narrativa de Hari é ontológica por contar aspectos da sua própria vida. Em *O Tradutor*, o narrador é ao mesmo tempo sujeito e objeto da própria história, história que também é identidade. Somers (1994) esclarece que

a narratividade ontológica, como o ser, não se coloca a priori nem é fixa. As narrativas ontológicas fazem da identidade e subjetividade

¹⁵² SOMERS, 1994: 606; “*The Narrative Constitution of Identity: a relational and network approach*” [it is through narrativity that we come to know, understand, and make sense of the social world, and it is through narratives and narrativity that we constitute our social identities (...) it matters not whether we are social scientists or subjects of historical research, but that all of us come to be who we are (however ephemeral, multiple, and changing) by being located or locating ourselves (usually unconsciously) in social narratives rarely of our own making]

¹⁵³ CHESTERMAN, 1997: 2 [the way that ideas spread and change as they are translated (...) in this light, a translator is not someone whose task is to conserve something but to propagate something, to spread and develop it: translators are agents of change. Translators, in fact, make a difference]

aquilo em que o sujeito se transforma. A narrativa posiciona as identidades nas relações espaciais e temporais. As narrativas ontológicas afetam as atividades, a consciência e as crenças e são, por sua vez, afetadas por estas.¹⁵⁴

As aproximações entre os relatos do eu e as identificações de Hari se estabelecem com base na comparação entre o texto fonte e o texto alvo. Inicia-se com a atitude assimilacionista. De forma análoga à tradução, o sujeito assimilacionista também se caracteriza pela diferença. Ao assumir a cultura do outro mais prestigioso, Hari se torna diferente daqueles da sua cultura de origem.

4.1.1 Hari: estratégias tradutórias e identidades assimilacionistas na narrativa ontológica

No primeiro excerto da experiência de assimilação de Hari, presente na narrativa do eu,

TP - I, too, had chosen to risk myself, but was using my English instead of a gun. (p. 5).

TC - Resolvi eu mesmo arriscar a minha vida também; só que, em vez de armas, usava meu inglês. (p. 15).

o aspecto mais significativo é sua associação à língua inglesa, um idioma de maior prestígio que o *zaghawa*, o idioma africano falado por seu povo. A expressão [*my English*]¹⁵⁵, traduzida como [*meu inglês*], não apenas realça a identificação completa de Hari com esta modalidade de língua ocidental, mas também enfatiza sua assimilação de valores anglo-americanos.

A narrativa ontológica, do Eu, destaca-se pelo uso da primeira pessoa [*I, Eu (subentendido)*] associada ao pronome e adjetivo correspondentes nas duas línguas [*myself/my; minha/meu*]. O tradutor Moura Filho, ao utilizar a estratégia Gramático-Sintática, *alteração da estrutura da oração*, promove mudanças na ordem da oração,

¹⁵⁴ SOMERS, 1994: 618; [*ontological narrativity, like the self, is neither a priori nor fixed. Ontological narratives make identity and the self something that one becomes. Thus narrative embeds identities in time and spatial relationships. Ontological narratives affect activities, consciousness, and beliefs and are, in turn, affected by them*]

¹⁵⁵ Neste capítulo, as seleções textuais em inglês e português, submetidas à análise, aparecerão em *italico* e destacadas por colchetes [].

substituindo a forma verbal inglesa do mais que perfeito [*had chosen*] pela do passado simples em português [*resolvi*]. Outro exemplo do tratamento tradutório aparece na passagem de [*was using*] para [*usava*], com a conseqüente transformação do “*be-progressive*” passado na forma do imperfeito. Percebe-se também que Moura Filho se vale da modalidade pragmática, *alteração na informação*, ao adicionar novo elemento de informação ao texto de chegada [*minha vida*] para dar conta do reflexivo [*myself*]. Além disso, torna implícito o pronome [*I*], explicitado em inglês. Na mesma oração, utiliza *alterações semânticas adicionais* para substituir o singular [*a gun*] pelo plural [*armas*].

Na passagem abaixo,

TP – The commander had grabbed me and two of my cousins to be his translators, since he knew that we were of school age and that all students were forced to learn some Arabic, which is what he spoke. (p. 14).

TC – O comandante pegou a mim e dois primos meus para servirmos de intérpretes, já que estávamos em idade escolar e que todo aluno era obrigado a estudar árabe, a língua deles. (p. 22/23).

percebe-se que a identidade assimilacionista de Hari se manifesta no momento em que é levado a um vilarejo por um comandante, juntamente com dois primos. A razão para que sejam levados é o conhecimento da língua árabe, outra língua de maior prestígio que o dialeto tribal de Hari. Além de aprender árabe na escola, Hari convive com crianças árabes. “Passei minha infância brincando com eles”¹⁵⁶, afirma o autor. Em relação ao comportamento tradutório, Moura Filho emprega a modalidade pragmática *alteração da informação*, caracterizada pela omissão da frase [*since he knew*] na passagem para o português. Além disso, deixa implícita a presença do pronome [*he/ele*] e do possessivo [*his/seus*].

Na seleção textual que se discute abaixo

TP – I became interested in English because of a wonderful teacher, and I became lost in the classic books of England and America. I particularly loved Charlotte Brontë’s *Jane Eyre*, Robert Louis Stevenson’s *Treasure Island and Kidnapped*,

¹⁵⁶ HARI, 2008: 10

Charles Dickens's *Oliver Twist*, George Orwell's *Animal Farm*, and Alan Paton's *Cry, the Beloved Country*. These changed me; they opened and freed my mind. (p. 18).

TC – Foi um professor maravilhoso que despertou em mim o interesse pelo inglês. Foi assim que me encantei por clássicos da literatura inglesa e da americana. Particularmente, adorei *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë, *A ilha do tesouro* e *Raptado*, de Robert Louis Stevenson, *Oliver Twist*, de Charles Dickens, *A revolução dos bichos*, de George Orwell e *Chora, terra bem-amada*, de Alan Paton. Estas obras promoveram uma mudança em mim: abriram a minha cabeça. (p. 25/26).

a sintonia entre identificação e narrativa do *Self* se desvela no momento em que Hari narra o início do seu interesse pela cultura associada à língua inglesa. A leitura dos clássicos da literatura o auxilia a “abrir e libertar sua mente”, a mudar. A lista de escritores e obras vai da inglesa Brontë ao sul africano branco Paton; de *Jane Eyre* a *Chora, terra bem-amada*. A identificação de Hari com a tradição literária em língua inglesa fica evidenciada nos verbos “me encantei” e “adorei”. Na abrangência do trabalho tradutório, além da inversão na ordem das duas orações, Moura Filho recorre à *alteração na elocução* para transformar o discurso no texto de chegada. A primeira parte da sentença [*I became interested in English*] migra para o português como oração adjetiva secundária [*que despertou em mim o interesse pelo inglês*]. A segunda parte inglesa [*because of a wonderful teacher*] é recebida no nosso idioma como oração principal [*foi um professor maravilhoso*]. Outro expediente utilizado é *alteração na estrutura da oração*, através da qual, de um lado, o tempo verbal passado simples [*became lost*] se aloja no português como [*me encantei*]. Outro ainda, a sinonímia, descreve tradução do substantivo [*mind*] pelo substantivo [*cabeça*]. Percebe-se também que o tradutor utiliza a categoria semântica para traduzir o dêitico [*these*] pelo substantivo [*obras*]. A sinonímia se responsabiliza pela passagem dos verbos [*changed me*] para [*promoveram mudanças em mim*] e [*they opened and freed my mind*] e [*abriram minha cabeça*].

O próximo excerto

TP – ...but at least getting to learn something interesting about other countries and other people. (p. 24).

TC – Pelo menos, aprendíamos coisas interessantes de outros povos, de outras culturas. (p. 31).

retrata, como os demais, as relações entre experiências identitárias e comportamentos tradutórios. De um lado, a identificação de Hari não se restringe à cultura branca de língua inglesa, mas avança, espalhando-se para “outros povos” e “outras culturas”. Em função da prisão em Aswan, Egito, conhece gente de toda a África, com muitas histórias para contar sobre suas culturas e povos. Moura Filho estabelece diferenças entre a fonte e o alvo a partir da pontuação, a utilização da vírgula [,] logo após a expressão [*outros povos*]. Além disso, no *deslocamento de unidade* utiliza a inversão dos termos [*outros povos*], [*outras culturas*], antecipando [*outros povos*]. Aqui, a ocorrência de mudança se dá pela tradução de [*other countries*] como [*outras culturas*].

Por fim, encontramos abaixo o último caso de aproximação entre assimilação e narrativa ontológica.

TP – The fact that I spoke Zaghawa, Arabic, and English made me useful to the aid people who were streaming into Chad. (p. 68).

TC – O fato de eu falar zaghawa, árabe e inglês fez com que eu fosse útil aos membros dos grupos de ajuda que estavam entrando em Chade. (p. 72).

A assimilação de Hari deixa claro que a grande importância de ele poder ajudar o seu povo está relacionada à atividade de tradutor para a língua inglesa. Como tradutor de correspondentes, jornalistas e médicos estrangeiros, no Chade, Hari coloca estes profissionais em contato com os refugiados nativos e autoridades africanas que falam apenas o idioma zaghawa. No *locus* da tradução, Moura Filho emprega o expediente gramático-sintático *alteração na estrutura da oração*, através da qual, faz a oração simples [*made me useful*] migrar para o português como oração dupla [*fez com que eu fosse útil*]. A substituição da inicial maiúscula [*Zaghawa*] pela minúscula [*zaghawa*] se justifica pelo *filtro cultural* da modalidade pragmática.

4.1.2 Hari: estratégias tradutórias e identidades nacionalistas na narrativa ontológica

A nacionalista é identidade diferente da assimilacionista. Unidirecional como a assimilacionista, ela não se volta para a cultura

ocidental, mas se dirige aos valores culturais africanos. Este movimento de ida e volta entre as duas culturas reforça a noção de “celebração móvel” que Hall (2006) enxerga na formação da identidade. Em sua dispersão do “Pai Ocidental” para o “Pai Africano”, Hari sente que dentro dele “há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que suas identificações estão sendo continuamente deslocadas.”¹⁵⁷ Deslocado, Hari direciona o nacionalismo que o anima para o seu povo, sua raiz étnico-racial. Por exemplo, ele esclarece que o seu povo se chama zaghawa, uma tribo que vive em povoados fixos e tem na pecuária sua atividade econômica principal. Informa, ainda, que as cabanas onde mora a etnia zaghawa são espaçosas e feitas de sapê. Em sua narrativa, Hari dá a localização de Darfur, esclarecendo:

pegue um mapa e localize o Egito; agora é só descer um pouco que você vai achar o Sudão. O lado ocidental chama-se Darfur, que tem mais ou menos o tamanho da França ou do Texas. Boa parte do território de Darfur é de planície; tem algumas montanhas, mas muita área de savana, com árvores baixas, arbustos espinhentos e rios com margens bem arenosas.¹⁵⁸

É em Darfur que Hari gostaria de estar, se o país não estivesse em guerra, como nos informa o excerto abaixo:

TP – Darfur is where I lived with my family until the attack on our village. (p. IX).

TC – Era em Darfur que eu morava com minha família até o dia em que invadiram nosso vilarejo. (p. 9).

No campo étnico-racial, percebe-se que o exemplo mostra que o nacionalismo de Hari se baseia no tipo de apreço que ele parece ter a sua família em Darfur. No setor translacional, o excerto é marcado pelas diferenças entre texto fonte e alvo. Inicialmente, um exemplo diferenciador entre os dois textos se relaciona à localização do vocábulo Darfur nas duas orações: em inglês, diante do verbo [*Darfur is*]; depois do verbo [*Era em Darfur*] em português. Adicionalmente, através da *alteração na estrutura da locução*, Moura Filho altera os tempos verbais entre o presente inglês [*is*] e o imperfeito português [*era*]. Em seguida, o

¹⁵⁷ HALL, 2006: 13

¹⁵⁸ HARI, 2008: 9

tradutor destaca passagem do vocábulo [*until*] para o português como uma expressão mais longa [*até o dia em que*], através da utilização da estratégia pragmática *alteração na informação*. A modalidade gramático-sintática – *transposição* – utilizada para descrever a migração do vocábulo [*attack*] para o português como [*invadiram*]. Além de optar pelo verbo em detrimento do substantivo, Moura Filho adiciona *sinonímia*, através da qual explicita os contornos semânticos entre “atacar” e “invadir”. E, por fim, Moura Filho se vale da abordagem gramático-sintática – *deslocamento de unidade* –, transformando a locução [*until the attack*] na oração [*até o dia em que invadiram*].

No excerto seguinte,

TP – I was feeling mostly dead inside and wanted only to make my remaining days count for something. (p. 5).

TC – Por dentro, estava morto, e a única coisa que queria era dar algum sentido ao resto de vida que ainda me restava. (p. 14).

a identificação étnica e racial de Hari continua associada à vida africana. Preocupa-se com a segurança dos correspondentes internacionais, pois sabe que, somente através deles, poderá denunciar ao mundo o sofrimento do povo africano.

Desde a invasão ao seu povoado, o que dá sentido a sua vida era cuidar dos repórteres para que eles pudessem mostrar ao mundo o que estava acontecendo em Darfur. Sente-se morto, mas segue lutando e deseja que sua vida tenha sentido, auxiliando o povo que sofre os horrores da guerra. Em relação à tradução, notam-se algumas diferenças entre os dois textos. A primeira recai sobre o uso da pontuação. Moura Filho utiliza vírgulas para intercalar a expressão “estava morto”, pontuação ausente em inglês. Depois, percebe-se que o tradutor brasileiro antecipa a expressão [*por dentro*] ao traduzir o vocábulo [*inside*] posposto em inglês. Através da categoria gramático-sintática *alteração na estrutura da locução* Moura Filho traduz o verbo [*was feeling*] como [*estava*], passando do progressivo para o imperfeito. O tradutor também emprega a modalidade semântica *alteração na ênfase* para traduzir a expressão [*mostly dead*] como [*morto*], reduzindo a ênfase em português. Na segunda oração, o tradutor opta por uma versão livre do texto de chegada através também do expediente semântico da *paráfrase*. Como se trata de estratégia macrossemântica, é preciso ainda lidar com alguns aspectos no nível micro. Por exemplo, a utilização da

semântica em *alteração na distribuição* explica a tradução de único termo [*only*] por vários [*a única coisa*]. A expressão [*count for something*] traduzida como [*dar algum sentido*] é outro caso de *sinonímia*. Entre as expressões [*my remaining days*] e [*ao resto de vida que ainda me restava*] aparecem algumas estratégias. Primeiramente, através da estratégia *deslocamento de unidade*, a alteração sintática descreve a transformação da locução inglesa em um período composto em português pelo pronome relativo “que”; em seguida, a *sinonímia* explica a tradução de [*days*] como [*vida*]; também, a modalidade *alteração na ênfase* descreve o uso da palavra “ainda” como focalizado do sentido em português; por fim, o instrumento da *ênfase semântica* estabelece a relação de redundância entre o substantivo [*resto*] e o verbo [*restava*].

Abaixo, o terceiro excerto,

TP – It was easy for him to know I was a Zaghawa from the small scars that look like quotation marks and were cut into my temples by my grandmother when I was an infant. (p. 7).

TC – Foi fácil para ele me identificar como zaghawa pelas minhas cicatrizes em forma de aspas feitas pela minha avó na altura das têmporas, quando eu era criança. (p. 16).

ênfata o nacionalismo de Hari. A referência ao seu pertencimento ao grupo étnico zaghawa, à avó, e à tradição ancestral entre os zaghawas de desenhar cicatrizes nas têmporas para marcar este pertencimento étnico racial, reforça as relações de Hari com os valores culturais africanos, associados a sua etnia. A tradução de Moura Filho se estriba na diferença em alguns momentos. Primeiramente, entre as orações [*know I was Zaghawa*] e [*me identificar como zaghawa*], o tradutor se vale do instrumento gramático-sintático *mudança na unidade* para transformar o período composto inglês no período simples português. Em seguida, através do expediente da *transposição*, igualmente gramático-sintática traduz [*small*] como [*minhas*], substituindo um adjetivo por um pronome. O verbo [*look like*] migra para o português como o advérbio [*em forma de*], através da mesma ideia de *transposição*. Ao migrar para o nosso idioma, a expressão [*quotation marks*] como [*aspas*] passa pela abordagem pragmática *filtro cultural* que explica a tradução através de equivalentes culturais. Entre as orações [*were cut into*] e [*feitas*] surge a estratégia gramático-sintática *deslocamento de unidade* que descreve a

redução de uma passiva ao seu termo mínimo. Por fim, a expressão [*my temples*] se desloca para o texto alvo como [*na altura das têmporas*] com alterações. A ausência do possessivo “meu” e a presença do advérbio “na altura” revela a utilização da categoria gramático-sintática *alteração na estrutura da locução*.

No excerto que segue

TP – Humdallah, humdallah, the Africa of my friends and my family! (p. 31).

TC – Humdallah, humdallah, a África da minha família e dos meus amigos! (p. 38).

a narrativa ontológica da identidade nacionalista de Hari acontece quando ele chega a N’Djamena¹⁵⁹ depois de ser libertado da prisão, no Egito. Ele é o último a desembarcar do avião e fica por alguns instantes no alto da escada e “sente que foi saudado pelo cheiro do rio e pelo imenso céu estrelado que simbolizava a sua liberdade.”¹⁶⁰ A relação nacionalista de Hari com a África se apresenta na referência explícita à família e aos amigos, através da ênfase na palavra *humdallah*, ou seja, *louvado seja Deus*. No quesito tradução, nos deparamos com a operação *deslocamento de unidade*, inserida dentro da sintática, através da mudança de localização de duas locuções nominais: diferentemente do que acontece no texto fonte, Moura Filho antecipa a locução [*da minha família*] e pospõe [*dos meus amigos*].

O quinto e último excerto selecionado para dar conta das relações entre a narrativa ontológica e a identidade nacionalista de Hari,

TP – I stood a distance away from her. We did not touch or embrace, following the custom. (p. 49).

TC – Fiquei a uma certa distância dela. Seguindo o costume de nossa tribo, não nos abraçamos, nem sequer nos tocamos. (p. 53).

revela que a chegada de Hari a sua casa é saudada por um burro, cabras e galinhas. Hari vê a mãe na cozinha e quando ela o enxerga coloca as mãos sobre o rosto e começa a chorar. Hari gostaria de abraçá-la e tocá-la, mas como segue as tradições de sua tribo mantém certa distância dela. No excerto, a tradução de Moura Filho apresenta a abordagem pragmática *filtro cultural* quando lida com a tradução dos pronomes

¹⁵⁹ Capital do Chade

¹⁶⁰ HARI, 2008: 38

pessoais [*I, we*] de forma implícita por caracterizar tradução irrelevante no contexto do nosso português. Em seguida, a locução nominal [*the custom*] migra para o texto de chegada como [*o costume de nossa tribo*]. Percebe-se a adição da expressão “de nossa tribo”, o que caracteriza a utilização da categoria pragmática *alteração na informação*. A oração [*we did not touch*] chega ao nosso idioma como [*nem sequer nos tocamos*] por meio de duas estratégias: 1) através do expediente semântico *alteração na ênfase*, a negação inglesa “*we did not*” surge enfatizada como “*nem sequer*”; 2) por meio da intervenção gramático-sintática *alteração na estrutura da oração*, Moura Filho altera a ordem das orações no período, antecipando a que abre com o gerúndio.

4.1.3 Hari: estratégias tradutórias e identidades catalistas na narrativa ontológica

Analise-se, nesta parte do trabalho, as maneiras como a narrativa ontológica se presta para construção de uma terceira categoria de identidade, permitindo que Hari – assimilacionista e nacionalista – se transforme num narrador catalista. O que distingue as três identidades é a orientação cultural assumida: na assimilacionista, o valor cultural que prevalece é branco-europeu; na nacionalista impera o valor negro-africano; a catalista realça a fusão de valores brancos e negros, europeus e africanos. A identidade catalista deixa de ser unidirecional para adquirir postura bidirecional, fundindo valores europeus e africanos. West (1993) avalia o negro catalista como um *bricoleur*, dotado de “sensibilidades improvisadoras e flexíveis”¹⁶¹. Para Ferreira, o negro *bricoleur* “deixa de considerar como antagônicos os valores associados a matrizes étnico-raciais distintas.”¹⁶²

No primeiro excerto de narrativa ontológica,

TP - *Amazing to be alive. Humdallah, humdallah, amazing. God bless my cousins in London. God bless my friends in Cairo and the human rights groups...God bless Ahmed and all my brothers and sisters and my mother and father.* (p. 29).

TC - *É incrível estar vivo. Humdallah, humdallah, incrível. Que Deus abençoe meus primos em Londres. Que Deus abençoe meus amigos no Cairo e os grupos de defesa dos direitos*

¹⁶¹ WEST, 1993: 32 [*improvisational and flexible sensibilities*]

¹⁶² FERREIRA, 2004: 83

humanos... que Deus abençoe Ahmed e todos os meus irmãos e meu pai e minha mãe. (p. 35/36).

a identidade catalista alia Hari ao mundo branco-europeu e à cultura negro-africana. Os valores europeus se associam à palavra “Deus”, à cidade “Londres”, e aos grupos de defesa dos direitos humanos, ocidentais em grande parte. Os valores negros aparecem simbolizados na palavra *humdallah*, na cidade “Cairo”, no nome próprio “Ahmed”, e na referência aos familiares: irmãos, irmãs, mãe e pai. Inicialmente, através da categoria gramático-sintática *alteração na estrutura da oração*, Moura Filho adiciona o verbo [é], diferenciando, assim, o texto alvo da fonte inglesa. Em seguida, com o emprego da mesma estratégia, o tradutor dá sequência ao processo de distinção entre os textos inglês e português, através da utilização da palavra [que] para introduzir as três formas verbais subjuntivas. A expressão [de defesa] traz para a tradução a presença da abordagem gramático-sintática *alteração na estrutura da locução* que mantém as diferenças entre as línguas inglesa e portuguesa. Por fim, a categoria pragmática *filtro cultural* explica duas ocorrências: a utilização da palavra “irmãos” para designar irmã e irmão; a localização dos vocábulos “pai” e “mãe” na oração.

O segundo excerto,

TP – My friends in government would inform me that Chad would soon arrest me and send me to Sudan in exchange for a spy. Megan in New York called and said she would help. A human rights lawyer from Washington called me. (p. 178).

TC – Meus amigos que trabalhavam para o governo me informaram que logo eu seria preso e enviado para o Sudão em troca de um espião. Megan me ligou de Nova York, dizendo que poderia me ajudar. Um advogado de Washington, especializado em direitos humanos, também me ligou. (p. 171).

novamente evidencia o fenômeno da identidade catalista de Hari. Sua relação com o mundo africano é visível na referência feita aos amigos no governo do Chade e no seu envio ao Sudão. Por outro lado, a dualidade identitária se alicerça nos contatos com o mundo ocidental representado pelos americanos Megan e um advogado, e pelos nomes das cidades americanas Nova York e Washington. A tradução de Moura Filho se caracteriza, inicialmente, pela utilização da modalidade gramático-sintática *deslocamento de unidade* introduz a oração “que

trabalhavam”. Em seguida, através da mesma estratégia, transforma as orações ativas [*Chad would arrest me and send me to Sudan*] nas passivas [*eu seria preso e enviado ao Sudão*]. Através da explicitação dos pronomes da primeira pessoa “*me*”, Moura Filho faz uso do modelo gramático-sintática *alteração na estrutura da locução*. Por meio da categoria *alteração na estrutura do período* transforma a oração [*said*] na oração de gerúndio [*dizendo*]. Por fim, com o acréscimo da expressão “especializado em” promove alteração na locução inglesa “*a human rights lawyer*”.

No terceiro excerto,

TP – ...perhaps to the United States, where I could continue my work in a new way, and someday return as my people returned. (p. 178).

TC – Provavelmente, eu seria levado para os Estados Unidos, onde continuaria meu trabalho de uma outra forma e, algum dia, voltaria à minha terra, quando meu povo pudesse fazer o mesmo. (p. 171).

a associação de Hari aos mundos ocidental e africano segue presente na narrativa ontológica. Novamente, os valores anglo-americanos derivam da sua relação com os Estados Unidos para onde está prestes a migrar. E os valores sudaneses se ligam ao seu povo africano que segue exilado, mas alimenta a esperança de regressar ao torrão natal. A tradução de Moura Filho se vale, primeiramente, da categoria gramático-sintática *alteração na estrutura da oração* para adicionar a oração “*eu seria levado*”. A mesma estratégia é empregada para descrever o acréscimo da locução “*a minha terra*”. A oração [*as my people returned*] é traduzida por Moura Filho como [*quando meu povo pudesse fazer o mesmo*]. Estamos diante da abordagem semântica *alteração na distribuição*, através da qual o tradutor expande a oração com os itens “pudesse fazer o mesmo”.

O quarto excerto,

TP – My friends in Cairo soon contacted Zaghawa tribal leaders, one as far away as Scandinavia. They in turn contacted Human Rights Watch and United Nations. Somehow, somehow, somehow, all of that worked. (p. 26).

TC – Meus amigos do Cairo logo contataram líderes zaghawa, um deles lá na Escandinávia, que, por

sua vez, acionaram a *Human Rights Watch* e a ONU. De alguma forma, sabe-se lá por que ou por que cargas d'água, toda aquela mobilização rendeu frutos. (p. 33).

indica, por um lado, que se está diante de uma narrativa ontológica pelas referências ao *Self* do narrador. Por outro lado, a relação com os africanos e os líderes zaghawa revelam contatos com a África negra, ou seja, a identidade nacionalista de Hari. Os contatos com as autoridades das Nações Unidas e da Human Rights Watch atestam sua identidade assimilacionista. As duas, juntas, transformam-no num sujeito negro catalista. Em relação à tradução de Moura Filho, pode-se afirmar que é marcada pela diferença. A primeira evidência de distinção entre texto fonte e texto alvo surge na decisão de transformar um período simples em composto. Nele, através da modalidade gramático-sintática *mudança na coesão*, Moura Filho substitui o pronome pessoal [*they*] pelo relativo [*que*]. A mesma estratégia descreve a decisão de não traduzir o adjetivo “tribal”, o advérbio “as far away as”, e a inclusão da palavra “deles”. Em seguida, Moura Filho prefere a sigla [ONU] ao nome completo [United Nations], através do emprego da sinonímia. Pela mesma categoria, traduz a tripla ocorrência de [*somehow*] por uma única, como [*de alguma forma*]. Por fim, a mais ampla distinção entre as duas línguas ocorre na tradução da oração [*all of that worked*] como [*sabe-se lá por que ou por que cargas d'água, toda aquela mobilização rendeu frutos*]. A grande estratégia presente é gramático-sintática *alteração na estrutura da oração* que retira do texto a assertividade inglesa e a substitui pela dúvida. Moura Filho, porém, recorre também a pequenos microinstrumentos de adição textual interna. As metáforas “cargas d'água” e “rendeu frutos” são descritas pela estratégia semântica *alteração no tropos*.

No quinto excerto,

TP – I was settling into the rhythm of this work: reporters would call, I would check with commanders in the field, we would go. (p. 114).

TC – Estava me habituando ao ritmo daquele trabalho: os repórteres ligavam, eu entrava em contato com os comandantes e nós partíamos. (p. 113).

a narrativa ontológica se encontra com a identidade catalista de Hari. Aí, a preocupação com o mundo africano tragado pelo genocídio e o trabalho de tradutor ao lado de profissionais ocidentais reforçam sua

hibridação identitária. No campo da tradução, Moura Filho promove diferenças entre os dois textos através do modelo gramático-sintática *alteração na estrutura da oração*. As orações [*would call; would check; would go*] migram para o português como [*ligavam; entrava em contato; partíamos*]. Através da *sinonímia*, Moura Filho traduz os verbos “*check with*” e “*go*” como “*entrar em contato*” e “*partir*”. A modalidade gramático-sintática *mudança na coesão* descreve a ausência no português do advérbio “*in the field*”.

4.2 NARRATIVAS PÚBLICAS

A narratividade ontológica não é a única categoria de narrativa a descrever a formação identitária de Hari. A narrativa pública também desempenha papel crucial na subjetividade do narrador africano. Ela caracteriza outra dimensão da vida das pessoas. Agora, Hari narra, de forma prioritária, a história de seu povo. E esclarece: “sei que outros terão suas próprias histórias para contar, com certeza, esta narrativa ajudará a relatar toda a verdade sobre a tragédia de Darfur.”¹⁶³ A narrativa pública de Hari, sobre o Sudão e a cidade de Darfur, se ajusta à definição de Somers (1994), para quem

as narrativas públicas são aquelas narrativas relacionadas às formações culturais e institucionais mais amplas do que as individuais, às redes intersubjetivas ou instituições, micro ou macro histórias, locais ou globais (...) As narrativas públicas vão desde as narrativas familiares às do local de trabalho (os mitos organizacionais), da igreja, do governo, e da nação.¹⁶⁴

As relações entre as narrativas do mundo e as identidades de Hari são estabelecidas abaixo, a partir do procedimento comparativo entre língua fonte e língua alvo. Abre-se a discussão com as identidades de assimilação.

¹⁶³ HARI, 2008: 12

¹⁶⁴ SOMERS, 1994: 619 [*Public narratives are those narratives attached to cultural and institutional formations larger than the single individual, to intersubjective networks or institutions, however local or grand, micro or macro-stories (...) Public narratives range from the narratives of one's family, to those of the workplace (organizational myths), church, government, and nation*]

4.2.1 Hari: estratégias tradutórias e identidades assimilacionistas na narrativa pública

Como a tradução, o sujeito assimilacionista também se caracteriza pela diferença. Ao assumir a cultura do outro mais prestigioso, Hari se torna diferente daqueles da sua cultura de origem. No excerto abaixo,

TP – The U.S. officers interrupted my investigation of this misunderstanding. They brought us blankets and sleeping bags, Cokes, and goat burgers. So this happiness overwhelmed our little problems. (p. 170).

TC – Os militares americanos interromperam minha investigação a respeito do mal-entendido. Trouxeram cobertores, sacos de dormir, Coca-Colas e hamburgers de carne de cabra. Aquela felicidade então suplantou nossos problemas menores. (p. 164).

os contornos da narrativa pública se relacionam ao emprego do possessivo “nossos”, evidenciando um coletivo de africanos sudaneses. Já a formação identitária do Hari assimilacionista se caracteriza pela aproximação, explícita com os militares americanos, e explicitação da bebida “Coca-Cola”, símbolo importante do imperialismo cultural e econômico dos valores ocidentais que os Estados Unidos representam, defendem e propagam. No *locus* da tradução, Moura Filho recorre à sinonímia para transportar ao texto alvo uma série de fenômenos de tradução: a abreviação [*U.S.*] como [*americanos*]; o substantivo [*officers*] como [*militares*]; a preposição [*of*] como [*a respeito do*]; o substantivo [*goat*] como [*carne de cabra*]; e, por fim, o adjetivo [*little*] como [*menores*]. Moura Filho, mais adiante, traduz o termo [*so*] como [*então*], pospondo-o ao sujeito “aquela felicidade”.

Na passagem que segue,

TP – I was Philip’s translator and guide, and it was my job to keep us alive (...) I don’t know how Philip got my cell number in the first place – maybe from the U.S. Embassy, or the U.S. State Department, or the British Embassy. (p. 4).

TC – Fui tradutor e guia de Philip e era meu dever manter-nos vivos (...) Nem sei como Philip

conseguiu o número do meu celular – talvez alguém da Embaixada Americana ou então do Departamento de Estado – Ministério das Relações Exteriores –, ou quem sabe da Embaixada Britânica. (p. 14).

a referência às atividades profissionais – tradutor e guia – é indicativa de uma narrativa pública. E a associação ao cinegrafista britânico Philip simboliza a associação de Hari ao mundo cultural ocidental. A atividade de tradutor vai mostrar ao mundo ocidental o Sudão negro em conflito. Evidências da assimilação dos bens culturais ocidentais se mostram não apenas na posse de um celular, mas, especialmente, na disponibilização do número aos vários órgãos internacionais, americanos, britânicos, e Nações Unidas. Moura Filho, inicialmente, emprega a categoria semântica *sinonímia* para transpor o vocábulo [*job*] para o nosso idioma como [*dever*]. Através da modalidade pragmática *filtro cultural*, o tradutor não traduz a expressão inglesa “*in the first place*”. O acréscimo do sintagma nominal “*alguém*” se explica pela utilização da estratégia gramático-sintática *alteração na estrutura da locução*. Por fim, a tradução da sigla [*U.S.*] por [*Americana*] é esclarecida na abordagem semântica *sinonímia*.

No próximo trecho,

PT – I got a job cleaning tables at a restaurant after classes. I watched television for the first time (...) I did like the movies, but the first one I saw was a Clint Eastwood movie (...) At the restaurant, and from the older students, I began to learn about politics. (p. 16-17).

PC – Arranjei um emprego num restaurante (...) Foi a primeira vez que assisti à televisão (...) Gostava mesmo era dos filmes. O primeiro a que assisti foi um do Clint Eastwood. No restaurante e também com os alunos mais velhos, comecei a aprender política. (p. 24-25).

novamente, a evidência de se estar diante de uma narrativa pública é a referência ao restaurante como o local de trabalho onde Hari limpa mesas. Aí, a identidade assimilacionista do tradutor se vincula a alguns bens culturais ocidentais: a televisão, os filmes, o artista hollywoodiano Clint Eastwood e, em certa medida, a política à moda ocidental. Em relação à tradução, percebe-se que, através da categoria semântica

sinonímia, Moura Filho traduz o verbo [got] como [arranjei], mas deixa de traduzir a oração “*cleaning tables*”, evidenciando a utilização da elipse, de acordo com a modalidade gramático-sintática *mudança na coesão*. Além de antecipá-la na frase, Moura filho emprega o modelo gramático-sintática *deslocamento de nível* para traduzir o sintagma nominal [for the first time] como a oração [foi a primeira vez]. A partícula de ênfase [did] migra para o texto alvo como [mesmo] através da abordagem semântica *sinonímia*. Diferença na utilização da pontuação também aparece entre os dois textos. Além disso, encontram-se evidências da preferência de Moura Filho por manter o sujeito implícito “*eu*”, mesmo diante da sua explicitação em inglês.

A passagem abaixo

TP – Later, Megan and Lori sent me books, including an English-Arabic dictionary I still have. They did not send these things because I was a bad translator, but because I told them I wanted to learn English much better. (p. 90).

TC – Tempos depois, Megan e Lori me mandaram livros, incluindo um dicionário inglês-árabe que eu ainda tenho. Não que eu seja um mau tradutor; é que eu tinha dito a elas que queria melhorar o meu inglês. (p. 92).

faz parte da narrativa pública pela referência à atividade profissional de Hari como tradutor. A questão identitária de cunho assimilacionista se esclarece pela associação do personagem a duas americanas, voluntárias, engajadas em ações humanitárias no Sudão. Também à língua inglesa. Na área da tradução, Moura Filho transpõe o advérbio [later] como [tempos depois] através da categoria semântica *sinonímia*. Através da modalidade gramático-sintática *deslocamento de unidade* o tradutor brasileiro não traduz a oração “They did not send these things” e ainda transforma a oração [I was not a bad translator] na [não que eu seja um mau tradutor]. Pelo emprego da abordagem gramático-sintática *deslocamento de nível*, Moura Filho faz a conjunção [because] chegar ao português como a oração [é que]. A mudança de tempo verbal entre [told] e [tinha dito] se justifica pelo emprego da categoria gramático-sintática *mudança na estrutura do sintagma*. Por fim, pelo uso da mesma estratégia, a oração [to learn English much better] é reduzida para [melhorar o meu inglês].

No trecho que segue,

TP – Megan called me from New York; Philip from London; others from all over. *Yes, I am okay.* (p. 110).

TC – Megan me ligou de Nova York, Philip, de Londres, e mais um monte de gente de tudo quanto era lugar. *Estou bem, sim!* (p. 110).

se, de um lado, a atividade de tradutor caracteriza as experiências de Hari como pertencente à narrativa pública, do outro, as suas ligações com a americana Megan e o britânico Philip o associam a profissionais americanos, como o uso da tecnologia ocidental, o celular. Moura Filho utiliza a categoria semântica *alteração na distribuição* para expandir o vocábulo [*others*] para [*um monte de gente*] e a expressão [*from all over*] para [*de tudo quanto era lugar*]. Entre as orações [*yes, I am okay*] e [*Estou bem, sim*], a posposição do “*sim*” se explica pela aplicação da modalidade pragmática *alteração na elocução*. A tradução de [*okay*] como [*bem*] se explica pelo emprego da abordagem semântica “*sinonímia*”.

4.2.2 Hari: estratégias tradutórias e identidades nacionalistas na narrativa pública

Narrativa pública e identidade nacionalista se encontram nas experiências de Hari. Diferente da narratividade do *Self*, a pública se relaciona às experiências da nação. No excerto abaixo,

TP – So here it is, God: I am up there now in my heart, and I put this book in Your mountain as an offering to You. And I praise You by all Your Names, and I praise our ancient Mother of the Earth, and all the Prophets and wise men and women and Spirits of heaven and earth who might help us now in our time of need. (p. XII).

TC – Bem, Deus, aqui estou eu, no topo da montanha, de coração aberto, entregando-Vos este livro como oferenda. Rogo ao Senhor, evoco todos os Vossos Nomes, rogo à Mãe Natureza e a todos os Profetas, feiticeiros e feiticeiras e Espíritos do Céu e da Terra que nos ajudem nesta hora difícil. (p. 11).

a nação está representada na montanha “Vila de Deus”, local onde Hari se encontra no momento, com o fruto do trabalho de tradutor nas mãos.

Sendo um lugar importante para a população do país africano, o apreço de Hari pela montanha revela a sua identidade nacionalista. O nacionalismo identitário de Hari toma a forma de idealização do país, através da idealização religiosa da montanha, como as várias invocações às múltiplas divindades sugerem. Para lidar com o trecho, Moura Filho se vale da categoria semântica *paráfrase*, deixando a tradução mais solta e livre. Dentro da *paráfrase*, porém, surgem intervenções mais pontuais. Por exemplo, Moura Filho utiliza a modalidade gramático-sintática *deslocamento de unidade* para esclarecer algumas diferenças entre os dois textos: entre [*so here it is*] e [*Bem*]; entre [*in my heart*] e [*de coração aberto*]. Estratégias semânticas também são utilizadas por Moura Filho. Primeiramente, para lidar com a alteração na posição dêitica de [*there*] e [*aquí*]; em seguida, para traduzir [*praise*] como [*rogo*], se vale da *sinonímia*; pela mesma *sinonímia*, traduz os sintagmas nominais [*wise men and women*] como [*feiticeiros e feiticeiras*] e [*in our time of need*] como [*nesta hora difícil*].

A passagem que segue

TP – I write this also for the women and girls of Darfur (...) Though they have been victimized, they are heroes more than victims. My aunt Joyar, for example, was a famous warrior (...) and always won. She refused to marry until she was in her forties. (p. xi).

TC – É também pelas mulheres e meninas de Darfur que escrevo este livro (...) Embora tenham sofrido atrocidades, são mais heroínas do que vítimas. Minha tia Joyar, por exemplo, era uma guerreira (...) e sempre venceu. Ela se recusou a casar antes dos quarenta. (p. 10-11).

se aproxima da narrativa pública pela tripla referência: às mulheres de Darfur, à cidade de Darfur, e à família na figura da tia Joyar. O apreço à cidade, às mulheres e à tia caracteriza a identidade nacionalista de Hari, ou seja, sua identificação com a experiência africana protagonizada pelas mulheres de Darfur. Do lado da tradução, Moura Filho transforma um período simples em composto, pelo emprego da categoria gramático-sintática *deslocamento de unidade*. No nível micro, dentro do período, [*also*] é traduzido como [*é também*], o dêitico implícito [*this*] se transforma em [*este livro*]. Em seguida, pela utilização da modalidade *alteração na estrutura da oração*, Moura Filho transforma a passiva [*they have been victimised*] na ativa [*tenham sofrido atrocidades*]. Na

mesma oração, o verbo [victimized] chega como [*sofrido atrocidades*] por meio da *sinonímia*. Através do modelo semântica *alteração na ênfase*, o adjetivo [*famous*] se ausenta no texto de chegada. O sintagma [*in her forties*] migra para o texto alvo como [*dos quarenta*], por meio da *sinonímia*.

No trecho abaixo,

TP – As for the future, the only way that the world can say no to genocide is to make sure that the people of Darfur are returned to their homes and given protection (...) It must not be allowed to work. The people of Darfur need to go home now. (p. X).

TC – Para o futuro, a única maneira de o mundo dizer não à idéia de genocídio é assegurar que o povo de Darfur possa retornar ao seu território com segurança. (...) Temos que dar um basta nisso. O povo de Darfur precisa voltar para casa agora. (p. 10).

a indicação que estamos diante de uma narrativa pública de novo se relaciona à cidade de Darfur, e ao genocídio como uma narratividade nacional. Na dimensão nacional da narrativa, a identificação de Hari com as vítimas das atrocidades sustenta sua identidade nacionalista. Na abrangência da tradução como diferença, Moura Filho estabelece, através da estratégia gramático-sintática *alteração na estrutura da locução*, uma distinção entre o modal presente [*can say*] e o infinitivo português [*dizer*]. Pela *sinonímia*, Moura Filho transporta a locução verbal [*make sure*] como [*assegurar*]. A categoria gramático-sintática *alteração na estrutura da oração* permite que o tradutor brasileiro consigne, no texto alvo, as passivas [*are returned*] como a ativa [*possa retornar*], e [(*are*) *given protection*] como o advérbio [*com segurança*]. A *sinonímia* esclarece a passagem da palavra [*homes*] como [*território*]. Entre as orações [*It must not be allowed to work*] e [*Temos que dar um basta nisso*] ocorrem alguns fenômenos tradutórios: a substituição da passiva “*not be allowed*” pela ativa “*temos que dar um basta*” ocorre amparada na estratégia *alteração na estrutura da oração*, pela *sinonímia*, transfere-se os verbos “(*not*) *allowed*” como “*dar um basta*”, e “*to work*” como o demonstrativo “*nisso*”.

No excerto seguinte,

TP – Forgive me for not using the names of some of these villages, but it is to avoid causing further trouble for those still hiding in these areas. (p. 100).

TC – Perdão por não mencionar os nomes de alguns desses vilarejos, mas é para não criar problema para quem porventura ainda possa estar escondido lá. (p. 101).

a narratividade pública transparece na referência à nação sudanesa, de forma geral e, de maneira específica, na referência aos vilarejos. É justamente este cuidado com os africanos que moram nos vilarejos que edificam a identificação nacionalista de Hari com a África e sua cultura. No âmbito tradutório, a oração imperativa [*forgive me*] é transformada no texto alvo como o substantivo [*perdão*], através da categoria gramático-sintática *deslocamento de unidade*. Moura Filho faz uso da *sinonímia* para traduzir os verbos [*using*] como [*mencionar*] e [*causing*] como [*criar*]; os substantivos [*villages*] como [*vilarejos*], [*trouble*] como [*problemas*]. Moura Filho contempla a ausência de tradução “*further*”, mas compensa a lacuna com a inclusão da palavra “*porventura*”, como indicação de possibilidade.

No trecho abaixo,

TP: Daoud, you know that if I shoot you there would be trouble between my family and your family someday, so I can't do this. (p. 140-141).

TC: – Daoud, você sabe que, se eu matar você, haverá conflito entre as nossas famílias mais cedo ou mais tarde. Por essa razão, não posso fazer isso. (p. 137).

a narratividade pública de Hari se articula ao redor da família sudanesa, mencionada de forma explícita no excerto. O entorno da família negra esclarece também a respeito da identidade nacionalista de Hari. Ao lidar com a tradução, Moura Filho, inicialmente, se vale da *sinonímia*, através da qual traduz [*shoot*] como [*matar*], [*someday*] como [*mais cedo ou mais tarde*] e [*so*] como [*por essa razão*]. Pela utilização da categoria gramático-sintática *alteração na estrutura da locução*, o sintagma verbal do futuro-passado [*there would be*] se move para o texto alvo como o futuro-presente [*haverá*].

4.2.3 Hari: estratégias tradutórias e identidades catalistas na narrativa pública

Se, como se constata até aqui, na narrativa pública as identidades de assimilação e nacionalismo de Hari se separam, percorrendo rotas opostas – a primeira revela a associação de Hari a aspectos do Ocidente; a segunda se fixa na simpatia a Darfur e Sudão – a identidade catalista procura fundir o Hari assimilacionista e o nacionalista.

Na primeira exemplificação desta união identitária,

TP – *This is my cell phone number. I speak English, Arabic, and Zaghawa and will take reporters and investigators to the Darfur refugee camps and into Darfur. I translated for the genocide investigators, if you want to talk to them about me.* (p. 87).

TC – *Este é o número do meu celular. Falo inglês, árabe e zaghawa e posso levar repórteres e investigadores aos campos de refugiados de Darfur e até mesmo a Darfur. Trabalhei como tradutor para os investigadores sobre o caso de genocídio, se você quiser pegar informação com eles.* (p. 88).

a narrativa pública se evidencia através do mais dramático problema da nação, o genocídio em Darfur. Por outro lado, o assimilacionismo de Hari se configura ao redor da tecnologia – o celular –, da língua inglesa que ele geralmente trata de “meu inglês”, através da atividade como tradutor, e da aproximação aos repórteres e investigadores, especialmente dos Estados Unidos. Já o nacionalismo de Hari se relaciona às referências às línguas africanas – árabe e zaghawa – aos campos de refugiados de Darfur. No *locus* da tradução, Moura Filho utiliza a estratégia gramático-sintática *alteração na estrutura da locução* para traduzir [*I will take*] como [*posso levar*], mudando o tempo verbal de futuro para o presente modal. Em seguida, traduz [*into*] como [*até mesmo*], através da utilização da categoria semântica *alteração na ênfase*. Moura Filho faz a oração [*I translated*] migrar para o português como [*trabalhei como tradutor*], através da modalidade gramático-sintática *alteração na estrutura da frase*. A presença da locução [sobre o caso] se explica pela utilização da abordagem semântica *alteração na ênfase*. O sintagma verbal [*talk to them*], traduzido como [*pegar informação com eles*] migra para o texto alvo pelo uso do modelo

semântico *alteração na abstração*, o que deixa o resultado mais concreto. Por fim, a locução [*about me*] não recebe tradução, em função do emprego da estratégia gramático-sintática *mudança na coesão*.

No exemplo abaixo,

TP – I had made friends with the right people in the Chad government, who could quickly approve travel permits for reporters. (p. 91)

TC – Fiz amizade com gente do governo chadiano, gente que poderia me ajudar, expedindo visto para os repórteres com rapidez. (p. 92).

a narrativa pública evidencia a hibridação identitária de Hari. A assimilação o coloca em contato com os investigadores ocidentais, através do trabalho como tradutor de línguas africanas para o inglês. O nacionalismo informa que a intermediação de Hari é feita junto às autoridades governamentais negras do Chade, em favor dos refugiados negros de Darfur. Nesta hibridação identitária, a primeira manifestação de diferença tradutória entre os dois textos se manifesta na tradução da oração [*I had made friends*] como [*fiz amizade*]. A alteração do tempo verbal – do mais que perfeito “*had made*” para o perfeito simples “*fiz*” – se baseia na categoria gramático-sintática *alteração na estrutura da locução*. Ainda, a diferença entre “*friends*” e “*amizade*” se explica pela aplicação da modalidade semântica *alteração na abstração*, através da substituição de um termo concreto por um abstrato. Moura Filho dá um tratamento especial à tradução de [*right people*] como [*gente que poderia me ajudar*]. Primeiramente, a tradução de “*people*” como “*gente*” acontece em função da estratégia semântica *sinonímia*. Depois, a passagem de “*right*” como “que podia me ajudar” se justifica através da abordagem semântica *alteração na distribuição*, por meio da expansão do componente semântico inglês na oração portuguesa. Moura Filho também constrói distinções entre os dois textos na passagem para o português da oração [*who could quickly approve travel permits for reporters*] como [*expedindo visto para os repórteres com rapidez*]. Primeiramente, no nível macro, transforma a oração adjetiva em adverbial. Em seguida, no nível micro, o verbo “*approve*”, o substantivo “*travel permits*” e o advérbio “*quickly*” migram para o texto alvo como “*expedir*”, “*visto*” e “*com rapidez*” pela *sinonímia*. Na passagem, “*permits*” perde o plural e “*quickly*” se expande.

No excerto que segue,

- TP** – What the journalists like to do is take pictures of what you do so everyone can see what the Sudan Army does to the Sudan people. (p. 156).
- TC** – Os jornalistas gostam de tirar fotos do que vocês fazem de modo que o mundo inteiro veja o que o Exército sudanês faz com os Sudaneses. (p. 150).

Hari esclarece uma outra característica da narrativa pública, além da sua abrangência sobre a vida da nação, ela também se caracteriza pelo componente de denúncia que veicula. É através da denúncia aos jornalistas ocidentais a respeito dos maus tratos perpetrados pelo exército sudanês contra a população, que Hari também constrói uma identidade catalista, baseada na preocupação com a população negra (nacionalismo) e no contato com o mundo ocidental através dos jornalistas, dos repórteres e dos investigadores internacionais. Na tradução, através da aplicação da categoria gramático-sintática *alteração na estrutura da sentença*, Moura Filho reduz duas orações [*what the journalists like to do is to take pictures*] a uma [*Os jornalistas gostam de tirar fotos*]. Por meio da *sinonímia*, traduz a conjunção [*so*] como [*de modo que*]. Pela mesma modalidade semântica, [*everyone*] migra para o português como [*o mundo inteiro*]. Pela abordagem *alteração na estrutura da locução*, Moura Filho muda o tempo e o modo verbais entre o modal [*can see*] e o subjuntivo presente [*veja*]. Além disso, pela *sinonímia* traduz a preposição [*to*] como [*com*], e [*Sudan people*] como [*Sudaneses*].

Na penúltima passagem,

- TP** – For it has no meaning to take risks for news stories unless the people who read them will act. (p. 182).
- TC** – De nada vale correr riscos em prol de reportagens a menos que elas encorajem o leitor a fazer alguma coisa. (p. 174).

a atenção de Hari ainda se volta para o povo de Darfur, o que caracteriza a passagem como pertence ao fenômeno da narratividade pública. A identidade de Hari, porém, deve ser vista como hibridizada, uma vez que esta estória escrita em inglês apela a dois tipos de leitores: os negros e os ocidentais brancos. A assimilação da língua inglesa para contar uma história africana atribui ao contador identidade de assimilação e de nacionalismo, ou seja, catalista. Moura Filho torna possível a tradução da oração [*has no meaning*] como [*de nada vale*], através da categoria gramático-sintática *alteração na estrutura da oração*. Na oração, “no”

chega ao português como “nada” e “meaning” como “vale”, pela *sinonímia*. Na outra parte da sentença, a *sinonímia* se apresenta para descrever a tradução da preposição [*for*] com [*em prol*] e do sintagma nominal [*news stories*] como [*reportagens*]. Mais adiante, Moura Filho reduz a oração [*people who read*] a um substantivo [*leitor*], pelo emprego da modalidade gramático-sintática *alteração na estrutura da oração*. Por fim, a oração [*will act*] aporta no texto português como [*fazer alguma coisa*] pela expansão de itens que a abordagem semântica *alteração na distribuição* descreve.

No último excerto,

TP – They [the massalit] explained that this man [“Dr. John”] was looking for translators to go to the camps, and they were going with him. Also, he needed a Zaghawa translator. It seems we had been looking for each other. (p. 70).

TC – Eles [os massalit] me explicaram que aquele homem branco [“Dr. John”] procurava tradutores para levá-lo até os campos de refugiados. Eles também o acompanhariam. Ele precisava ainda de um tradutor zaghawa. Pelo jeito, procurávamos um ao outro. (p. 73-74).

as relações entre a narrativa pública e a identidade catalista de Hari se autoevidenciam. De um lado, a narratividade pública se mostra na atividade de tradutor, trabalho de Hari; o catalismo do tradutor funde o contato com branco “Dr. John” e os africanos negros da etnia messalit. A tradução de Moura Filho interfere no nível do período para promover distinções entre texto fonte e língua alvo. Primeiramente, através da estratégia pragmática *alteração na explicitação*, o brasileiro explicita o pronome “me”, o adjetivo “branco” e a locução “de refugiados”, elementos implícitos no inglês. No mesmo período, pelo emprego da categoria gramático-sintática *alteração na estrutura da locução*, o tempo verbal das orações migram do “past continuous” [*was looking; were going*] para o imperfeito e futuro do pretérito [*procurava; acompanhariam*]. No trecho, a *sinonímia* descreve a tradução de “go with” como “acompanhar”, e de [*also*] anteposto como [*ainda*] posposto. Na oração final, Moura Filho recorre à categoria pragmática *alteração interpessoal* para justificar a tradução da oração [*it seems*] com a locução [*pelo jeito*]. Pelo emprego da estratégia gramático-sintática *alteração na estrutura da locução*, Moura Filho traduz a locução verbal [*we had been looking*] como [*procurávamos*].

4.3 MOBILIDADES E DIFERENÇAS NA TRADUÇÃO

A implicação mais visível que resulta da análise desenvolvida, neste capítulo, é a tríplice mobilidade pela qual passa o tradutor Hari no relato de *O Tradutor*: mobilidade narrativa, identitária e translatória. Bhabha (1998) esclarece a respeito da mobilidade que caracteriza as experiências de sujeitos pós-coloniais, exemplificadas pelas experiências de Hari, dizendo que

os discursos pós-coloniais contemporâneos estão enraizados em histórias específicas de deslocamento cultural, seja como “meia-passage” da escravidão para a servidão, como “viagem para fora” da missão civilizatória, a acomodação maciça da migração do Terceiro Mundo para o Ocidente após a Segunda Guerra Mundial, ou o trânsito de refugiados econômicos e políticos dentro e fora do Terceiro Mundo.¹⁶⁵

No âmbito da narratividade, o “refugiado econômico e político” Hari se desloca entre as modalidades ontológica e a pública de narrativa. Na esfera ontológica, o *Self* do tradutor Hari se movimenta entre idiomas diferentes, e suas palavras expõem este deslocamento linguístico: “o fato de eu falar zaghawa, árabe e inglês fez com que eu fosse útil aos membros dos grupos de ajuda que estavam entrando no Chade.”¹⁶⁶ No domínio da narrativa pública, ele coloca sua habilidade linguística de tradutor a serviço de profissionais e do povo de Darfur preocupados em encontrar soluções para o conflito na região. O comentário a respeito do fim do conflito chama atenção do mundo: “para o futuro, a única maneira de o mundo dizer não à ideia de genocídio é assegurar que o povo de Darfur possa retornar ao seu território com segurança.”¹⁶⁷

A mobilidade internarrativa de Hari serve de pano de fundo para outro tipo de movência: a identitária. Na abrangência das identidades, o narrador-tradutor se desloca entre assimilação, nacionalismo e catalismo. A identidade assimilacionista de Hari se caracteriza pela maneira como ele se identifica com as grandes obras da literatura de

¹⁶⁵ BHABHA, 1998: 241

¹⁶⁶ HARI, 2008: 68

¹⁶⁷ *Ibid.*, p. 10

língua inglesa. Ele mesmo deixa claro que “me encantei por clássicos de literatura inglesa e da americana. Particularmente, adorei *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë (...) Estas obras promoveram uma mudança em mim: abriram a minha cabeça.”¹⁶⁸ Já o nacionalismo de Hari se manifesta de maneira oposta à assimilação, não mais se dirigindo ao que vem de fora, mas realçando características étnico-raciais que o identificam “como zaghawa pelas minhas cicatrizes em forma de aspas feitas pela minha avó na altura das temporadas, quando era criança.”¹⁶⁹ E o catalismo de Hari, por sua vez, aparece nos momentos em que ele junta seus contatos com os estrangeiros aos encontros com o povo africano. Ele verbaliza sua identificação catalista a estes dois lados da sua experiência, dizendo que “os jornalistas gostam de tirar fotos do que vocês [refugiados darfunianos] fazem de modo que o mundo inteiro veja o que o Exército sudanês faz com os Sudaneses.”¹⁷⁰

Na abrangência da tradução, ocorre o deslocamento cultural e linguístico de Hari. Bhabha (1998) esclarece que

a cultura como estratégia de sobrevivência é tanto transnacional como tradutória (...) A cultura é tradutória porque essas histórias espaciais de deslocamento – agora acompanhadas pelas ambições territoriais das tecnologias “globais” de mídia – tornam a questão de como cultura significa, ou o que é significado por cultura, um assunto bastante importante.¹⁷¹

Linguisticamente, o Hari de *O Tradutor* associa a sua tradução a uma dupla narratividade e a uma tripla identificação. Esta triangulação enseja o aparecimento da diferença, a segunda implicação do estudo. Chesterman (1997) e Baker (2006) sinalizam a qualidade diferenciadora da tradução. Chesterman, por exemplo, afirma que no processo translatório “as ideias se deslocam e mudam durante a tradução”¹⁷², provocando diferenças. Baker esclarece que a mudanças textuais ocorrem, provocadas pela

apropriação seletiva de material textual [que] se realiza em padrões de omissão e adição

¹⁶⁸ HARI, 2008: 25-26

¹⁶⁹ Ibid., p. 16

¹⁷⁰ Ibid., p. 150

¹⁷¹ BHABHA, 1998: 241

¹⁷² CHESTERMAN, 1997: 2 [*ideas spread and change as they are translated*]

desenhados para suprimir, acentuar ou elaborar aspectos específicos de uma narrativa codificados no texto ou na oração fonte, ou em aspectos da narrativa maior nos quais o material textual se encontra embutido.¹⁷³

Exemplo da diferenciação linguística ocorre entre a locução inglesa [*others from all over*] e a oração portuguesa [*mais um monte de gente de tudo quanto era lugar*]. Se combinarmos as estratégias de Chesterman e Baker, podemos esclarecer a diferença ocorrida entre a língua fonte e a língua alvo, através de uma estratégia que podemos chamar de “*adição sinônímica*”, que permite a manutenção do significado ainda que se aumente o texto. Se para Baker (2006), a diferença se acentua pelo aumento de termos, para Chesterman (1997), ela ocorre por que a sinonímia permite o emprego “de um sinônimo ou quase sinônimo para evitar a repetição.”¹⁷⁴ Assim, para realizar a tradução da palavra [*others*] o tradutor recorre à adição de cinco palavras [*mais um monte de gente*]. Para traduzir a locução [*from all over*] o tradutor recorre à oração [*e tudo quanto era lugar*]. Um caso ainda mais visível explícita, de forma mais categórica, a diferença pela tradução da oração fonte [*somehow, all of them worked*] pelo período alvo [*sabe-se lá por que ou por que cargas d'água, toda aquela mobilização rendeu frutos*], pela adição de muitos elementos textuais. Porém, segundo Baker (2006), a diferenciação translatória se vale também do recurso da omissão ou subtração de termos. Na narrativa objeto deste estudo, a omissão é menos frequente que a adição. Uma dessas ocorrências indica que o advérbio [*in the first place*] não é traduzido.

A diferença tradutória se faz acompanhar da diferença racial e identitária. No deslocamento da modalidade narrativa ontológica para a pública, Hari se desloca do individual para o social, transformando-se racial e culturalmente. O mesmo fenômeno ocorre quando ele se move da assimilação para o nacionalismo e catalismo. Deparamo-nos, assim, com três Haris diferentes, identitariamente.

¹⁷³ BAKER, 2006: 114 [*Selective appropriation of textual material is realized in patterns of omission and addition designed to suppress, accentuate or elaborate particular aspects of a narrative encoded in the source text or utterance, or aspects of the larger narrative(s) in which it is embedded*]

¹⁷⁴ CHESTERMAN, 1997: 102 [*a synonym or near-synonym for it, e.g. to avoid repetition*]

Em seu aspecto comparativo envolvendo os textos fonte e alvo de *O Tradutor*, o capítulo cotejou as modalidades narrativas ontológica e pública com as categorias identitárias de assimilação, nacionalismo e catalismo. Através da aplicação das estratégias – sintáticas, semânticas, pragmáticas – desenvolvidas por Chesterman (1997), o capítulo viu na diferença linguística e cultural o aspecto mais relevante do ato tradutório, associando a diferença ao deslocamento da narrativa ontológica para a pública, e a dispersão da identidade assimilacionista para a nacionalista e catalista. Assim, o sujeito pós-colonial Hari se constituiu um detentor de mobilidades e diferenças. Na última parte da dissertação, apresentaremos as considerações finais do estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a realização destas considerações finais vale rerepresentar a tese que norteou o estudo. Ela estipulava, na introdução, que os investimentos de narratividade que Hari aportou ao texto pós-colonial de *O Tradutor* ensejariam a aproximação entre valores culturais ocidentais e africanos, base para a caracterização de duas modalidades narrativas e a construção de identidades distintas. A partir da tese, o objetivo geral do estudo propôs o exame de *O Tradutor* como espaço de construção de identidades raciais e textuais-tradutórias. A dupla construção identitária se desenvolveu com base nas modalidades ontológicas e públicas da narrativa e nas categorias identitárias de assimilação, nacionalismo e catalismo. Para a consecução da análise, associaram-se as narrativas e as identidades aos três tipos de estratégias de tradução – gramático-sintáticas, semânticas, pragmáticas – que Chesterman (1997) estipulou para descrever a tradução de elementos formais, aspectos semânticos e conteúdo de mensagens, respectivamente, como recursos linguísticos de promoção da diferenciação entre o texto fonte e o texto alvo.

Durante o estudo, a aproximação entre narrativa, identidade e tradução viabilizou dois aspectos: mobilidade e diferença. A mobilidade se realizou triplamente: (1) através do movimento de Hari da narrativa ontológica – baseado nas interações pessoais e particulares que protagonizou – para a pública – alicerçado nas intervenções sociais que ativou. Frases como “eu morava com minha família”¹⁷⁵ e “estava trabalhando com e para Jornalistas”¹⁷⁶ asseguraram esta dupla mobilidade internarrativa do personagem; (2) por meio da movência, Hari se deslocou da assimilação para o nacionalismo e, deste, para o catalismo. A valorização da literatura inglesa através da identificação com o romance *Oliver Twist* de Charles Dickens e da tecnologia americana do GPS reforçou a identidade assimilacionista do narrador sudanês. Por outro lado, a frase “eu adorava o meu camelo, que eu chamava de Kelgi”¹⁷⁷, aliada à identificação com a etnia zaghawa, realçou os aspectos de uma identificação de caráter nacionalista, presente no personagem. Por fim, o catalismo de Hari se evidenciou na fusão de dois elementos culturalmente distantes: a utilização da expressão zaghawa *humdallah*, *humdallah* e a amizade com a americana Megan. As duas referências sugerem a integração dos dois mundos

¹⁷⁵ HARI, 2008: 9

¹⁷⁶ Ibid., p. 162

¹⁷⁷ Ibid., p. 10

integrantes das experiências de Hari, o nativo e o estrangeiro; (3) em função da tradução linguística, Hari se deslocou da língua inglesa para a portuguesa, migrando do texto fonte para o texto alvo. As frases “my friends in Cairo soon contacted Zaghawa tribal leaders”¹⁷⁸ e “meus amigos do Cairo logo contataram líderes zaghawa”¹⁷⁹ exemplificam a mobilidade interlingual do narrador-tradutor.

Agora, a diferença.

Em função da utilização de três procedimentos tradutórios percebeu-se que as distinções entre o texto de partida e o de chegada se deram através de alterações sintáticas, semânticas e pragmáticas. Dentre as ocorrências sintáticas, um exemplo de diferença foi provocado pela transformação da oração [(...) *made me useful*]¹⁸⁰ no período [(...) *fez com que eu fosse útil*]¹⁸¹. Outra intervenção sintática do tradutor aconteceu na migração da locução [*my remaining days*] para o português como o período [*ao resto de vida que ainda me restava*]. Além das alterações sintáticas apontadas, intervenções semânticas também se fizeram presentes e provocaram efeitos distintivos na passagem de Hari do inglês para o português. A exemplificação utilizada acima para estabelecer distinções sintáticas também é rica em sinonímias. Por exemplo, o adjetivo [*remaining*] foi tratado, no texto alvo, de duas maneiras específicas: primeiramente, como o substantivo [*resto*]; em seguida, como o verbo [*restava*]. Trata-se de redundância que amplia e acentua, no texto português, o significado do vocábulo inglês. Semelhante situação ocorreu com a palavra inglesa [*days*]. Traduzido para o português como [*vida*], o vocábulo viu seu significado duplamente acentuado: primeiro, passou do concreto para o abstrato; em seguida, migrou do particular para o geral; ou da parte para o todo. As diferenciações pragmáticas também distanciaram o idioma fonte do idioma alvo. Duas ocorrências na abrangência da pragmática: a primeira faz referência à eliminação, no texto alvo, da oração [*since he knew*]; a segunda se refere à inclusão da locução [*de nossa tribo*].

As diferenças sintáticas, semânticas e pragmáticas entre texto fonte e texto alvo mencionadas, receberam também, com base no estudo de Chesterman (1997), as contribuições teóricas de Baker (2006), em especial, sua visão de que diferenciações entre os dois textos ocorrem no material textual do qual o tradutor se apropria seletivamente para

¹⁷⁸ HARI, 2008: 26; “*The Translator*”

¹⁷⁹ HARI, 2008: 33; “*O Tradutor*”

¹⁸⁰ HARI, 2008: 5; “*The Translator*”

¹⁸¹ HARI, 2008: 14; “*O Tradutor*”

adicionar ou eliminar algo. Na narrativa estudada, Moura Filho se serviu da omissão e da adição para, segundo Baker, “suprimir, acentuar ou elaborar aspectos da narrativa”¹⁸² que mereciam a legibilidade que, como tradutor, considerou adequada para o português, ou seja, a leitura da diferença.

Vale uma sugestão para futuros estudos: uma discussão paralela da tradução, não mais como diferença, mas como semelhança. Certamente Venuti (2002) identificaria o estudo finalizado ao viés domesticante da tradução, principalmente a análise da tradução no quarto capítulo. Este teórico da tradução acredita que a função desta prática translatória “é a assimilação, a inscrição de um texto estrangeiro com inteligibilidades e interesses domésticos.”¹⁸³ E adicionaria um componente estrangeirizante, sua visão preferencial. A análise da tradução estrangeirizante de *O Tradutor* poderia se configurar num novo projeto de estudo. Este se caracterizaria pelas semelhanças linguísticas entre o texto fonte e o texto alvo, e encamparia a literalidade como elemento provocador de estranheza na recepção do leitor alvo.

¹⁸² BAKER, 2006: 11 [*suppress, accentuate or elaborate particular aspects of a narrative*]

¹⁸³ VENUTI, 2002: 27; “*Escândalos da Tradução*”

REFERÊNCIAS

- APPIAH, Kwame Anthony. *Na Casa de Meu Pai: a África na filosofia da cultura*. Tradução Vera Ribeiro; revisão de tradução Fernando Rosa Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- BAKER, Mona. *Translation and Conflict: a narrative account*. Routledge, 2006.
- BANDIA, Paul F. *Translation as Reparation : Writing and Translation in Postcolonial Africa*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2008.
- BARSKY, Robert (2005). In: BAKER, Mona. *Translation and Conflict: a narrative account*. Routledge, 2006, p. 31.
- BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BENJAMIN, Walter. [1982-1940]. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre e história da cultura*; tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7 ed. São Paulo: Brasiliense; 1994.
- BERGEN, David. *Translation strategies and the student of translation*. Kieli Ja Kulttuuri Kääntäjän Työvälineinä. 2010, p. 109-126.
- BONNICI, Thomas. *Teoria e Crítica Pós-Colonialistas*. IN: Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas/ organização Thomas Bonnici, Lúcia Osana Zolin. Maringá: Eduem, 2003, p 205-221).
- BRANCO, Sinara de Oliveira. *Linguística, Tradução e Estudos Culturais*. Revista Eutomia – Ano III – Volume 2 – Dezembro/2010, p. 1-17.
- BRENNAN, Mary and BROWN, Richard (1997). In: BAKER, Mona. *Translation and Conflict: a narrative account*. Routledge, 2006, p. 32.
- BRUNER, Jerome (1991). In: BAKER, Mona. *Translation and Conflict: a narrative account*. Routledge, 2006, p. 17.

CÉSAIRE, Aimé. *Discours sur le Colonialisme, suivi fr Discours sur la Négritude*. Paris : Présence Africaine, 2004.

CHESTERMAN, Andrew. *Memes of Translation: The Spread of Ideas in Translation Theory*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1997.

DU BOIS, W.E.B. *As Almas da Gente Negra*. Tradução, introdução e notas, Heloísa Toller Gomes – Rio de Janeiro: Lacerda Ed. 1999.

FERREIRA, Ricardo F. *Afro-Descendente: identidade em construção*. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

FISCHER, Walter R (1987). In: BAKER, Mona. *Translation and Conflict: a narrative account*. Routledge, 2006, p. 9.

GERGEN, Kenneth J. and GERGEN, Mary M. (1997). In: BAKER, Mona. *Translation and Conflict: a narrative account*. Routledge, 2006, p. 32.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma Poética da Diversidade*; tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GUILLEBAUD, Jean-Claude. *Le Commencement d'un Monde: Vers une Modernité Métisse*. Paris : Éditions du Seuil, 2008.

HALL, Stuart. *The Work of Representation*. In: HALL, Stuart (ed.). *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. London: The Open-University, 1997, p. 13-74.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 6. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARI, Daoud. *The Translator: a tribesman's memoir of Darfur*. Penguin Books, 2008.

HARI, Daoud. *O Tradutor: memórias de um homem que desafiou a guerra*, traduzido para o português do Brasil por Antônio E. de Moura. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

- HINCHMAN, Lewis P. and HINCHMAN, Sandra K. (1997b). In: BAKER, Mona. *Translation and Conflict: a narrative account*. Routledge, 2006, p. 31.
- HOOKS, Bell. *Postmodern Blackness*. In: RICE, Philip & WAUGH, Patricia (eds.). *Modern Literary Theory: A Reader*. London: Arnold, 1996, p. 341-348.
- HOUSE, Juliane. *A Model for Translation Quality Assessment*. In: CHESTERMAN, Andrew. *Memes of Translation: The Spread of Ideas in Translation Theory*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1997.
- JÄÄSKELÄINEN, Riitta (1993). In: CHESTERMAN, Andrew. *Memes of Translation: The Spread of Ideas in Translation Theory*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1997.
- JONES, Francis R. (2004). In: BAKER, Mona. *Translation and Conflict: a narrative account*. Routledge, 2006, p. 33.
- LABOV, William (1972). In: BAKER, Mona. *Translation and Conflict: a narrative account*. Routledge, 2006, p. 8.
- LANDAU, Misia (1997). In: BAKER, Mona. *Translation and Conflict: a narrative account*. Routledge, 2006, p. 9.
- LEITE, Ligia C. Moraes. *O Foco Narrativo*. São Paulo: Ática, 1997.
- LÖRSCHER, Wolfgang (1991). In: CHESTERMAN, Andrew. *Memes of Translation: The Spread of Ideas in Translation Theory*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1997.
- MACINTYRE, Alasdair (1981). In: BAKER, Mona. *Translation and Conflict: a narrative account*. Routledge, 2006, p. 31.
- MAIER, Carol. In: CHAMBERLAIN, Lori. *Gênero e a Metáfora da Tradução*. P. 33 a 53; tradução de Norma Viscardi; In: OTTONI, Paulo (org.) *Tradução a Prática da Diferença*. FAPESP/UNICAMP Campinas, 1998.

MEMMI, Albert. *Retrato do Colonizado precedido pelo Retrato do Colonizador*; [prefácio de Jean-Paul Sartre]; tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MUDIMBE (1988). In: GUILLEBAUD, Jean-Claude. *Le Commencement d'un Monde: Vers une Modernité Métisse*. Paris : Éditions du Seuil, 2008, p. 177.

MUNANGA, K. *Negritude Usos e Sentidos*. São Paulo: Ática, 1986.

MUNANGA, K. *Construção da Identidade Negra no Contexto da Globalização*. Vozes além da África: tópicos sobre identidade negra, literatura e história africanas/ organizador Ignácio G. Delgado...[et al.]. – Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006.

NOVITZ, David (1997). In: BAKER, Mona. *Translation and Conflict: a narrative account*. Routledge, 2006, p. 30 e 31.

PATERSON, Janet M. *Diferença e Alteridade: Questões de Identidade e de Ética no Texto Literário*; tradutor André Soares Vieira; In: *Figurações da Alteridade*. Eurídice Figueiredo; Maria Bernadete Velloso Porto (Organizadoras) – Niterói: EdUFF, 2007.

PINSEGHER, Mara L. *De Catherine a Catherine: Relendo Raça em Experiências Pós-Colonistas nos Romances O Morro dos Ventos Uivantes de Emily Brontë e Corações Migrantes de Maryse Condé*. Monografia de conclusão do Curso de Especialização em Circuitos de Teoria Literária, no Centro Universitário Campos Andrade de Curitiba. 2006.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 1990.

SAID, Edward W. *Representations of the Intellectual*. New York: Vintage Books, 1996.

SCHLEIERMACHER, F.D.E. [1768-1834] *Sobre os diferentes métodos de tradução*. Tradução de Mühlen Poll. P. 27 a 87. In: HEIDERMANN, W. (org.). *Clássicos da Teoria da Tradução*. Florianópolis UFSC, Núcleo de Tradução, 2001.

SARTRE, J.P. *L'existentialisme est un humanisme*. Paris: Éditions Gallimard, 1996.

SOMERS, Margaret (1992). In: BAKER, Mona. *Translation and Conflict: a narrative account*. Routledge, 2006, p. 9 e 33.

SOMERS, Margaret. *The narrative constitution of identity: A relational and network approach*. In: *Theory and Society* 23: 605-649. Kluwer Academic Publishers. Printed in Netherlands. 1994.

SOMERS, Margaret R. and GIBSON, Gloria D (1994). In: BAKER, Mona. *Translation and Conflict: a narrative account*. Routledge, 2006. p. 30 e 33.

STRÜMPER, Sabine Krobb (2003). *The Translator in Fiction. Language and Intercultural Communication*. Special Issue: Moving between Worlds: The Transcultured Self in the Sphere of Creative Practice, Vol.3, N.2. p. 115-121.

THIEM, Jon. In: STRÜMPER, Sabine Krobb. *The Translator in Fiction. Language and Intercultural Communication*. Special Issue: Moving between Worlds: The Transcultured Self in the Sphere of Creative Practice, Vol.3, N.2. p. 119.

TYSON, Lois. *Learning for a Diverse World: Using Critical Theory to Read and Write about Literature*. London: Routledge, 2001.

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da Tradução: por uma ética da diferença*. Tradução Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esquerda e Valéria Biondo; revisão técnica Stella Tagnin. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

WEST, C. *The Dilemma of the Black Intellectual*. In: WEST,C. *Keeping Faith : Philosophy and Race in America*. New York: Routledge, 1993, p. 67-85.

WEST, C. *The New Cultural Politics of Difference*. In : WEST,C. *Keeping Faith: Philosophy and Race in America*. New York: Routledge, 1993, p. 32.

WHITE, Hayden (1987a). In: BAKER, Mona. *Translation and Conflict: a narrative account*. Routledge, 2006, p. 9.

Fontes na internet

BRUM, Eliane. Disponível em:

[<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI85352-15228,00-DAOUD+HARI+UM+HOMEM+HABITADO+POR+MORTOS.html>], acesso: 15/08/2010.

CHADE. Disponível em:

[http://www.portalbrasil.net/africa_chade.htm]; acesso: 22/2/2011.

DARFUR. Disponível em: [<http://www.pordarfur.org>]; acesso: 22/2/2011.

GENOCÍDIO. Disponível em:

[<http://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10007043>]; acesso: 23/2/2011

SUDÃO: Disponível em:

[http://www2.mre.gov.br/deaf/daf_3/sudao1.htm]; acesso: 23/2/2011.

TESTEMONY OF DAOUD IBRAHIM HARI. *Hearing on From Nuremburg to Darfur: Accountability for Genocide Before the Senate Judiciary Subcommittee on Human Rights and the Law*, 24 de junho de 2008. Disponível em:

[<http://judiciary.senate.gov/hearings/testimony.cfm?id>]; acesso: 13/9/2010.